

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Iane Ulhoa Faria

Corpo, Gênero e Poder: um olhar sociológico para a Dança de Salão de Uberlândia/MG

Uberlândia

Abril/2014

Iane Ulhoa Faria

Corpo, Gênero e Poder: um olhar sociológico para a Dança de Salão de Uberlândia/MG

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção dos graus de bacharel e licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Vannuchi.

Uberlândia

Abril/2014

Iane Ulhoa Faria

Corpo, Gênero e Poder: um olhar sociológico para a Dança de Salão de Uberlândia/MG

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção dos graus de bacharel e licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Vannuchi.

Nota

Banca:

Profa. Dra. Maria Lúcia Vannuchi

Orientadora – UFU

Profa. Dra. Cristiane Aparecida Fernandes da Silva

Examinadora – UFU

Prof. Dr. Márcio Ferreira de Souza

Examinador – UFU

Uberlândia, 29 de abril de 2014.

À minha mãe, Ana Paula, e ao meu pai, Iano, sempre presentes em minha vida, incentivando-me a buscar conhecimento, eu dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e ao meu pai, que se desdoblaram para que eu e meus irmãos tivéssemos acesso a uma educação de qualidade.

À minha irmã e ao meu irmão, por darem crédito aos meus sonhos.

Às minhas avós e aos meus avôs, pelos abraços apertados e pelas palavras doces.

Às minhas tias, aos meus tios, às minhas primas e aos meus primos, pelo incentivo constante.

Às Irmãs Carmelitas Missionárias de Santa Teresinha do Menino Jesus, que acolheram, por tantos anos, a mim e a meus irmãos no Colégio Dom Elizeu Van de Weijer.

Às amigas e aos amigos da 11ª turma de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, que comigo deram os primeiros passos da dura caminhada acadêmica.

Às professoras e aos professores do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, que tanto contribuíram para minha formação.

Ao PET (Programa de Educação Tutorial) Institucional Ciências Sociais, que garantiu-me oportunidades de vivenciar experiências extracurriculares fundamentais tanto para o meu desenvolvimento como cientista quanto para o meu crescimento como ser humano.

Ao GEPEGRES (Grupo de Estudos e Pesquisas de Gênero: relações sociais, representações e subjetividades), pelas leituras e debates que possibilitaram diversas passagens desse estudo.

À professora Eliane Schmaltz Ferreira, que orientou os “primeiros passos” dessa pesquisa e, apesar dos seus compromissos pessoais, não deixou que eu enfrentasse, sozinha, as dificuldades da trajetória acadêmica.

À professora Maria Lúcia Vannuchi, que, com desprendimento total, “abraçou” esse trabalho no “meio do caminho”, acreditou nas suas possibilidades e orientou sua redação final. Não fosse sua disponibilidade, eu não teria conseguido finalizar este estudo.

À professora Cristiane Aparecida Fernandes da Silva e ao professor Márcio Ferreira de Souza, que tão prontamente aceitaram avaliar esta monografia.

Às entrevistadas e aos entrevistados, que tornaram possível esta pesquisa.

À Mariana Andrade Barcelos Rosa. Sua amizade e apoio constantes foram fundamentais para afastar a angústia e a insegurança que me afligiram durante o processo monográfico. Além disso, ela “colocou a mão na massa”. Com sua leitura atenta e minuciosa, contribuiu com preciosas observações e sugestões para o aperfeiçoamento deste texto.

À Juliane Dias Nascimento e à Maura Roquete Amparo, amigas que, apesar da distância, confortaram-me nos momentos difíceis da realização desta pesquisa.

Ao Cristiano Antônio de Oliveira Silva, companheiro leal que, ao mesmo tempo, apaixonou-se pela dança de salão e por mim, pelas vezes que ficou privado da minha atenção e convívio.

A todos vocês, os meus sinceros agradecimentos.

Tudo o que é já foi dançado, tudo o que foi já se dançou e, talvez, sem percebê-lo, tudo o que há de ser já o dançamos. (OSSONA, 1988, p. 41).

RESUMO

O nosso estudo pretendeu verificar se os espaços ocupados e papéis desempenhados por mulheres e homens na dança de salão de Uberlândia eram reflexos da construção do “ser” mulher e homem nessa sociedade. Tratamos de investigar os aspectos sociodinâmicos e psicodinâmicos envolvidos nessa prática sociocultural no que dizia respeito à distinção entre o corpo feminino e o corpo masculino que aqui dançavam, isto é, como se dava, no momento da pesquisa, a construção simbólica de damas e de cavalheiros. Também nos preocupamos em saber a configuração sociorracial da dança de salão e sua relação com os processos de (re) produção e manutenção de uma ordem masculina, heterossexual e branca. Ainda averiguamos se havia espaço para praticantes que não se enquadravam nos modelos e padrões de expectativas sociais para mulheres e homens. Para tanto, analisamos as falas, obtidas por meio de entrevistas, das coordenadoras e dos coordenadores dos centros de formação em dança de salão dessa cidade, os quais tomamos como microcosmo dessa realidade social. O resultado principal dessa investigação foi perceber a dança de salão de Uberlândia como reduto da tradição em um contexto de mudanças sociais.

Palavras-chave: dança de salão; gênero; poder.

ABSTRACT

Our study intended to verify if the occupied spaces and roles played by women and men in the ballroom dancing of Uberlândia were reflections of the construction of “be” woman and man in this society. We try to investigate the aspects sociodynamics and psychodynamics involved in that sociocultural practice in regard to the distinction between the female body and the male body that danced here, this is, how was, at the time of research, the symbolic construction of ladies and gentlemen. We also concerned to know the configuration socio-racial of ballroom dancing and its relation to the processes of (re) production and maintenance a male, white and heterosexual order. We still check if there was space for practitioners who did not fit the models and standards of social expectations for women and men. To this end, we analyzed the speeches, obtained through interviews, of the coordinators of formation centers in ballroom dancing from this city, which we take as a microcosm of this social reality. The principal result of this research was to understand the ballroom dancing of Uberlândia as a redubt of tradition in a context of social changes.

Keywords: ballroom dancing; gender; power.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1: Imersão na história da dança: considerações acerca de seu surgimento até o desenvolvimento da dança de salão em Uberlândia.....	17
CAPÍTULO 2: Gênero e poder na dança de salão.....	25
CAPÍTULO 3: Caracterização dos (as) entrevistados (as) e análise das entrevistas.....	35
3.1. Caracterização dos (as) entrevistados (as).....	35
3.2. Análise das entrevistas.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICES.....	61

INTRODUÇÃO

O corpo não pode ser compreendido levando-se em consideração apenas o que há de biológico, físico e químico na sua constituição. Ele é também resultado de um processo de construção humana e devemos, por isso, examinar seu conteúdo social, cultural, político e econômico. A maneira como o corpo é visto e se faz ver, traz consigo uma multiplicidade de significados e de sentidos que merecem nossa atenção. É no intuito de compreender o corpo, enquanto elemento significativo do imaginário social, que o presente trabalho anseia caminhar. Segundo Le Breton:

No fundamento de qualquer prática social, como mediador privilegiado e pivô da presença humana, o corpo está no cruzamento de todas as instâncias da cultura, o ponto de atribuição por excelência do campo simbólico. Um observatório de alta fidelidade para os técnicos das ciências sociais. Mas, primeiramente é importante saber de que corpo se trata. (LE BRETON, 2012, p. 31).

O corpo cujas lógicas sociais e culturais pretendemos questionar é o corpo que dança. No entanto, não temos por finalidade descrever minuciosamente séries gestuais e/ou elementos técnicos específicos da dança. Trataremos de investigar os aspectos sociodinâmicos e psicodinâmicos envolvidos nessa prática social e cultural no que diz respeito à distinção entre o corpo feminino e o corpo masculino que dançam.

Cabe esclarecer, antes de prosseguirmos, o que entendemos por dança e qual tipo de dança servirá de objeto para a pesquisa. Dança é movimento. Não um movimento qualquer. É a ordenação lógica dos movimentos do corpo. Trata-se de sequências específicas de gestos modelados conforme hábitos culturais compartilhados pelos envolvidos nessa prática social. Nesse sentido, a dança como expressão social e cultural dos movimentos corporais é representação coletiva. Para efeitos dessa pesquisa, assim abordaremos a dança.

Convém frisar que, ao reconhecermos a dança como representação coletiva, estamos, em termos durkheimianos, evidenciando a sua origem. Como resultado da vida comum, a dança é produto de ações e reações não só daqueles que dançam, mas de todo o grupo social do qual faz parte. Independentemente das formas individuais que assume ao difundir-se, a dança existe, assim como a maioria dos fenômenos sociais, porque é uma maneira de ser coletiva.

Resta dizer que, ao falarmos de dança, devemos levar em consideração que existem tantos estilos quantos grupos sociais que a praticam. Como não esperamos dar conta desse universo multifacetado, faremos o nosso recorte. Problematizaremos a dança de salão.

A dança de salão, originada por volta do século XV nos bailes das cortes europeias, é uma dança a dois. Conhecida inicialmente como dança de casal e/ou dança de par, exigia a presença de uma figura feminina e outra masculina. Ao homem, o cavalheiro, cabia a condução da mulher, a dama. Logo depois, trazida às Américas pelos colonizadores, misturou-se às modalidades locais e popularizou-se. Contudo, não perdeu sua característica fundante, a saber, a obrigatoriedade de ser dançada sempre por uma mulher e um homem, sendo que, ao cavalheiro cabe a direção e à dama segui-lo com elegante obediência.

De fato o que nos interessa problematizar é o corpo para a dança de salão, ou melhor, a construção simbólica de damas e cavalheiros. Pretendemos verificar se os espaços ocupados e papéis desempenhados por damas e cavalheiros na dança de salão são reflexos da construção do que é ser mulher e ser homem na sociedade. Para tanto, partimos da hipótese de que os valores e padrões sociais e culturais referentes à construção das identidades de gênero e produtores de representações e autorrepresentações de gênero, presentes no dia-a-dia das dançarinas e dos dançarinos, interferem nas maneiras de ser da dama e do cavalheiro na dança de salão.

Propomos, assim, que a dança de salão deve ser percebida enquanto atividade social de determinado grupo e entendida como universo particular no qual os sujeitos se relacionam de maneira específica. Compreender as relações de gênero e poder nesse microcosmo é, portanto, o que pretendemos nesse estudo.

Parece-nos evidente que o sujeito relaciona-se com seu corpo atravessado pelo discurso social que o constitui. Nesse sentido, é possível formular que todas as atividades (físicas, artístico-culturais, lúdicas, intelectuais, etc.) desenvolvidas pelos indivíduos levam em consideração valores partilhados socialmente: noções do que é ser mulher e do que é ser homem e das relações de poder que envolvem essas construções. Sendo assim, a dança de salão pode ser considerada o espaço de emergência simbólica de certa lógica social e cultural. Adotamos, portanto, o pressuposto de que o campo da dança de salão, entendido como microcosmo das relações sociais de gênero e poder, (re) produz modos de pensar, ser e agir, que atribuem aos sujeitos que dançam papéis ancorados em atributos sociais cristalizados por uma ordem social heteronormativa.

Afunilando mais o nosso recorte, porque o universo da dança de salão também é imenso, o nosso campo de investigação serão os centros de formação em dança de salão da cidade de Uberlândia/MG. Por centro de formação, entendemos o espaço no qual é ensinada, aprendida e praticada a dança de salão de modo privilegiado. É um espaço que se dedica não apenas a oferecer aulas de dança de salão para o público interessado, mas também forma

corpos de baile, ou seja, equipes de dançarinas e de dançarinos que se dedicarão à dança de salão como professores e/ou farão parte de companhias de dança de salão como artistas.

Existem, hoje, em Uberlândia doze centros privados de formação em dança de salão: Academia Ritmo Dança de Salão, Academia Twist Dança de Salão, Bailar Dança de Salão, Brasil a Dois Dança de Salão, Clube de Dança Corpo e Movimento, Escola de Dança Leandro Theodoro, Escola de Dança Marildes Fernandes, Espaço da Dança Simone Gonçalves, InovaDança, Luna del Fuego Centro de Dança, Studio de Dança de Salão Fernando Lima, Studio RM. Desses, apenas três são coordenados por mulheres, a saber, Escola de Dança Marildes Fernandes, Espaço da Dança Simone Gonçalves e Luna del Fuego Centro de Dança.

Há, ainda, dois centros de formação em dança de salão que são públicos. O Dançando na UFU, criado em 2006 pela Divisão de Esportes e Lazer Universitário (DIESU), com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PROEX), para atender à comunidade interna (alunos, professores e servidores) da Universidade Federal de Uberlândia. E o Dançando no Parque, oferecido desde 2007 pela Fundação Uberlandense de Turismo, Esporte e Lazer (FUTEL) em parceria com a Prefeitura Municipal de Uberlândia no Parque do Sabiá. Ambos são coordenados por homens.

É pertinente explicarmos que existem na cidade de Uberlândia outros espaços que se dedicam ao ensino de dança de salão como, por exemplo, as academias de ginástica e as escolas de danças. No entanto, nelas a dança de salão não é tratada como atividade principal e o objetivo final ou é apenas o bem estar no que diz respeito à saúde do corpo ou somente o ensino-aprendizagem de um dos estilos de dança de salão.

Cremos que é nos centros de formação que estaremos mais próximos do entendimento da dança de salão como prática social e cultural pelo fato desses espaços se dedicarem à dança de salão de forma mais ampla. Além de formar novos profissionais para dança de salão, os centros de formação promovem frequentemente eventos como bailes, mostras, festivais, concursos, cursos de aperfeiçoamento e outros. Bem mais que tratar a dança de salão como esporte ou entretenimento, os frequentadores dos centros de formação em dança de salão encaram-na como estilo de vida.

Tomar os centros de formação em dança de salão da cidade de Uberlândia como parâmetros da pesquisa significa reconhecê-los como microcosmo da realidade social. Assim sendo, podemos, a partir deles, investigar como são (re) produzidas as identidades de gênero e contribuir com novas reflexões acerca da temática estudada.

Definido o campo de investigação, resta indicarmos os sujeitos alvos da pesquisa. Para este trabalho elegemos como porta-vozes dos centros de formação em dança de salão suas coordenadoras e/ou seus coordenadores. É a partir da fala desses sujeitos que pretendemos coletar os dados necessários para o enfrentamento e análise das nossas questões, a saber, verificar: se os espaços ocupados e papéis desempenhados por mulheres e homens na dança de salão são reflexos da construção do que é ser mulher e ser homem na sociedade; a configuração sociorracial da dança de salão e sua relação com os processos de (re) produção e manutenção de uma ordem masculina, heterossexual e branca; se há espaço para praticantes que não se enquadrem nos modelos e padrões de expectativas sociais para mulheres e homens.

Para além do compromisso científico, perceber e questionar as relações de gênero na dança de salão em Uberlândia é uma inquietação pessoal provocada pela imersão da estudante-autora nesse universo. A sua paixão pela dança de salão influenciou substantivamente a escolha da temática investigada. Nesse sentido, o objeto de estudo em questão traz consigo a subjetividade dessa autora, não pretendendo negar ou ignorar o seu lugar na experiência humana, mas situá-la como sujeito ativo dessa construção discursiva. Esse tema será discutido ao longo do trabalho, a fim de esclarecer a complicada trama entre a cientista e a sua pesquisa.

Considerando que o objetivo principal da nossa pesquisa é compreender as (auto) representações das mulheres e dos homens em relação às formas como eles (as) percebem, sentem e exercem papéis (e os conflitos a eles associados) na sociedade, de forma geral, e na dança de salão, de maneira específica, fizemos uma opção metodológica por procedimentos qualitativos.

A fim de obtermos os dados necessários para o enfrentamento das nossas questões, optamos por utilizar como técnica a realização de entrevistas com os sujeitos imersos nas relações que investigamos. Decidimos pela realização de entrevistas semiestruturadas. Esse tipo de entrevista, mesmo exigindo a elaboração de um roteiro que dê direção e, realmente, garanta unidade no levantamento dos dados, não demanda que sua aplicação seja rígida, o que permite o surgimento de novas questões durante o processo. Além disso, escolhemos trabalhar com entrevistas semiestruturadas pelo fato delas nos levarem a acessar informações que podem ser, se necessário, devidamente esclarecidas pelos sujeitos entrevistados. Como a nossa preocupação era compreender a visão de mundo do (a) depoente, consideramos essa a técnica mais adequada aos propósitos da nossa pesquisa.

A metodologia escolhida fundamenta-se no fato de que cada grupo social, e aqui entendemos os centros de formação em dança de salão de Uberlândia como grupos sociais,

tem um repertório, formas de discurso que são construídos pelas relações sociais de seus participantes. A fala revela os sistemas de valores, as normas, os símbolos, os sentidos e os significados partilhados pelo grupo e “[...] só se converte na apresentação discursiva de razões se os indivíduos forem solicitados por outros a esclarecer por que atuaram de tal ou tal modo.” (GIDDENS, 1989, p. 229).

Essa opção evidenciou a situação de entrevista como uma relação social que interfere (positiva e/ou negativamente) na captação das informações. Por essa razão, antes de apresentarmos a análise do material empírico, consideramos útil o esclarecimento do conjunto de procedimentos empregados tanto na coleta quanto no tratamento dos dados.

Primeiro, esclarecemos que em determinados momentos do texto o (a) leitor (a) deparar-se-á com mudanças da pessoa do discurso. Em algumas passagens a primeira pessoa do plural é substituída pela primeira pessoa do singular. É importante frisar que essa mudança não deixa de reconhecer as contribuições dadas à pesquisa, nem anula os trabalhos de orientação. Pretendemos apenas chamar atenção para o fato de que o trabalho de campo, primeiro voo solo da estudante-autora, revela mais claramente que essa pesquisa não existiria sem levar em conta os próprios juízos de valores desta.

É importante pontuar que a relação da estudante-autora com os (as) pesquisados (as) tem um colorido particular que revelaremos, nas linhas abaixo, com o compromisso de controlar (sem querer invalidar) suas implicações na obtenção e análise dos dados. Cabe ressaltar que a postura assumida, aqui, resulta da tomada de consciência de que, no processo de elaboração dessa pesquisa, a subjetividade da estudante-autora esteve sempre presente. Essa constatação permite que critiquemos a suposta neutralidade pretendida no trabalho científico e reforça a ideia de que o resultado da pesquisa é sempre uma interpretação e, por isso mesmo, uma verdade vinculada ao tempo e espaço de sua produção, bem como às intenções de quem a escreve.

Nesse sentido, a validade dessa pesquisa reside na problematização de uma suposta dicotomia entre a subjetividade e a objetividade e, por conseguinte, na abertura que damos para o confronto com os diversos pontos de vista acerca da temática abordada. Não pretendemos, por não ser este o foco da nossa reflexão, entrar no mérito do debate sobre a objetividade do conhecimento produzido nas ciências sociais e a pretensa neutralidade científica.

Entretanto, vale ressaltar que, na pesquisa social, nós, sociólogas (os), não podemos ignorar que os sujeitos alvo das nossas investigações não são passivos, mas interpretam continuamente o mundo em que vivem. Assim, é fundamental que o (a) pesquisador (a) esteja

consciente dessas interferências e leve em conta que: “[...] Em numerosos casos, as ‘descobertas’ dos sociólogos só o são para aqueles que não estão nos contextos de atividade dos atores estudados [...]” (GIDDENS, 1989, p. 231). Em consequência disso, não pretendemos subestimar a capacidade daqueles (as) que tão prontamente dividiram com esta estudante-autora, cada qual a seu modo, partes da sua vida. Para nós, isso é, justamente, o que embeleza e enriquece o estudo da experiência humana.

Sobre as fases de desenvolvimento da pesquisa, esclareço que, após a elaboração do roteiro de entrevista, fiz uma lista dos centros de formação em dança de salão existentes na cidade de Uberlândia. Cabe ressaltar que o inventário inicial passou por alterações. Houve casos em que um (a) entrevistado (a) me levou à descoberta de outro (s) centro (s) de formação. Por vezes, alguns locais também não se enquadraram na definição, aqui proposta, de centro de formação em dança de salão e, por isso mesmo, foi necessário retirá-los do levantamento final.

Feito isso, foram estabelecidos, em seguida, os critérios para selecionar os (as) possíveis entrevistados (as). Essas pessoas deveriam participar do universo da dança de salão de Uberlândia de maneira ativa, fundamental e em posição de liderança. Para tanto, teriam que atender, ao mesmo tempo, aos dois critérios descritos adiante: (1) serem praticantes profissionais de dança de salão e, (2) estarem, no momento da entrevista, coordenando um dos centros de formação em dança de salão existentes na cidade de Uberlândia.

A seleção das coordenadoras e dos coordenadores desses centros de formação justifica-se, uma vez que são elas e eles que definem, frente às suas equipes, a forma como suas alunas e seus alunos serão ensinados a serem damas e cavalheiros, ou seja, são as coordenadoras e os coordenadores que vão construir ou ensinar a construir as maneiras de ser das damas e dos cavalheiros.

Passei, então, a contatar os centros de formação em dança de salão para agendar as entrevistas com as suas coordenadoras e/ou seus coordenadores. O contato inicial foi feito por telefone e já, nesse momento, informei-os (as) sobre o propósito da solicitação e da importância do seu aceite para a efetiva realização desse trabalho.

É pertinente lembrar que, nessa pesquisa, entrevistadora e entrevistados (as) integram o universo da dança de salão de Uberlândia. Eu, como praticante amadora da dança de salão, já era conhecida de muitos (as) de meus (minhas) entrevistados (as). Essa aparente familiaridade, por um lado ajudou-me, porque tornou o contato inicial mais fácil e, conseqüentemente, mais rápida foi a realização das entrevistas. Por outro lado, a maneira

pessoal com que alguns (algumas) reagiram durante a interação exigiu de mim esforços redobrados para manter o controle das entrevistas.

O local da entrevista foi determinado pelo (a) próprio (a) entrevistado (a). A maioria das pessoas preferiu que a entrevista fosse realizada no próprio centro de formação que coordenava. Com isso, pude assistir a algumas aulas e conhecer a estrutura física desses locais.

Entre fevereiro e maio de 2013 identifiquei, contatei e/ou visitei 14 centros de formação em dança de salão na cidade de Uberlândia. De modo geral, fui apresentada a apenas um (a) coordenador (a), com exceção de um centro que era coordenado por duas pessoas. Durante esse tempo, realizei 14 entrevistas. Apenas não obtive dados de um (a) dos (as) 15 coordenadores (as), porque este (a) havia se submetido a uma pequena intervenção cirúrgica.

A previsão era de que as entrevistas não ultrapassassem trinta minutos. No total, foram gastas, aproximadamente, quatro horas e quarenta minutos, para a realização dessa etapa. O uso do gravador de voz me permitiu captar e registrar todo o depoimento das pessoas entrevistadas. Ao transcrever o material, procurei ser o mais fiel possível à gravação. Dei mais importância ao conteúdo e menos à forma. A minha preocupação era manter a entrevista tal como ela aconteceu. Apenas saliento que retirei, das entrevistas transcritas nos apêndices, todos os dados que eventualmente permitissem a terceiros a identificação dos (as) informantes.

Em nossa pesquisa, as vozes se tornaram apêndices por diversos motivos. Primeiro, porque a documentação contribui para tornar mais confiável o estudo qualitativo. Depois, porque divulga o material e, com isso, contribui para a realização de novas pesquisas acerca da temática. Além disso, orienta o (a) leitor (a). Por fim, permite que o depoente sinta-se verdadeiramente parte da pesquisa. É uma forma de agradecer àquele (a) que tão prontamente me doou parte de seu tempo e da sua experiência.

Para apresentar os caminhos percorridos por essa pesquisa, o presente trabalho será estruturado em três capítulos. No primeiro, será feito um breve resgate histórico da dança de salão. Discorreremos sobre a história da dança tendo o ocidente como referência principal. Partiremos da Europa e chegaremos às Américas, onde nos ateremos ao Brasil e, mais especificamente, à cidade de Uberlândia.

O segundo capítulo apresentará o referencial teórico. Nele apontaremos os conceitos norteadores da pesquisa. Refletiremos acerca dos estudos de gênero, das representações coletivas, das relações de poder e da dominação masculina.

No terceiro capítulo apresentaremos a análise dos dados coletados nas entrevistas aplicadas às coordenadoras e aos coordenadores dos centros de formação em dança de salão da cidade de Uberlândia, para o enfrentamento e análise das nossas questões.

CAPÍTULO 1

Imersão na história da dança: considerações acerca de seu surgimento até o desenvolvimento da dança de salão em Uberlândia

O presente trabalho espera compreender o corpo, mais especificamente, a corporeidade humana, como fenômeno sociocultural ao situar a dança como uma das práticas sociais que regulam os espaços ocupados e papéis desempenhados por mulheres e homens desde há muito nas mais diferentes sociedades. Para tanto, principia delineando um panorama breve da história da dança.

A dança, entendida aqui como experiência social dos movimentos do corpo, é construção humana e, em cada lugar e em cada época, desempenhou, com especificidade, seus fins de representação dos corpos de mulheres e homens compondo, assim, determinado imaginário social.

Em toda parte se dançou. Em todos os tempos se dançou. De forma diversa, em todas as épocas de todos os lugares, mulheres e homens, performaticamente, com objetivos também distintos, ordenaram movimentos corporais, isto é, codificaram posições e maneiras de mover a cabeça, os braços, as mãos, o tronco, o quadril, as pernas e os pés. Afinal, “O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo.” (MAUSS, 2003, p. 407). E assim, pode-se deduzir que mulheres e homens sempre se serviram de seus corpos para criar e manter relações com o mundo e com o outro, de tal modo que a dança é, sem dúvida, seu recurso elementar.

Precisar uma data de surgimento da dança é tão difícil como precisar o momento exato em que nossa espécie extrapola a animalidade e se constitui racional, cultural e socialmente. O que interessa aqui não é a precisão, mas a constatação da existência de um processo de desenvolvimento do humano, do seu corpo e de suas técnicas, no caso, a dança.

Pensemos, primeiro, no tempo em que nem a escrita, nem a pintura e nem mesmo a fala haviam sido elaboradas. Sendo o corpo o que há de mais concreto no humano não é presumível que fosse ele a primeira forma de comunicação com o mundo e com o outro? E para se comunicar não é preciso criar códigos que tenham significados e sentidos comuns aos que participam da interação? Não é plausível, então, falarmos que a ordenação dos corpos em gestos repetitivos, carregados de intenções, marcava o nascimento da dança?

Passemos, agora, aos rituais que as mais antigas e simples sociedades realizavam em roda para celebrar os deuses, os espíritos, os antepassados, a natureza, as mudanças de estação, a comida, o nascimento, a morte, a guerra etc. A dança em roda marca a vida coletiva, reforça a identidade do grupo. Na roda, eu vejo todos e todos me veem. É preciso aprender a coreografia da roda para poder estar nela. Os movimentos corporais, aqui, já ganham cadência e harmonia. E por serem momentos de festejo, cada um requer a preparação dos corpos com pinturas e adornos específicos.

No Egito, os registros apontam a prática da dança sagrada, da dança litúrgica e da dança de recriação desde o neolítico. O que se percebe é que a dança sempre esteve presente nas ocasiões que marcavam o culto coletivo ao sagrado e ao profano.

Na Grécia, “[...] os deuses ensinaram a dança aos mortais, para que estes os honrassem e se alegrassem.” (BOURCIER, 2001, p. 20). Em Creta, nasce, simultaneamente, a dança e o teatro. Em Esparta, a dança era, principalmente, desenvolvida em função da formação do guerreiro, que, desde muito cedo, aprendia as coreografias de combate. Enfim, na formação do cidadão grego, que não separava o corpo do espírito, a dança tinha posição de destaque.

Em Roma, para além das danças públicas de motivação religiosa e/ou de entretenimento, realizadas nos templos, nos coliseus e nas praças, cabe destacar as danças realizadas no âmbito privado, as danças conjugais.

Na Europa da Idade Média, a proibição pela Igreja Católica da execução de danças dentro dos seus santuários relegou ao povo as práticas dançantes; consideradas então apenas pagãs, foram afastadas da nobreza e das autoridades eclesiásticas. Conforme Ossona, “O povo [...] acossado pela fome, destruído por pestes e por guerras, põe-se a dançar freneticamente nos cemitérios, nos átrios das igrejas, ao redor do cemitério e, por último, caminhando de povoado em povoado através de toda a Europa.” (OSSONA, 1988, p. 62).

É na Itália do século XV que a dança volta a compor a vida da nobreza. O surgimento do *ballet* marca a separação entre as danças populares e as danças das classes dominantes. Conforme Ossona: “Com o advento da corte provençal estabelece-se um código de comportamento social e com ele a dança de corte assume características especiais, diferenciando-se nitidamente da do povo.” (OSSONA, 1988, p. 62). Uma das mais importantes distinções é a adoção, pelo *ballet*, da estruturação métrica da música, que impulsionou a padronização dos movimentos dessa dança e passou a exigir da bailarina e do bailarino um conhecimento cada vez mais técnico das possibilidades de seus corpos.

Toda a Europa se rendeu ao *ballet*. A Rússia e a China, representantes asiáticas, também. A dança metrificada sagrou-se arte e tornou-se profissional. Data de 1661 a primeira

Academia Real de Dança, fundada na França pelo rei Luís XIV. A disciplina dos corpos e a beleza protocolar do *ballet* serviram ao teatro e à ópera até meados do século XIX. Daí em diante, não se afastou dos palcos do mundo.

Concomitantemente ao *ballet* surge outro estilo de dança também ligado à nobreza, à corte e aos grandes salões de seus palácios, a dança de salão. Como o recorte dessa pesquisa é a dança de salão, *grosso modo*, toda modalidade de dança social a dois, executada, necessariamente, por uma mulher e um homem, discorreremos mais sobre esse ponto, apesar da carência de fontes a respeito dessa modalidade de dança.

A dança de salão, como dito anteriormente, tem origem nos bailes das cortes reais europeias e, assim como o *ballet*, tem a música como base para a marcação dos passos e, por isso mesmo, regulação das figuras. Os sons estão tão intimamente ligados às expressões corporais que podemos dizer que os estilos musicais determinam, sem sombra de dúvida, os estilos de dança de salão.

Cada dança de salão tem seus passos, suas figuras, desenhos e movimentações espaciais, designados com vocabulário característico e seguindo regras próprias. No entanto, o princípio básico de todas as modalidades dançadas a dois é o abraço dos pares. No abraço a dama repousa a mão esquerda no ombro direito do cavalheiro e este repousa a mão direita na altura média de suas costas. O espaço individual da dança deve ser demarcado pela mão direita da dama e a mão esquerda do cavalheiro, que devem estar seguras pelas palmas e dispostas, exatamente, no centro do espaço, que separa um corpo do outro, sendo que os cotovelos devem formar um ângulo de aproximadamente 90 graus em relação ao corpo de cada um. Se próximos, ambos devem deixar a face direita voltada para a face direita do par. Se distantes, devem se olhar. Os pés devem estar alinhados. A postura ereta e com o torso fixo é como no *ballet*, que tem a mesma origem. É possível que esta maneira de abraçar faça referência ao fato de que, na Idade Média, os homens, de maneira geral e, mais especificamente, os cavaleiros, carregavam suas espadas no lado esquerdo e, por isso mesmo, esse lado deveria sempre estar mais acessível.

Praticada, inicialmente, como forma de entretenimento das classes dominantes, o que se percebe, inclusive, no fato de chamarem suas dançarinas de damas e seus dançarinos de cavalheiros, a dança de salão, ao contrário do *ballet*, popularizou-se de tal forma que logo alcançou o mundo, levada pelos colonizadores europeus. Muito se diversificou na medida em que entrou em contato com as modalidades locais, mas preservou o que lhe é mais característico, a saber, o fato de exigir que os pares sejam compostos por pessoas de sexos opostos.

Existem tantos estilos de dança de salão quantos grupos sociais que praticam essa modalidade de dança a dois. Listá-los seria um trabalho infundável e exigiria um conhecimento muito específico e preciso acerca de cada cultura local. Portanto, consideramos, para efeito dessa pesquisa, apenas os estilos mais conhecidos e praticados pelo mundo. Para tanto, indicaremos somente os estilos reconhecidos pela Federação Mundial de Dança Esportiva.

A Federação Mundial de Dança Esportiva foi fundada em 12 de maio de 1957, na Alemanha, sob o nome Conselho Internacional de Dançarinos Amadores. Objetivava continuar o trabalho da Federação Internacional de Dança para Amadores, criada em 10 de setembro de 1935, em Praga, na República Tcheca, e extinta em 1956. Sua missão é regular, administrar e desenvolver a dança esportiva. Em 1992, torna-se membro da Associação Geral da Federação Internacional de Esportes. Em 1995, passa a compor a Associação Internacional de Jogos Mundiais. E, em 1997, é reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional.

São dez os estilos considerados clássicos pela Federação Mundial de Dança Esportiva. Desses, cinco estilos são chamados latinos e os outros cinco são conhecidos como padrões. Os latinos compreendem as danças: Samba, Cha-Cha-Cha, Rumba, de herança latino-americana; Passo Doble, de origem hispânica; e Jive, de raiz norte-americana. Apesar de possuírem características distintivas, todas têm em comum a expressividade, a intensidade e a energia. Já os padrões são compostos pelas seguintes danças: Valsa, Tango, Valsa Vienense, Foxtrote Lento e Quickstep. A característica principal desse estilo é a formalidade, tanto da posição corporal (ereta, rígida e fechada) quanto do vestuário dos (as) dançarinos (as).

O que percebemos é que o desenvolvimento da dança de salão se dá, de maneira efetiva, nas Américas. Os estilos mais dançados no mundo ou são latino-americanos ou norte-americanos. Excetuando-se a Valsa, surgida na Alemanha, e o Passo Doble, criado na Espanha, o restante das danças reconhecidas pela Federação Mundial de Dança Esportiva como clássicas são de “ritmo quente”. Outras danças como o *rock'n'roll* (norte-americano) e a salsa (cubana), também, são listadas pela instituição.

A dança de salão brasileira mais conhecida, mundialmente, é o Samba. Inclusive, é uma das danças latinas reconhecidas pela Federação Mundial de Dança Esportiva. Mas, desenvolvemos outros estilos ainda pouco conhecidos no âmbito internacional. O maxixe, apelidado tango brasileiro, fez sucesso no fim do século XIX no Rio de Janeiro embalado pelas composições de Chiquinha Gonzaga. O forró foi o fenômeno pop da década de 1950, popularizado em todo Brasil pela intensa imigração nordestina e eternizado pela sanfona e pela voz de Luiz Gonzaga. A lambada foi o acontecimento do Pará dos anos de 1980. O

sucesso do ritmo alcançou a mídia e deu fama a cantores como Beto Barbosa. O soltinho, versão brasileira do *rock'n'roll* americano, invadiu os salões entre as décadas de 1980 e 1990.

Falemos, agora, sobre Uberlândia, palco dessa investigação científica. Localizada a oeste da capital do estado de Minas Gerais, na região do Triângulo Mineiro, sua população em 2013, segundo estimativa do IBGE, seria de 646.673 habitantes. Por essa posição estratégica, no entroncamento entre o sudeste e o centro-oeste do Brasil, é destaque no turismo de negócios. O município, emancipado em 31 de agosto de 1888, também, está em evidência no cenário nacional da dança. Aqui acontece, há 26 anos, o Festival de Dança do Triângulo, que em 2012 realizou sua 24ª edição.

O Festival de Dança do Triângulo teve início em 1987, criado por um grupo de professores com o objetivo de promover o aperfeiçoamento dos bailarinos e profissionais da área em Uberlândia. A partir de 2005, com investimentos da Administração Municipal, o evento passou a ter mais visibilidade no cenário da dança. Desde então, foram incorporados seminários pedagógicos, oficinas e debates ao Festival. Além disso, as apresentações ganharam os quatro cantos da cidade, passando a ser realizadas em praças, no Teatro Rondon Pacheco, na Oficina Cultural, no Sabiazinho e nos palcos livres montados nos bairros. (PREFEITURA, 2013).

É inegável a importância desse festival para a consolidação do espaço da dança na cidade. No entanto, é bem antes disso, por volta de 1920, que a dança passa a compor o cenário desse município. Devido à carência de fontes documentais a respeito da história da dança local tomamos a série Uberlândia em Movimento, exibida em seis capítulos pelo programa Uberlândia de Ontem e Sempre, que mantém uma página disponível na internet e ainda é exibido na Rede Minas, canal de televisão aberta, e no Canal da Gente, ofertado a cabo pela Companhia de Telefone do Brasil Central, a CTBC, e o livro Ontem ao Luar, do historiador uberlandense Júlio César de Oliveira, que também é depoente da série, como referências para descrever e refletir sobre o tema.

Segundo Oliveira, o cotidiano de Uberlândia sempre foi musical e dançante. É possível dizer que se estabelecia o que era ser mulher, o que era ser homem e os relacionamentos entre mulheres e homens a partir da dança. Esse historiador alega, inclusive, que a dança era uma das formas de aproximação e, com isso, um importante elemento de sedução nas décadas de 1940, 1950 e até mesmo 1960.

A musicista uberlandense Cora Pavan Capparelli relembra os bailes de sua mocidade. Nas décadas de 40 e 50 do século passado, a dança em Uberlândia era muito praticada nas festas em casas de família. Nessa época, dançava-se Bolero, Foxtrote, Samba etc. Ela conta que seu pai era muito severo e não permitia suas idas aos bailes nos clubes. Afinal, a moça que dançava era considerada, em suas palavras, como “discretamente transgressora”. Aos

poucos a mentalidade conservadora foi cedendo espaço para o desenvolvimento da dança na cidade. Capparelli cita o Uberlândia Clube como um dos lugares destinados à prática dançante. Havia, ainda, os Cassinos Oriental e Gato Preto, que promoviam espetáculos de grandes companhias de dança.

Cabe observar que os locais supracitados eram frequentados pela elite uberlandense. Contudo, existiam, também, os clubes periféricos, que atendiam à população em geral. Um dos mais emblemáticos era o Caba-Roupa, que recebeu esse nome porque a estrutura inadequada do piso sujava e estragava as roupas daqueles (as) que dançavam. Alberto Alves, um dos depoentes da série Uberlândia em Movimento e compadre do fundador do Caba-Roupa, o intitulou “o clube da raça”, fazendo referência direta à condição sociorracial de seus frequentadores: pobre e negra. Oliveira rememora que estes foram, também, os criadores da primeira escola de samba de Uberlândia, a Tabajaras.

Vale ressaltar que a cidade de Uberlândia, na época, era, extremamente, racista e segregadora. No entanto, como o trecho transcrito do depoimento de Oliveira à série Uberlândia em Movimento propõe, “[...] o instigante a ser pensado é isso: que independentemente do espaço do território da dança, a dança é um ponto de convergência, é a forma que as pessoas têm para se socializar, é a forma que as pessoas têm para se deleitar [...]” (UBERLÂNDIA, 2012).

A despeito dessa visão genérica de Oliveira sobre a dança, não podemos deixar de notar que existiam diferenças patentes entre os (as) “dançarinos (as)” dos clubes centrais e os (as) dos periféricos. Hafez Chacur, representante da elite local, relata o ritual de convite à dança como sendo permeado pela gentileza do cavalheiro e pela vigilância constante das mães das damas. Já nos clubes periféricos, de acordo com Oliveira, não existia tanto romantismo. No depoimento de Bolinho, dançarino no Caba-Roupa, constatamos uma certa independência das damas, visto que, por vezes, eram elas que o convidavam para dançar em virtude do reconhecimento de sua maestria.

O fim dos anos de 1950 e o começo da década de 1960 marcam o início de uma grande mudança comportamental da juventude, em todo mundo ocidental, inclusive no Brasil. A contestação da ordem vigente, acompanhada por constantes protestos, desafiou e rompeu com códigos tradicionais. É o momento da segunda onda do feminismo e de tantos outros movimentos sociais. A literatura, a música, o teatro, o cinema, a moda e, enfim, toda produção cultural e artística foi afetada e influenciada pelos movimentos de contracultura. A dança também. Os pares se afastaram. O abraço, que simboliza a dança a dois, ficou distante. Agora, conectados apenas pelas mãos, os jovens dançavam nas danceterias.

Em Uberlândia não foi diferente, nos anos 1960, 1970 e 1980, segundo Marildes Fernandes Cunha, a dança solta das discotecas tinha desconectado os casais. No último capítulo da série Uberlândia em Movimento, a história do surgimento dos primeiros centros de formação em dança de salão e, conseqüentemente, da dança a dois é contada por seus fundadores: Marildes Fernandes Cunha e Fábio Vladimir Silva.

Entre o fim dos anos 1980 e o início dos anos 1990, o cenário dançante de Uberlândia foi invadido pela Lambada. Esse foi o primeiro impulso para a criação de centros especializados no ensino da dança de salão. Marildes Fernandes Cunha narra que a disseminação de concursos de Lambada ocorrida na época foi crucial para o retorno da dança a dois, antes considerada exclusividade da antiga geração. A crescente procura, principalmente de jovens, por instrução, exigiu que Cunha buscase se qualificar. Para tanto foi ao Rio de Janeiro, onde estudou dança de salão com Carlinhos de Jesus, já considerado referência na área.

Fábio Vladimir Silva revela, em seu relato à série Uberlândia em Movimento, o que o levou à dança de salão. Conta dos bailes que sua avó oferecia no “terreiro” da casa onde viviam. Ele recorda, ao mesmo tempo, das escolas de samba de Uberlândia, em especial, da Garotos do Samba, da qual toda família fazia parte. Silva, ainda, apresenta, como influência relevante, a Congada, uma manifestação cultural e religiosa afro-brasileira, decretada, em 2008, Patrimônio Imaterial Municipal. Seus festejos, em louvor à Nossa Senhora do Rosário, a padroeira dos negros, e a São Benedito, o santo negro, são embalados por muita música e dança.

Os depoimentos desses dois artistas uberlandenses contêm elementos indispensáveis para se pensar a dança de salão em Uberlândia. O primeiro ponto importante é que surgem na cidade, simultaneamente, dois centros de formação em dança de salão. Um, aberto por Marildes Fernandes Cunha, uma mulher branca e de classe social alta. Outro, criado por Fábio Vladimir Silva, um homem negro e de baixo poder aquisitivo. Essa constatação nos remete ao cenário dos clubes de dança da cidade nos anos 40 e 50 do século XX. A lógica da segregação daquela época parece viva no início dos anos de 1990. Nas declarações de Silva, o preconceito social e racial na dança de salão de Uberlândia é uma constante.

Outro elemento que merece destaque diz respeito ao fato de que enquanto Cunha relata o interesse de casais pela dança de salão, Silva aponta o grande número de mulheres que procuravam sozinhas por suas aulas. Segundo ele, isso acontecia, porque, no imaginário local da época, dançar não era uma atividade tipicamente masculina e, por isso mesmo, o interesse dos homens por essa prática era considerado indício de homossexualidade.

Em terceiro lugar, Cunha revela algo fundamental para o ensino da dança de salão. Ela fala da necessidade que tinha, como professora, de aprender a desempenhar tanto o papel da dama quanto o do cavalheiro.

O quarto aspecto é a luta dos (as) profissionais da dança de salão da cidade para incluir essa categoria no Festival de Dança do Triângulo. Considerada amadora durante toda a década de 1990, somente nos anos 2000 é, efetivamente, reconhecida como legítima. Conforme Fábio Vladimir Silva, naquele ano os (as) profissionais de dança de salão da cidade foram convidados para ministrar oficinas e se apresentarem no festival.

Dito isso, observa-se o quanto o cenário da dança integra a cidade de Uberlândia. Isso ganha mais força no momento em que a Universidade Federal de Uberlândia passa a oferecer o Curso de Graduação em Dança, na modalidade bacharelado. Criado em 2011, através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), o Curso de Dança da UFU reforça a importância da dança para a região.

CAPÍTULO 2

Gênero e poder na dança de salão

Para respondermos às questões aqui propostas, precisamos, primeiro, nos posicionar teoricamente, para que o nosso trabalho não pareça uma simples referência descritiva das diferenças sociais entre os sexos. Em vista disso, apresentaremos, a seguir, os conceitos e as abordagens teóricas fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

Antes, porém, é interessante remetermos o (a) leitor (a) ao fato de que, *grosso modo*, em todas as sociedades conhecidas, dois tipos humanos configurados por diferenças anatômicas percebidas, a mulher e o homem, mantiveram relações sociais de dominação-exploração nas quais, guardadas as devidas proporções, houve dominância masculina (SAFFIOTTI, 1992).

Não pretendemos levantar, aqui, uma discussão sobre a hipótese de terem existido ou não sociedades com dominância feminina. O importante a sublinhar é a constatação recorrente da opressão do sexo feminino pelo sexo masculino mesmo que sua intensidade tenha variado de época para época e de sociedade para sociedade (SAFFIOTTI, 1992).

Falta ressaltar, para não induzirmos o (a) leitor (a) a pensar que a dominação masculina significa ou significou a absoluta submissão feminina, que as mulheres detiveram e, com efeito, “[...] detêm parcelas de poder, que lhes permitem meter cunhas na supremacia masculina e, assim, cavar-gerar espaços nos interstícios da falocracia.” (SAFFIOTTI, 1992, p. 184). Além disso, não podemos esquecer que as mulheres lutaram e continuamente lutam para superar as desigualdades e acabar com as situações de subordinação e exclusão. Emblemáticas são a conquista do direito ao voto, a utilização da pílula anticoncepcional e a relevante presença nas universidades e no mercado de trabalho.

Contudo, não raro percebemos os processos de inculcação, por parte de quem educa as crianças, isto é, da família e também de instituições como a igreja e a escola, na forma de expectativas sociais diferentes para os diferentes sexos. Tendo como base uma divisão binária entre sujeitos com genitália feminina e sujeitos com genitália masculina, a sociedade naturaliza as diferenças biológicas, colocando as desigualdades sociais como decorrentes delas e sendo, portanto, pretensamente naturais. Naturalizar o sexo e, em seguida, os papéis sociais é o principal mecanismo de justificativa, persistência e perpetuação da ideia de que mulheres e homens “[...] já nascem para ser desse jeito.” (FARIA & NOBRE, 2003, p. 30).

Repetida à exaustão a ideia de que existe um espaço de atuação social diferente para mulheres e para homens, visto que essa diferença marca situações nas quais aos homens são oferecidas posições de comando e às mulheres posições servis e desvalorizadas, devido à sua suposta inferioridade biológica, a sociedade define o que pode ou não pode ser e fazer o sujeito segundo seu sexo. Quanto a isso, a filósofa existencialista Simone de Beauvoir argumenta que:

[...] basta passear de olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte em duas categorias de indivíduos, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações são manifestadamente diferentes; talvez essas diferenças sejam superficiais: talvez se destinem desaparecer. O certo é que por enquanto elas existem com uma evidência total. (BEAUVOIR, 1970, v.1, p. 8 – 9).

Todavia, precisamos esclarecer que levar em consideração a existência de um mundo em que as interações humanas se fazem com base em escolhas dentro de um padrão fixo e dual não significa reconhecer que essas opções sejam as únicas possíveis. No nosso entender, há, provavelmente, tantas formas de (auto) representação como há seres humanos. Além disso, também temos de lembrar que “[...] os homens e as mulheres reais não cumprem sempre, nem cumprem literalmente, os termos das prescrições de sua sociedade ou de nossas categorias analíticas.” (SCOTT, 1995, p. 88).

Como podemos facilmente perceber, as (auto) representações não são rigorosamente estabelecidas. No entanto, não podemos conceber uma sociedade sem um mínimo de regras. Eis porque cabe atentar para o fato de que as (auto) representações dos sujeitos são socialmente influenciadas e seguem padrões de regularidade. Com isso, desejamos demonstrar que elas não são espontâneas, mas sim coletivamente organizadas e significadas. Se dermos crédito à Durkheim, “[...] são todas elas maneiras de agir, pensar e sentir, exteriores aos indivíduos e dotadas de um poder coercitivo em virtude do que se lhes impõe.” (DURKHEIM, 1978, p. 88). O que significa que os sujeitos fazem suas escolhas, lançando mão do que é socialmente disponível. Sendo assim, se a sociedade “[...] aceita ou condena certos modos de conduta, é porque entram em choque ou não com alguns dos seus sentimentos fundamentais, sentimentos estes que pertencem à sua constituição.” (DURKHEIM, 1978, p. 79).

Como desejamos “[...] traduzir a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam [...]” (DURKHEIM, 1978, p. 79), temos que entender as relações sociais preexistentes aos próprios indivíduos como fundantes de uma estrutura conceitual rígida sobre os sexos biológicos. Essa estrutura conceitual, denominada pelas feministas de

sistema sexo-gênero, (re) produz nos corpos e nas mentes, por meio de um longo trabalho coletivo de socialização, o que o sociólogo francês Pierre Bourdieu chamou de “[...] uma construção social naturalizada (os ‘gêneros’ como *habitus* sexuais).” (BOURDIEU, 1999, p. 9).

Obviamente, não pretendemos que, com o acima exposto, o (a) leitor (a) pense a expressão sistema sexo-gênero como resultante de um raciocínio binário. A armadilha da linguagem deve ser evidenciada. Ainda que reconheçamos a parcialidade da expressão, é preciso entendê-la enquanto produto social. Ou seja, nela está presente a maneira pela qual a sociedade organiza as suas ideias sobre o corpo. Estamos enfatizando que:

O trabalho de construção simbólica não se reduz a uma operação estritamente *performática* de nomeação que oriente e estruture as *representações*, a começar pelas representações do corpo (o que ainda não é nada); ele se completa e se realiza em uma transformação profunda e duradoura dos corpos (e dos cérebros), isto é, em um trabalho e por um trabalho de construção prática, que impõe uma *definição diferencial* dos usos legítimos do corpo, sobretudo os sexuais, e tende a excluir do universo do pensável e do factível tudo que caracteriza pertencer a outro gênero – e em particular todas as virtualidades biologicamente inscritas no “perverso polimorfo” que, se dermos crédito a Freud, toda criança é – para produzir este artefato social que é um homem viril ou uma mulher feminina. (BOURDIEU, 1999, p. 33, grifos do autor).

Embora o conceito de gênero não tenha sido propriamente trabalhado nas obras de Bourdieu, quando o autor trata da “dominação masculina” é válido o chamarmos para o debate. Além disso, conceitos como o de arbitrário cultural, *habitus* e violência simbólica passam, em alguma medida, por um trajeto similar ao conceito de gênero que estamos tentando apresentar.

Feitas essas considerações, acreditamos estar agora em condições de tratar da questão nuclear desse trabalho, qual seja, a definição do conceito de gênero. Surgido em meados dos anos 1970 entre as feministas americanas, o termo entrou definitivamente no campo científico a partir da década de 1980, a fim de conferir legitimidade acadêmica à pesquisa sobre as mulheres.

Apesar da crítica que se fez e se faz à possibilidade da perda do potencial político relativa à troca do termo mulheres pelo termo gênero e das preocupações atuais no que diz respeito à utilização do gênero por outras áreas do conhecimento e, também, por instituições outras que não a de caráter científico, basta um olhar para a produção acadêmica mais recente para perceber que o uso desse conceito permanece central para os estudos feministas. A historiadora estadunidense Joan Scott esclarece que:

O termo “gênero”, além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que é criado nesse e por esse mundo masculino. (SCOTT, 1995, p. 75).

Nesse sentido, a investigação social dos estereótipos e das expectativas em relação às mulheres e aos homens merece mais atenção e não pode ser reduzida nem às explicações biológicas nem às simples descrições dos papéis sociais femininos e masculinos. Segundo a socióloga feminista Heleieth Saffioti: “Quando não se concebe o gênero como relação social que é, mas como oposições decorrentes de traços inerentes aos distintos seres, não se é capaz de perceber os diferentes poderes detidos-sofridos por homens e mulheres.” (SAFFIOTTI, 1992, p. 193). É preciso, então, darmos conta desses processos com o objetivo de encontrar quais são os sentidos implícitos e como eles funcionam para manter ou modificar a ordem social vigente.

Não é fácil, contudo, lidarmos com o conceito de gênero, pois não há propriamente consenso em relação a sua utilização. Parece-nos que o desafio colocado pelo uso desse termo é teórico e, assim sendo, seu enfrentamento também deve sê-lo. Para tanto, optamos por operar com o conceito de Scott. Conforme a autora:

O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. (SCOTT, 1995, p. 86).

Sobre a primeira parte dessa definição de gênero, é preciso considerar a observação de Saffioti (1992) que destaca a importância de perceber a produção das diferenças anatômicas entre mulheres e homens. Em face disso, a autora salienta que o caminho percorrido vai do social para o anatômico, na medida em que o anatômico só existe como uma percepção socialmente modelada. Desse modo, o foco interpretativo de Saffioti referente à Scott concentra-se naquilo que é “percebido” nas relações sociais entre os sexos e não nas “diferenças” biológicas dos participantes da interação.

Esse ponto é de fundamental relevância, uma vez que enfatiza o uso do conceito de gênero como categoria social. Sem perder de vista as diferenças, porque o intuito não é negá-las, a análise proposta por Scott busca desnaturalizar a relação direta que se faz entre as diferenças biológicas e as diferenças sociais. Tomar a primeira para justificar a segunda seria não enxergar a complexidade das relações em que os sujeitos se envolvem pelo, também

complexo, fato de viverem em sociedade. Eis porque cabe indicarmos que “[...] o próprio sexo não se inscreve puramente no terreno biológico, mas sofre uma elaboração social, que não se pode negligenciar sob pena de *naturalizar* processos de caráter histórico.” (SAFFIOTTI, 1992, p. 183, grifo da autora).

Antes de prosseguirmos, é importante destacar que, no parágrafo acima, a elaboração feita por Saffiotti acompanha a concepção da teórica estadunidense Judith Butler, para quem também o sexo é construído. Segundo Butler: “Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio constructo chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma.” (BUTLER, 2003, p. 25, grifo da autora).

Ainda segundo a primeira proposição de Scott, o gênero sugere quatro elementos inter-relacionados, que podem nos auxiliar a compreender mais profundamente como se dão as relações de gênero na dança de salão. O primeiro elemento constitutivo do gênero diz respeito aos “[...] símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com frequência contraditórias) [...]” (SCOTT, 1995, p. 86). O segundo trata de conceitos normativos, que traduzem interpretações dos significados simbólicos e, ao mesmo tempo, buscam impor limites às suas possibilidades metafóricas. O terceiro indica a necessidade de abarcar, no âmbito do conceito, uma concepção política que inclua uma referência às instituições e à organização social. Por fim, segundo o quarto elemento, não podemos explicar as relações de gênero sem mencionar sua identidade subjetiva.

É importante notarmos que essa primeira parte da definição do conceito é uma tentativa da autora de indicar caminhos científicos viáveis para o exame do processo de construção das relações de gênero, bem como relações de classe, raça ou qualquer outro processo social. Scott (1995) adverte que os quatro elementos descritos acima, embora sejam interdependentes, não operam simultaneamente. Por essa razão, nossa função é descobrir quais são as relações entre eles no que concerne ao objeto da nossa investigação.

No que tange à dança de salão, começemos considerando que damas e cavalheiros são símbolos historicamente construídos. Se retomarmos o Capítulo 1 e, com isso, o surgimento dessas categorias-identidades, perceberemos a força que teve o ideário produzido, na época, sobre os papéis sociais adequados às mulheres e aos homens. Embora não pretendamos aprofundar esse assunto, o fato não deve causar estranhamento, visto que nos referimos a um período em que o poder patriarcal reinou absoluto na Europa e nas suas colônias. Com efeito, a situação da subordinação das mulheres era naturalmente aceita como a única possível.

Ao indicarmos as origens inteiramente sociais dessas representações, intentamos mostrar que as relações de classe estão presentes na reprodução, assim como as relações de gênero penetram na produção dos significados relativos ao “ser” das mulheres e dos homens, do feminino e do masculino e das damas e dos cavalheiros.

Dito isso, não podemos mais evitar a discussão, ainda que breve, sobre o que entendemos por classe social. A postura que assumimos nesse trabalho “[...] não se restringe à esfera produtiva: a classe que detém o poder material numa dada sociedade é também a potência política e espiritual dominante.” (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2009, p. 41). Como nos esclarece Marx e Engels:

Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outras coisas, uma consciência, e é em consequência disso que pensam; na medida em que dominam enquanto classe e determinam uma época histórica em toda sua extensão, é lógico que esses indivíduos dominem em todos os sentidos, que tenham, entre outras, uma posição dominante como seres pensantes, como produtores de ideias, que regulamentem a produção e a distribuição dos pensamentos de sua época; as suas ideias são, portanto, as ideias dominantes de sua época. (MARX; ENGELS *apud* QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2009, p. 41 – 42).

Conforme essa visão, as classes sociais são grupos amplos e fracionados em que a exploração econômica, opressão política e dominação cultural causam, respectivamente, a desigualdade econômica, o privilégio político e a discriminação cultural tanto intraclasses quanto interclasses. Portanto, as relações de classe são relações de poder, e o conceito de poder representa, de modo sintético, a estruturação de relações sociais assimétricas. Mas trataremos melhor a questão do poder mais adiante, quando apresentarmos a segunda proposição de Scott para definir o conceito de gênero.

Por ora, cabe explicarmos ao (à) leitor (a), para o caso de não ter ficado claro, que os conceitos de classe e gênero se interpenetram na medida em que têm em comum as dimensões de dominação e exploração. Essas são fundamentais para as próximas associações, que tratam das práticas regulatórias e normativas da dança de salão.

No nosso entender, os centros de formação em dança de salão da cidade de Uberlândia, por circunstâncias (her) dadas do passado, parecem atrelar suas práticas a um projeto de restauração do suposto papel tradicional das mulheres e dos homens. Nesse contexto, temos sempre a invocação da dama como símbolo da mulher feminina e dócil, e do cavalheiro como símbolo do homem viril. Daquela se espera meiguice, doçura, beleza, leveza e disponibilidade para receber ordens. Deste o que se espera é que tenha força, iniciativa, objetividade, racionalidade e capacidade de liderança. Aqui, a ideia de feminilidade reprime

todo e qualquer aspecto de masculinidade e vice-versa. Dado o caráter dualista dessa percepção, em que cada uma dessas categorias-identidades exclui a outra, temos declarado de maneira categórica e inequívoca a tentativa de se manter uma ordem falocrática, interesse máximo das classes que dominam.

E isso fica mais claro quando percebemos que o princípio básico da dança de salão, isto é, a formação obrigatória de um par de sexos opostos no qual a figura masculina conduz e a figura feminina é conduzida, revela que a relação das damas e dos cavalheiros com a condução (e com qualquer outra norma da dança de salão) depende da diferenciação sexual e da sua posterior identificação, simples e direta, com a feminilidade ou a masculinidade. Em outras palavras, a condução toma a forma típica de uma oposição binária fixa que, ao eliminar as potencialidades das damas, rejeitando ou reprimindo as possibilidades delas conduzirem, declara a posição dominante dos cavalheiros como a única legítima.

Acreditamos que, assim como concluiu Luciene de Lúcio Segatto em sua monografia sobre os personagens do romance e balé “Carmem”, os personagens da dança de salão, a dama e o cavalheiro, “[...] encontram-se imersos em um conjunto ao mesmo tempo, real e lúdico, sendo suas expressões corporais resultantes da representação de um processo de construção social e cultural do feminino e do masculino.” (SEGATTO, 2008, p. 79). Consequentemente, por serem fundamentados em noções de fixidez natural, que têm raízes profundas tanto nas subjetividades dos atores sociais quanto na organização concreta da vida social, os princípios da dança de salão levam à aparência de uma permanência intemporal de representações binárias dos sujeitos.

Passemos agora para a reflexão sobre a segunda parte da definição do conceito de gênero segundo Scott. Nesse ponto, a teorização do conceito é desenvolvida tendo por base a construção recíproca entre gênero e poder. Facilmente, percebemos essa conexão, quando notamos que o conjunto objetivo de referências sociais estabelecidas, que vão modelando as relações entre as mulheres, entre os homens e entre as mulheres e os homens, distribui poder desigualmente, ou seja, “[...] um controle ou um acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos [...]” (SCOTT, 1995, p. 88). Mas, afinal, o que é o poder?

Nesse momento, parece-nos útil o conceito de poder elaborado pelo filósofo francês Michel Foucault. A questão do poder é amplamente discutida pelo filósofo, mas não no seu sentido tradicional, inserido na centralizada esfera estatal. Para Foucault (2012), o poder não existe de forma literal. Não é um objeto ou uma coisa que podemos possuir. São práticas ou relações múltiplas, que se exercem socialmente. Segundo o autor, esse conceito está entranhado em todas as instâncias da vida e em cada pessoa, ninguém está a salvo dele. O

poder, ou melhor, os poderes operam como máquinas sociais e estão intimamente relacionados com a (re) produção de determinados saberes, que têm como objetivo disciplinar o corpo humano e (re) produzir comportamentos necessários ao funcionamento e manutenção da sociedade, obviamente, em consonância com os interesses daqueles que a dominam.

Com essa definição fica evidente que o sujeito relaciona-se com seu corpo em função do discurso social que o constitui. É mediante a produção de discursos socialmente legítimos que podemos perceber os efeitos do poder na realidade social em termos de gênero. Afinal, “[...] somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder.” (FOUCAULT, 2012, p. 279).

Antes de prosseguirmos, temos necessidade de esclarecer ao (à) leitor (a) que a definição de gênero, com base numa visão teórica foucaultiana do poder, é uma proposta que deve levar em consideração a seguinte ressalva de Scott: “[...] os conceitos de poder, embora se baseiem no gênero, nem sempre se referem literalmente ao gênero em si mesmo.” (SCOTT, 1995, p. 88). Desse modo, ainda que Foucault não tenha desenvolvido propriamente, em sua obra, o conceito de gênero, ele produziu uma teoria sobre a sexualidade que nos possibilita estabelecer relações analíticas com tal conceito. Quanto a isso, Teresa de Lauretis observa:

Foucault, cuja compreensão crítica da tecnologia sexual não levou em consideração os apelos diferenciados de sujeitos masculinos e femininos, e cuja teoria, ao ignorar os investimentos conflitantes de homens e mulheres nos discursos e nas práticas da sexualidade, de fato exclui, embora não inviabilize, a consideração sobre o gênero. (LAURETIS, 1994, p. 208 – 209).

Conforme a interpretação de Lauretis sobre Foucault, apesar de o filósofo não compreender a sexualidade como “gendrada”, ele é uma referência teórica, na medida em que apresenta a terminologia “tecnologia sexual”. Partindo dessa, foi possível que a autora, por analogia, cunhasse o conceito de “tecnologias de gênero”. Tal conceito define que o gênero é produto do desdobramento de um conjunto de mecanismos sociais e culturais específicos. Essa acepção deriva da compreensão foucaultiana da sexualidade como resultado de práticas sociais singulares. Nesse sentido, ambos os conceitos são entendidos como “tecnologias sociais” oriundas de “[...] discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana.” (LAURETIS, 1994, p. 208).

Assim, podemos constatar que somos todos interpelados pelo gênero, lembrando que a interpelação é “[...] o processo pelo qual uma representação social é aceita e absorvida por uma pessoa como sua própria representação, e assim se torna real para ela, embora seja de

fato imaginária.” (LAURETIS, 1994, p. 220). O que significa que o gênero se concretiza no comportamento das pessoas como representação social e subjetiva. Em outras palavras, o gênero é concebido como representação e autorrepresentação.

Importa ressaltar que esse sistema de (auto) representações é permeado pela ideologia, de acordo com a concepção de Althusser. Para esse autor, a ideologia representa “[...] não o sistema de relações reais que governam a existência de indivíduos, e sim a relação imaginária daqueles indivíduos com as relações reais em que vivem [...]” (ALTHUSSER apud LAURETIS, 1994, p. 212). Essa visão subjetiva da ideologia permitiu que Lauretis se apropriasse do termo althusseriano para explicar o processo da constituição de sujeitos concretos em mulheres e homens. Assim sendo, podemos entender o gênero como uma instância primária de ideologia. Em decorrência disso, a ideologia parece-nos, também, importante para se pensar a (des) construção do gênero.

Nessa perspectiva, é pertinente tratar a dança de salão tanto como tecnologia social quanto como aparelho discursivo e ideológico utilizado pela sociedade para imprimir, nos sujeitos e nos seus corpos, normas e regulações de gênero. Partimos do pressuposto de que os discursos artístico-culturais, como os da dança de salão, contribuem para perpetuar os estereótipos impostos para diferenciar o feminino e o masculino. Daí, propormos a dança de salão como uma tecnologia de gênero.

O conceito de tecnologia de gênero é adequado para compreendermos não somente a constituição dos sujeitos envolvidos em sua dinâmica, mas as possibilidades da agência destes. Lauretis desenvolve essa ideia ao explorar a expressão “*space-off*”, empregada na teoria do cinema. Essa expressão denomina: “[...] o espaço não visível no quadro, mas que pode ser inferido a partir daquilo que a imagem torna visível.” (LAURETIS, 1994, p. 237). Ou seja: para a autora, nos discursos hegemônicos, assim como no cinema – entendido também como tecnologia social de gênero –, existem espaços vagos de discurso que comportam resistências e, conseqüentemente, a construção diferente do gênero.

Na dança de salão, mesmo que a obrigatoriedade da formação de pares de sexos opostos nos permita inferir que há uma (re) produção de sujeitos femininos e masculinos regulados, de modo consciente ou inconsciente, por um discurso androcêntrico, que legitima a subordinação da mulher, é possível que as damas ajam nos interstícios da dominação masculina. Esses espaços cavados-gerados pelas damas são fundamentais para se pensar a probabilidade de desconstrução do androcentrismo e da heteronormatividade na dança de salão.

Essa observação sugere, ainda, que a “[...] experiência se altera e é continuamente reformada, para cada sujeito, através de seu contínuo engajamento na realidade social, uma realidade que inclui – e, para as mulheres de forma capital – as relações sociais de gênero.” (LAURETIS, 1994, p. 228). Com efeito, são as “experiências de gênero”, isto é, “[...] os efeitos de significados e as auto-representações produzidas no sujeito pelas práticas, discursos e instituições socioculturais dedicados à produção de homens e mulheres [...]” (LAURETIS, 1994, p. 229), que nos permitem situar os sujeitos dentro e fora da ideologia, do gênero e das (auto) representações. Afinal, os sujeitos de qualquer relação social são múltiplos e contraditórios.

Exposto isso, propomos, então, partir para apreender, nos discursos artístico-culturais e nas práticas sociais reais e efetivas, os “[...] processos contínuos e ininterruptos que sujeitam os corpos, dirigem os gestos, regem os comportamentos [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 283). Para o enfrentamento de nossas questões, a dança de salão e os seus sujeitos serão, portanto, investigados segundo essas orientações fundamentais.

CAPÍTULO 3

Caracterização dos (as) entrevistados (as) e análise das entrevistas

Neste capítulo, apresentaremos nossos (as) entrevistados (as) e trechos de suas entrevistas. Para tanto, desenvolveremos dois tópicos. No primeiro, descreveremos nossos (as) entrevistados (as), principalmente, a partir das seguintes características: sexo, identidade de gênero, classe social, identificação étnico-racial e escolaridade. No segundo tópico, com o intuito de enfrentar as questões propostas neste estudo, atentaremos mais à apreciação das entrevistas.

3.1. Caracterização dos (as) entrevistados (as)

Antes de apresentarmos os (as) entrevistados (as), convém frisar que os nomes, aqui arrolados, são fictícios. Para assegurarmos o anonimato daqueles (as) que nos concederam as entrevistas, a estudante-autora documentou o acordo firmado por meio de dois instrumentos: (1) Termo de compromisso de uso de entrevista (APÊNDICE B, p. 63) e, (2) Termo de cessão gratuita de direito sobre entrevista (APÊNDICE C, p. 64).

Outro ponto que precisa ser esclarecido é que ao estabelecermos os critérios para seleção dos (as) entrevistados (as) – serem praticantes profissionais de dança de salão e, estarem, no momento da entrevista, coordenando um dos centros de formação em dança de salão existentes na cidade de Uberlândia – não predeterminamos a quantidade de entrevistas e, na medida em que o número de centros de formação em dança de salão de Uberlândia não era excessivo, decidimos realizar entrevistas com todas as pessoas que se enquadravam nos critérios estabelecidos. Em consequência disso obtivemos um número bastante inferior de coordenadoras, haja vista que predominam centros de formação coordenados por homens.

Dos (as) entrevistados (as), aproximadamente 21,4% se identificaram como mulheres. A esmagadora maioria, cerca de 78,6% dos (as) depoentes, afirmou ser homem. Contudo, não vemos esse desequilíbrio como problemático, mas como um dado revelador do universo da dança de salão de Uberlândia.

Também é importante relatar que, antes de começar as entrevistas, a estudante-autora pediu a cada participante que preenchesse o cabeçalho do roteiro de entrevista (APÊNDICE A, p. 62) com os dados solicitados. Não queríamos caracterizar os (as) entrevistados (as)

apenas pelo olhar da entrevistadora. Não sabíamos como essas pessoas se identificavam e, por isso mesmo, preferimos que elas mesmas nos dissessem.

Apesar de ter sido dada a possibilidade dos (as) entrevistados (as) não se identificarem como pertencendo necessariamente ao sexo feminino ou masculino e, no campo identidade de gênero, a opção transgênero ter sido colocada e explicada, não houve qualquer atitude divergente do alinhamento direto entre pertencer ao sexo feminino e identificar-se como mulher ou afirmar-se do sexo masculino e, em seguida, declarar-se homem. O que ocorreu foi um estranhamento em haver a opção identidade de gênero. Alguns chegaram a me falar que a pergunta era repetitiva e desnecessária. Olharam-me, por vezes, como se fosse óbvia a relação direta entre sexo e gênero. Como explica Lauretis:

[...] a partir do momento em que assinalamos o F num formulário, ingressamos oficialmente no sistema sexo-gênero, nas relações sociais de gênero, e fomos “en-gendradas” como mulheres, isto é, não são apenas os outros que nos consideram do sexo feminino, mas a partir daquele momento nós passamos a nos representar como mulheres. Agora, pergunto, isto não é o mesmo que dizer que a letra F assinalada no formulário grudou em nós como um vestido de seda molhado? Ou que, embora pensássemos estar marcando o F, na verdade era o F que estava se marcando em nós? (LAURETIS, 1994, p. 219 -220).

Esse é, mesmo que simples demais, o exemplo claro do quanto uma representação coletiva pode ser aceita e absorvida. E, embora o trecho acima trate da relação direta entre assinalar o F e ser (auto) representada como mulher, o mesmo processo é observado na relação entre assinalar o M e ser (auto) representado como homem, ou seja, a pessoa está se marcando como M porque, talvez, o M já estivesse, socialmente, marcado nela.

Feitas as ressalvas, façamos as apresentações. Levando em consideração as diferenças na idade cronológica, localizamos os (as) entrevistados (as) em quatro grupos. O primeiro grupo, com representantes entre 20 e 29 anos, foi composto por João (22), Pedro (24) e André (28). Todos se declararam homens brancos e, no momento da entrevista, integravam a classe C uberlandense. Com exceção de Pedro, os outros concluíram o Ensino Superior. Apenas André não é uberlandense. Ele é natural de Araguari, uma cidade limítrofe à Uberlândia (QUADRO 1, p. 41).

Fazem parte do segundo grupo os entrevistados com idade entre 30 e 39 anos. São eles: Lucas (31), Tiago (35), Simão (36), Filipe (37), Mateus (37) e Paulo (38). Todos se afirmaram homens. Tiago, Simão e Filipe declararam-se brancos. Paulo identificou-se como negro. Lucas e Mateus não se posicionaram quanto às suas identificações étnico-raciais. Todos pertenciam, no momento da entrevista, à classe C uberlandense. Felipe e Mateus

concluíram o Ensino Médio. Lucas está cursando o Ensino Superior. Simão e Paulo concluíram o Ensino Superior. E Tiago é pós-graduado. Lucas, Simão e Felipe não nasceram em Uberlândia. Lucas é natural de Monte Carmelo e Simão nasceu em Romaria. Ambas são cidades mineiras próximas à Uberlândia. Filipe veio do Rio de Janeiro (QUADRO 2, p. 42).

O grupo de pessoas entre 40 e 49 anos foi constituído por Tomé (40), Bartolomeu (46) e Diná (46). Todas são uberlandenses. A mulher pertence à classe A. Os homens integram à classe C. Tomé, autodeclarado negro, estava, no momento da entrevista, cursando o Ensino Superior. Bartolomeu e Diná, brancos, já haviam concluído o Ensino Superior (QUADRO 3, p. 43).

O último grupo foi formado por Débora (54) e Dalila (63). Ambas se declararam mulheres brancas e têm mais de 50 anos. Débora, natural de Uberlândia, integra a classe A e concluiu o Ensino Superior. Dalila, nascida no Rio de Janeiro, também integrante da classe A, é pós-graduada (QUADRO 4, p. 44).

Inicialmente elegemos a idade como marco organizador dos (as) entrevistados (as) em grupos, porque nos chamou atenção a diferença expressiva entre a faixa etária das coordenadoras e a dos coordenadores dos centros de formação em dança de salão de Uberlândia. Como podemos, facilmente, perceber, os primeiros dois grupos são, exclusivamente, compostos por homens jovens. No terceiro agrupamento, temos apenas uma coordenadora. Já o grupo de maior faixa etária é composto apenas por mulheres.

De maneira geral, a idade, ainda que desprovida de qualquer conotação conceitual e, por isso mesmo, limitada, aqui, a descrever os fatos, revela desigualdades de gênero, em termos da divisão sexual do poder e do saber, que são mais bem discutidas quando incluimos, na análise dos espaços ocupados e papéis desempenhados por mulheres e homens na dança de salão de Uberlândia, além da idade cronológica, a idade com que cada entrevistado (a) começou a praticar dança de salão e o tempo, em anos, que ele (a) realiza esse tipo de atividade.

Nesse contexto, verificamos que todas as coordenadoras iniciaram a prática da dança de salão a partir dos 30 anos. Os homens começaram bem mais cedo. Dos 11 coordenadores entrevistados, sete começaram a dançar antes dos 20 anos. Os outros quatro principiaram com idades que vão dos 23 aos 29 anos (QUADRO 5, p. 45).

O ingresso tardio dessas mulheres no universo da dança de salão esclarece o fato de encontrarmos coordenadoras mais velhas que coordenadores. No entanto, não explica: o que impede as mulheres jovens de coordenarem; o baixo número de mulheres em funções diretivas; e nem o motivo de não existirem homens com mais de 50 anos na coordenação dos

centros de formação em dança de salão de Uberlândia. Contudo, permite-nos afirmar ser esse um espaço, prioritariamente, proposto aos homens jovens.

Quanto ao tempo que os (as) entrevistados (as) se dedicaram à prática da dança de salão, ao longo de suas vidas até o momento da entrevista, apuramos, nos primeiros dois grupos, exclusivamente compostos por homens jovens, que todos praticavam dança de salão há menos de 20 anos. João (22) e Mateus (37) tinham menos de 10 anos de contato com essa modalidade de dança. Já nos dois últimos agrupamentos, que contêm mulheres, com exceção de Diná, que há 16 anos dança as modalidades de salão, as outras pessoas se dedicam à dança de salão há pelo menos 20 anos.

O fato de as pessoas dos dois grupos com mais idade terem, de maneira geral, dedicado mais tempo à dança de salão pode parecer, à primeira vista, pouco esclarecedor. Entretanto, quando observamos que apenas esses grupos contêm mulheres, constatamos que, em relação aos homens jovens, elas tiveram que se dedicar mais tempo para assumir a coordenação dos centros de formação em dança de salão de Uberlândia.

Com relação ao rendimento médio familiar, observamos um fato inusitado. Enquanto todos os autodeclarados homens assinalaram pertencer à classe C, todas as mulheres coordenadoras afirmaram compor a classe A. Em um primeiro momento, poderíamos supor o rompimento e até a superação de uma desigualdade financeira das mulheres em relação aos homens. No entanto, o fato de não existirem mulheres de outras faixas de renda apenas deixa claro o quanto, em relação aos homens, as mulheres precisam estar em uma situação financeira privilegiada para ser possível o seu acesso a uma posição de comando equivalente à deles.

Uma vez que os centros de formação em dança de salão são organizações, com ou sem fins lucrativos, para melhor analisarmos a distribuição diferencial de mulheres e homens nas funções diretivas, recorreremos à abordagem organizacional.

Neste contexto, muito embora ouçamos, repetidamente, boas novas sobre o ingresso crescente das mulheres no mercado de trabalho, devemos ponderar se esse acesso rompe, de fato, com a divisão sexual do trabalho. Para tanto, discutiremos tendo como base o conceito de teto de vidro. Segundo Andrea Valéria Steil:

O conceito de teto de vidro foi introduzido na década de 80 nos Estados Unidos para descrever uma barreira que, de tão sutil, é transparente, mas suficientemente forte para impossibilitar a ascensão de mulheres a níveis mais altos da hierarquia organizacional. Tal barreira afetaria as mulheres como grupo, impedindo avanços individuais exclusivamente em função de seu gênero, e não pela inabilidade de ocupar posições no topo da hierarquia organizacional. (STEIL, 1997, p. 62 – 63).

No trecho acima, poderíamos substituir a palavra gênero por sexo, sem deturpar o sentido do enunciado. O que ocorre é que gênero, no artigo de Steil, equivale a “[...] um esquema para a caracterização de indivíduos usando diferenças biológicas como base para o estabelecimento de diferenças sociais [...]” (POWELL apud STEIL, 1997, p. 63). Como bem discutimos anteriormente, gênero é um conceito amplo, que não condena o indivíduo aos seus atributos corpóreos. Além do mais, consideramos que, também o sexo, é uma construção social. Sendo assim, percebido o uso normativo do gênero pela abordagem organizacional, advertimos nosso (a) leitor (a) que não compartilhamos dessa definição.

O que pretendemos, ao trazer o conceito de teto de vidro, é demonstrar o quanto é difícil para as mulheres assumirem postos de comando, porque ainda reina absoluta a ideia de uma essência feminina e outra masculina. Desse modo, não importa a qualificação que a pessoa tenha, as oportunidades de desenvolvimento da carreira serão dadas a partir da suposição da existência prévia de certas características do seu sexo.

Logo, chamamos atenção para a existência de um teto de vidro na dança de salão. A suposição de que somente os homens podem tornar-se cavalheiros, porque é evidente que lhes são inatas certas características fundamentais (força, iniciativa, objetividade, racionalidade e liderança) para o aprendizado da condução, exclui as mulheres e quaisquer outras pessoas, que não se enquadram no padrão de expectativas sociais para mulheres e homens, do treinamento diretivo para a coordenação dos centros de formação em dança de salão. As mulheres, ao tornarem-se damas, não aprendem nem conduzir nem coordenar, porque o que é esperado é que elas fiquem atentas à condução e esbanjem toda sua meiguice, beleza e sedução.

No que diz respeito à escolaridade, constatamos que apenas Filipe e Mateus não ingressaram no Ensino Superior. Apenas Pedro alegou não ter concluído o 3º grau. Os (as) outras (os) entrevistados (as) ou estavam cursando a graduação ou já haviam-na concluído. Dalila e Tiago fizeram pós-graduação. Percebemos, pois, um alto nível de escolaridade e um equilíbrio entre os (as) entrevistados (as) em termos do nível de instrução.

Sobre a identificação étnico-racial, verificamos, a partir daqueles (as) que se posicionaram quanto a essa questão, uma maioria branca. Apenas dois homens entrevistados, Paulo (38) e Tomé (40), declararam-se negros. Ambos pertencem aos grupos intermediários de faixa etária. No grupo mais jovem, temos apenas homens brancos. E, no grupo com mais idade, temos apenas mulheres brancas. Nenhuma mulher negra foi encontrada coordenando centros de formação em dança de salão em Uberlândia.

O que depreendemos dessa caracterização dos (as) entrevistados (as) é que existe na dança de salão de Uberlândia uma hierarquização que confere aos homens superioridade sobre as mulheres. Como efeito dessa configuração binária, é excluída, pelo menos da coordenação dos centros de formação em dança de salão dessa cidade, toda pessoa que não se enquadra nos modelos e padrões de expectativas sociais para mulheres e homens. Também as mulheres jovens e os homens mais velhos parecem não pertencer a esse universo jovem masculino.

Em suma, parece que a dança de salão de Uberlândia gira em torno de um saber próprio dos homens jovens. Os cavalheiros, que são preparados para conduzir as damas, certamente desenvolvem, com isso, habilidades cruciais para ocupar e desempenhar a coordenação dos centros de formação em dança de salão. Aprender a conduzir desde cedo, lhes dá, um estatuto de superioridade. Já as funções das damas, provavelmente, não são suficientes para o desempenho das funções diretivas. Em condições desiguais de aprendizado, as damas dificilmente desenvolverão competências para coordenação, porque, supostamente, não lhes são necessárias. Contudo, a mulher mais velha, detentora de uma longa experiência na dança de salão e de nível socioeconômico mais elevado, ingressa, não sem dificuldade, nos postos de comando.

Independente de qual seja a competência das mulheres, elas parecem ser vistas como menos experientes e capazes. Persiste, aqui, a própria divisão sexual do poder e do saber, constitutivas da divisão sexual do trabalho. Percebemos com isso que a dança de salão uberlandense contribui para a perpetuação dos estereótipos impostos para diferenciar o feminino e o masculino.

QUADRO 1 – CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS COM IDADE ENTRE 20 E 29 ANOS

Nome fictício	Idade	Naturalidade	Sexo	Identidade de gênero	Classe social	Identificação étnico-racial	Escolaridade	Profissão
João	22	Uberlândia	M	Homem	C	Branco	Ensino Superior	Professor
Pedro	24	Uberlândia	M	Homem	C	Branco	Ensino Superior Incompleto	Empresário
André	28	Araguari	M	Homem	C	Branco	Ensino Superior	Professor

QUADRO 2 – CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS COM IDADE ENTRE 30 E 39 ANOS

Nome fictício	Idade	Naturalidade	Sexo	Identidade de gênero	Classe social	Identificação étnico-racial	Escolaridade	Profissão
Lucas	31	Monte Carmelo	M	Homem	C	Não declarada	Ensino Superior em curso	Empresário e assistente administrativo
Tiago	35	Uberlândia	M	Homem	C	Branco	Pós-graduação	Professor de dança de salão
Simão	36	Romaria	M	Homem	C	Branco	Ensino Superior	Psicólogo e professor de dança de salão
Filipe	37	Rio de Janeiro	M	Homem	C	Branco	Ensino Médio	Professor de dança de salão
Mateus	37	Uberlândia	M	Homem	C	Não declarada	Ensino Médio	Autônomo
Paulo	38	Uberlândia	M	Homem	C	Negro	Ensino Superior	Professor de dança de salão e educador físico

QUADRO 3 – CARACTERIZAÇÃO DOS (AS) ENTREVISTADOS (AS) COM IDADE ENTRE 40 E 49 ANOS

Nome fictício	Idade	Naturalidade	Sexo	Identidade de gênero	Classe social	Identificação étnico-racial	Escolaridade	Profissão
Tomé	40	Uberlândia	M	Homem	C	Negro	Ensino Superior em curso	Professor de dança
Bartolomeu	46	Uberlândia	M	Homem	C	Branco	Ensino Superior	Professor
Diná	46	Uberlândia	F	Mulher	A	Branca	Ensino Superior	Professora de dança de salão e odontóloga

QUADRO 4 – CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTADAS COM MAIS DE 50 ANOS

Nome fictício	Idade	Naturalidade	Sexo	Identidade de gênero	Classe social	Identificação étnico-racial	Escolaridade	Profissão
Débora	54	Uberlândia	F	Mulher	A	Branca	Ensino Superior	Professora
Dalila	63	Rio de Janeiro	F	Mulher	A	Branca	Pós-graduação	Professora aposentada

QUADRO 5 – RELAÇÃO ENTRE A IDADE NO MOMENTO DA ENTREVISTA E A IDADE COM QUE OS (AS) ENTREVISTADOS COMEÇARAM A PRATICAR DANÇA DE SALÃO

Nome fictício	Idade no momento da entrevista	Idade com que começou a praticar dança de salão	Anos dedicados à dança de salão
João	22	15	7
Pedro	24	12	12
André	28	14	14
Lucas	31	19	12
Tiago	35	16	19
Simão	36	18	18
Filipe	37	23	14
Mateus	37	29	8
Paulo	38	27	11
Tomé	40	18	22
Bartolomeu	46	26	20
Diná	46	30	16
Débora	54	31	23
Dalila	63	42	21

3.2. Análise das entrevistas

Trataremos de descrever e analisar, nesta seção, a maneira como nossos (as) entrevistados (as) percebem, sentem e exercem papéis (e os conflitos a eles associados) na sociedade, de forma geral, e na dança de salão, de maneira específica. Para tanto, apresentaremos e exploraremos recortes relevantes das suas entrevistas.

Antes, porém, é importante lembrar que: “O cientista social é um comunicador, apresentando redes de significados associados com certos contextos da vida social àqueles que estão em outros.” (GIDDENS, 1989, p. 232). Portanto, nos posicionaremos ao longo dessa seção como mediadores. Afinal:

Todos os seres humanos são agentes cognoscitivos. Isso significa que todos os atores sociais possuem considerável conhecimento das condições e das consequências do que fazem em suas vidas cotidianas. Esse conhecimento não é inteiramente proposicional em caráter nem incidental para as atividades práticas deles. A cognoscitividade incrustada na consciência prática exhibe uma extraordinária complexidade – uma complexidade que, frequentemente, permanece completamente inexplorada nas abordagens sociológicas ortodoxas, sobretudo as associadas com o objetivismo. Os atores também são ordinariamente capazes de descrever em termos discursivos o que fazem e as razões por que o fazem. Entretanto, em sua maior parte, essas faculdades estão engrenadas no fluxo da conduta do dia-a-dia. A racionalização da conduta só se converte na apresentação discursiva de razões se os indivíduos forem solicitados por outros a esclarecer por que atuaram de tal ou tal modo. Tais perguntas só são normalmente formuladas, é claro, se a atividade em questão for, de certa forma, desconcertante – se parecer zombar da convenção ou afastar-se dos modos habituais de conduta de uma determinada pessoa. (GIDDENS, 1989, p. 229)

Com essa longa citação de Giddens esperamos deixar claro ao (à) nosso (a) leitor (a) que não pretendemos nem desautorizar as falas dos (as) nossos (as) entrevistados (as), uma vez que reconhecemos que os (as) atores (atrizes) sociais conhecem e interpretam continuamente as suas atividades práticas, nem tomá-las como verdade absoluta, já que, como cientistas, procuramos, munidos de embasamento teórico, problematizar a dança de salão buscando o menos aparente, o não explícito, o latente nas falas pausadas, nas falas breves, nos gestos e nos olhares. Ao solicitarmos esclarecimento sobre a cena dançante uberlandense, aspirávamos, pois, poder travar conhecimento com aqueles (as) que estão imersos nas relações sociais que nos incomodaram a ponto de se tornarem alvo da nossa investigação científica.

Dito isso, passemos à apresentação e análise das entrevistas.

A visão majoritária dos (as) nossos (as) entrevistados (as), a respeito do que é a dança, em sentido amplo, está muito ligada à ideia da possibilidade de expressar, com o corpo, sentimentos despertados por fenômenos acústicos. A presença de sons (e, como bem ressaltou Simão, até mesmo a ausência deles), ainda que não organizados ou combinados ritmicamente em uma obra musical, é, segundo eles (as), capaz de provocar sensações que o (a) dançarino (a) tenta demonstrar ao movimentar seu corpo. Em resumo, inferimos que, ao dançar, as pessoas intencionam revelar, por meio de sinais corporais, o que os estímulos externos fazem-nas sentir internamente.

O tom intimista com que a dança é definida poderia induzir o (a) leitor (a) a interpretá-la como composição individual. Contudo, lembramos que, por se tratar de uma forma de comunicação com o mundo e com o outro, os conjuntos de movimentos corporais para a prática dançante não são impensados, pelo contrário, formam códigos que têm significados e sentidos comuns aos que participam da interação. Independentemente da maneira particular das pessoas dançarem, a sua realização expressa, de maneira inteligível, representações coletivas presentes nos (in) conscientes do grupo social que a (re) produz.

Dessa sorte, a possibilidade de contato com a dança é ampliada de tal modo que, provavelmente, todo (a) aquele (a) que faz parte do grupo social que a realiza, dançando ou não, possui um considerável conhecimento acerca dela. Afinal, a dança é uma maneira de ser coletiva e, portanto, capaz de ilustrar como uma sociedade e seus sujeitos configuram-se e organizam-se. Trata-se, pois, de um estilo de se viver ou, como Débora e Dalila definiram, uma filosofia de vida. É, ainda conforme Dalila, até mesmo uma religião.

Esse nosso primeiro questionamento, na medida em que a dança foi apresentada como potencialmente acessível a qualquer humano, faz-nos interpretá-la como ideologia. Retomando Althusser, a ideologia consiste em estabelecer relações imaginárias sobre aquilo que se considera o real. Assim, queremos dizer que o fato de os (as) nossos (as) entrevistados (as) descreverem a dança de maneira ideal e, por vezes, poética, não condiz com a forma com que eles (as) expõem viver/praticar a sua modalidade de dança. Ao indagarmos acerca da definição de dança de salão, deparamo-nos com algumas restrições que contradizem a ideia da dança como prática equalizadora.

Enquanto a dança, de maneira geral, é encarada como pessoal, íntima, subjetiva e, por isso mesmo, igualmente disponível a todo humano, a dança de salão é uma modalidade que não se realiza sem o contato direto com outra pessoa. Presume, pois, dois corpos realizando movimentações dependentes. João esclarece que na dança de salão *“[...] o movimento não é de um só, é um movimento dos dois, então, é um momento em que o sentimento dos dois [...]”*

se encontram [...]” (APÊNDICE N, p. 109). Contudo, dançar a dois não denota o simples encontro dançante de duas pessoas. Esse (a) outro (a), com quem se divide esse momento artístico, não é um (a) outro (a) qualquer. Os papéis dessa modalidade de dança são bem definidos. A dupla para a dança de salão é, necessariamente, formada por uma dama e um cavalheiro. Poderíamos até supor que qualquer um (a) pudesse assumir esses papéis, mas o fato é que, segundo nossos (as) entrevistados (as), não é todo humano que pode “ser” dama ou cavalheiro.

O potencial democrático da dança é reduzido/limitado na modalidade de salão. O que, a princípio, era uma manifestação artístico-cultural passível de ser realizada por todo (a) aquele (a) que sentisse vontade, passou a ser restrito aos pares compostos por uma dama e um cavalheiro cada. Mas, afinal, o que é “ser” dama e o que é “ser” cavalheiro?

O entrevistado André, ao definir dança de salão, oferece-nos indícios para responder a pergunta acima. De acordo com ele: *“A dança de salão é uma dança caracterizada pelo contato de duas pessoas de sexos opostos. Então, cavalheiro e dama, homem e mulher, em contato, promovendo figuras, promovendo passos entre si. Isso poderia ser considerado dança de salão [...]”* (APÊNDICE D, p. 65, grifos nossos).

Com base na colocação de André, apreendemos que: (1) a dupla para a dança de salão é formada por pessoas de sexos opostos; (2) cavalheiro e dama são, respectivamente, homem e mulher. Logo, deduzimos que ele considera que as mulheres são sexualmente opostas aos homens e que essa configuração persiste na caracterização dos personagens da dança de salão.

Fundamentados (as) em atributos cristalizados por uma ordem social heteronormativa, percebemos que, não só André, mas, muitos (as) dos (as) nossos (as) entrevistados definiram a dupla para a dança de salão sob uma perspectiva binária e segregacionista. Quando perguntamos quem poderia (ou não) “ser” dama e quem poderia (ou não) “ser” cavalheiro, confirmamos essa impressão. Filipe foi o mais breve e objetivo. Para ele, as damas são mulheres e os cavalheiros são homens, sem mais elaborações. Diná, Lucas e Tomé compartilham da mesma opinião. Mesmo aqueles (as) que reconhecem que as mulheres podem assumir os papéis dos cavalheiros e os homens conseguem desempenhar as funções das damas, acabam se contradizendo nas linhas adiante quando caracterizam as damas e os cavalheiros fazendo referências às tradicionais identificações sociais das mulheres e dos homens. Há sempre um retorno ao padrão heteronormativo.

Já Mateus, que não concebe a possibilidade dos homens desempenharem os papéis das damas, vislumbra que as mulheres podem “ser” cavalheiros. Mateus assim diz:

“Olha, eu vejo muitas professoras minhas sendo cavalheiros. Para você ver, eu não conseguia ver um homem sendo dama, mas eu vejo muitas mulheres sendo cavalheiros. E, por isso, eu acredito que o ser feminino é superior. Mas, talvez, ainda na nossa sociedade, não é visto com bons olhos, mas é muito comum você ver mulher dançando com mulher. A gente não consegue identificar quem é o cavalheiro na situação, mas a gente consegue ver.” (APÊNDICE I, p. 87)

No trecho acima, dois aspectos podem ser melhor considerados. O primeiro diz respeito ao fato de ser imprescindível que o (a) professor (a) de dança de salão saiba desempenhar tanto as funções das damas quanto as dos cavalheiros. O segundo refere-se à possibilidade, ainda que indesejável socialmente, de encontrarmos, até mesmo fora das salas de aula, mulheres dançando com mulheres. Sobre tais aspectos, Débora corrobora: *“[...] eu também posso ser homem na dança e sou um ótimo homem, porque, senão, não posso ser professora. Então, o bom professor ele tem que ser os dois. Profissionalmente, o professor pode ser dama, deve ser.”* (APÊNDICE G, p. 78).

Ainda com relação ao ensino da dança de salão, Bartolomeu acrescenta: *“[...] num contexto didático de aula, muitas vezes, nós utilizamos papéis invertidos, onde o cavalheiro, às vezes, ele assume a posição de dama e a dama assume a posição de cavalheiro, exatamente, para que um possa se colocar no lugar do outro [...]”* (APÊNDICE J, p. 90 – 91).

O interessante das colocações de Bartolomeu e Débora é que nos fazem pensar sobre a distinção entre a dança praticada na sala de aula, pelos (as) aprendizes e pelos (as) instrutores (as), e a prática dançante nos espaços abertos ao público. Parece que, para aprender e ensinar a dança de salão, não é necessário que se estabeleça com rigidez os papéis de dama e cavalheiro. Contudo, nos salões, onde a dança se realiza sob o olhar social, dama e cavalheiro são constrangidos (as) a voltar a “ser”, respectivamente, mulher e homem.

Relativamente à prática de mulheres dançando com mulheres, João a justifica ressaltando que *“[...] em Uberlândia a gente vê duas mulheres dançando, geralmente, porque sobra muita mulher [...]”* (APÊNDICE N, p. 116). Por outro lado, como relatou Filipe, *“[...] homem dançando com homem, pela tradicionalidade machista, tanto da sociedade quanto da dança de salão, não é visto com bons olhos. Ainda existe um certo preconceito, um certo tabu a respeito.”* (APÊNDICE H, p. 84).

Percebemos que as categorias dama e cavalheiro são, ao longo de todas as entrevistas, influenciadas pelo que os (as) nossos (as) entrevistados (as) entendem “ser” as mulheres e os homens. Fica evidente uma certa confusão entre os termos e, por isso, muitas vezes, eles (as) acabam utilizando-os como sinônimos. Contudo, eles (as) não perdem de vista que os modos

diferentes de “ser” das mulheres e dos homens são construídos pela sociedade. André assim diz: “[...] *A mulher ela lida diferente com os sentimentos, com as emoções. Em relação ao homem, ela valoriza mais algumas coisas, nesse sentido [...]. Mas eu acredito que seja uma questão mais cultural do que realmente do gênero.*” (APÊNDICE D, p. 65). Ainda nesse sentido, Pedro coloca: “[...] *eu vejo a questão de ser mulher ligada à questão de feminilidade. A feminilidade é questão de aprendizado também. Algumas pessoas nascem, mas as pessoas podem aprender [...]*” (APÊNDICE E, p. 69).

De modo geral, fica manifesto que, para nossos (as) entrevistados (as), a incrustada essencialização do feminino e do masculino traz à tona, respectivamente, modelos de mulheres e de homens. Mesmo incluindo a dimensão sociocultural da formação dessas identidades de gênero, a maior parte dos (as) entrevistados (as) não reconhece outras possibilidades de existência do ser humano. Dessa maneira, supomos que há inexoráveis encadeamentos entre sexo feminino, mulher e dama, bem como entre sexo masculino, homem e cavalheiro.

Apenas Bartolomeu parece ir além. Ele assim fala: “[...] *eu acredito que existam papéis que foram socialmente definidos, mas que isso deva servir como, apenas, referência, como parâmetro, não como engessamento da conduta de cada um. Eu acho que cada um pode extrapolar e ir além disso [...]*” (APÊNDICE J, p. 91). Desse modo, ele enxerga possibilidades alternativas do “ser”. Ele não rotula nem estereotipifica, mas reconhece a existência provável de múltiplas identidades.

O espaço conquistado pelas mulheres, na sociedade, também é abordado pelos (as) entrevistados (as). As opiniões expressas demonstram que o ingresso das mulheres no mercado de trabalho implicou em redimensionamento tanto das tarefas domésticas quanto das obrigações financeiras, desonerando, assim, os homens do papel de provedor, mas acrescentando papéis produtivos às mulheres. Essa mudança de papéis sociais não alterou, no entanto, o ambiente da dança de salão. Neste, o empenho é para que as damas e os cavalheiros incorporem, respectivamente, o que se convencionou ser a forma apropriada de comportamento das mulheres e dos homens.

Percebemos, então, a dança de salão como reduto da tradição. Interrogado sobre o motivo que o levou a praticar essa modalidade de dança, André enfatiza esse “*habitus*” característico da dança de salão declarando que:

“[...] A dança de salão, ela promoveu em mim algo que eu sempre busquei na sociedade e que, hoje em dia, não se é praticado mais. São esses valores de cavalheiro, de dama, do cortejo, do contato físico sem segundas

intenções iniciais. É realmente essa questão do respeito, da mutualidade em relação à... à visão diferenciada da relação entre homem e mulher.” (APÊNDICE D, p. 65).

Há um tom nostálgico nessa declaração, o que, também, se evidencia na fala de Débora:

“[...] Eu acho que eu sou bem tradicional [...]. Quanto mais tradicional você é em termos de comportamento na hora da dança... Você tem que visualizar aquela dança de salão bem dos salões imperiais, uma coisa, assim, para tomar o clima que você tem que ter para dançar qualquer tipo de ritmo.” (APÊNDICE G, p. 80).

A impressão é de que o passado era melhor do que o presente em termos de costumes e moral. André compreende que as mudanças são inevitáveis e ocorrem numa direção negativa. Daí acentuar que: *“Quem pratica dança de salão volta a valorizar, volta a dar valor a questões que hoje não são valorizadas. É tudo focado e centrado na questão do cavalheirismo.” (APÊNDICE D, p. 67).*

A questão do cavalheirismo, entendido como cortesia, polidez, é vista como primordial para Dalila. Em sua opinião, *“[...] antigamente, o cavalheiro respeitava mais a mulher na dança do que hoje, sabe? [...] falta esse cavalheirismo [...]” (APÊNDICE K, p. 97).*

Essa ideia também é sustentada por Filipe, quando diz que:

“[...] na dança de salão a gente resgata alguns valores que hoje em dia a gente vê perdidos. Por exemplo, a educação e o cavalheirismo. Hoje em dia, a gente, praticamente, não encontra mais. [...] O cavalheiro, normalmente, sempre vai até onde a dama está para convidá-la para dançar, respeita a dama durante a dança, agradece a dama, conduz a dama de volta. Então, é praticamente o cuidado com a dama. E, hoje em dia, devido às mudanças e evoluções que a gente vem vendo a respeito de músicas e danças, são valores que estão sendo perdidos [...]” (APÊNDICE H, p. 83).

Nesse sentido, insinua-se um neoconservadorismo no contexto da dança de salão. Os (as) nossos (as) entrevistados (as) reconhecem os limites das considerações sociais tradicionais acerca das mulheres e dos homens, na medida em que atribuem a ambos a possibilidade de assumir as mesmas funções sociais. Porém, quando ponderamos sobre os papéis e as funções que mulheres e homens podem (ou não) assumir na dança de salão, percebemos o quanto as possibilidades de igualdade são diminutas.

A compreensão dos (as) nossos (as) entrevistados (as) é mais flexível no que se refere à realidade social, porém, permanece retrógrada no que concerne à dança de salão. Assim, percebemos a construção típico-ideal de damas e cavalheiros, que promove uma retomada de

padrões rígidos e anteriores sobre os modos de ser de mulheres e homens. As expectativas em relação a damas e cavalheiros ideais são contraditórias, mas, confirmam, em última instância, a prevalência do domínio masculino. André deixa claro que:

*“A dama ideal é uma mulher, né? Uma mulher paciente, uma mulher centrada, uma mulher que **sabe o seu lugar**, o seu momento. Ela sabe receber os cortejos, ela sabe receber a condução, mas ela não deixa de perder a atitude dela, ela não deixa de perder a presença dela na dança, porque ela é **a mais importante**, ela é a que aparece mais. Então, ela sabe tomar atitude no momento correto **sem suprimir a vontade do cavalheiro**, a condução do cavalheiro.”* (APÊNDICE D, p. 66, grifos nossos).

Ratificando o posicionamento de André, Dalila diz: *“[...]a dama, ela tem que ser, ao mesmo tempo que ela tem que ser sensível e feminina, ela tem que ser forte, ela tem que demonstrar essa [...] presença dela. [...]”* (APÊNDICE K, p. 95). Sobre isso, João acrescenta a possibilidade, mesmo que reduzida, de agência das damas: *“[...] a dama ideal tem que ser aquela que respeita o cavalheiro, mas que impõe respeito. [...] porque se a mulher ela é submissa demais, se ela só faz o que ele pede, perde a graça. O cavalheiro ele quer uma mulher que, também, se imponha de vez em quando, sabe? Que fale: ah, você está me pedindo isto, mas eu não quero fazer desse jeito. Eu vou até fazer o que você quer, mas no final eu vou dar uma mudadinha, porque vai me deixar mais bonita [...]”* (APÊNDICE N, p. 111).

Nesse sentido, as damas que resistem, mas, em seguida, cedem, são as preferidas na cena dançante. Tal fato traz à mente Beauvoir:

O ideal do homem médio ocidental é uma mulher que se submeta livremente ao seu domínio, que não aceite suas ideias sem discussão, mas que ceda diante de seus argumentos, que lhe resista com inteligência para acabar deixando-se convencer. Quanto mais seu orgulho se torna ousado, mais ele deseja que a aventura seja perigosa: é mais belo dominar Pentésiléia do que desposar Cinderela. (BEAUVOIR, 1970, p. 228).

A dança de salão, portanto, consolida-se como um campo de disputas em que o poder se concentra na condução dos cavalheiros. Débora salienta a atitude como característica central do cavalheiro ideal ao dizer que:

“[...] Eu acho que a palavra de um cavalheiro, na dança ou na vida, a palavra-chave é atitude. [...] para ele ter atitude é porque ele já conhece o que ele vai fazer, já é senhor da... domina a ação que ele vai atingir, que ele pensa em atingir. Então, ele tem que ter atitude. Se ele não tiver atitude, nada acontece.” (APÊNDICE G, p. 80).

Há uma flagrante incoerência entre o que se observa no circuito da dança de salão e o que se verifica na sociedade envolvente. As mulheres atuais não mais se submetem, como outrora, aos ditames do patriarcado. Ainda assim, na dança de salão, é permitido, é desejado, é ideal que as “damas-mulheres” sejam submissas. A agência é condicionada à atitude condescendente do “cavalheiro-homem”. Só é admitido que as damas conduzam, verdadeiramente, em situações excepcionais. Ao ser questionado sobre a possibilidade das damas intervirem no processo de condução, Simão assim responde:

“Pode. Em algumas situações, sim. Tem um moço que fazia aula aqui, ele era deficiente visual. Ainda é, né? Mas ele dançava muito bem, dançava muito bem. Depois ele perdeu a visão e a maneira que ele se sentiu bem foi deixando ela levar ele no salão, principalmente, nos primeiros dez segundos, para ele sentir o espaço, ele saber o espaço. Depois ele começa a conduzir. Então, só em alguns casos. Em alguns momentos, eu acho que há necessidade. E, também, quando o homem vai trombar, a menina pode segurar também.” (APÊNDICE M, p. 106).

Foi recorrente a apresentação da possibilidade das damas interferirem quando, numa situação de baile, elas percebessem que os cavalheiros não estavam atentos aos obstáculos como, por exemplo, outro casal no salão. Outra ocasião em que a condução é permitida às damas é bem ilustrada por Paulo, quando responde que:

“[...] Só se for em questão de aprendizado, por exemplo, que uma professora está dando aula para um cavalheiro ou tem uma dama que está fazendo de cavalheiro. Em aula, pode até ser. Mas dentro da dança, assim na hora que você está dançando, está fazendo uma apresentação, aí já não cabe.” (APÊNDICE O, p. 119).

No mais, as interferências são sutis, concedidas, ou seja, possibilitadas pelos cavalheiros. Conforme Tiago, a dama *“[...] pode intervir no sentido de criação de charmes, mas não no sentido de decisão do percurso.”* (APÊNDICE L, p. 100). Lucas explica:

“[...] O cavalheiro dá a deixa para a dama e ela tem possibilidades dentro do movimento. Em vários ritmos existem movimentos que exigem a mesma quantidade de tempo para ser executado e a dama pode escolher, dentro desse mesmo espaço de tempo, fazer determinado charme [...]” (APÊNDICE P, p. 122).

Ao ser conduzida, a dama tem condições de explorar os caminhos ditados pelo cavalheiro. Se ela tem conhecimento das possibilidades do seu corpo, dentro de um conjunto de passos para a execução de uma figura, ela pode criar. Contudo, a liberdade é controlada. Ela não pode dar qualquer resposta, ela tem que dar respostas possíveis, senão inviabiliza o proposto pelo cavalheiro. Em última instância, quem manda é o cavalheiro.

Um aspecto dessa concessão é a emergência da sedução da dama. Inferimos que os charmes, embora traduzam reiterações de expectativas sobre a dama ideal, na medida em que lhe atribui a função de atrair e seduzir, também podem ser considerados manifestações de vontade delas, visto que não são obrigatórios, mas complementares, isto é, faz quem quer. Ainda assim, a sua realização está condicionada às brechas que o percurso dançante lhe proporciona.

Outra possibilidade de atuação relativa das damas é apresentada por Dalila e Simão ao citarem os bailes da “Maria Cebola”, onde a dama é quem deve convidar o cavalheiro para a dança. O convite, contudo não mitiga o controle exercido pelo cavalheiro durante a prática dançante. Esse evento esporádico, apenas, modifica o ritual do convite, tradicionalmente, atribuído ao cavalheiro.

A dama desfruta de um momento singular quando tem efetivamente a capacidade de agir, segundo sua vontade, por meio de sua autoafirmação. Diná nos apresenta uma situação em que a dama se impõe, tornando-se, então, protagonista, mesmo que num breve espaço de tempo. De acordo com ela, a dama:

“[...] pode influenciar o cavalheiro. Por exemplo, o cavalheiro pede um movimento e ela quer fazer um enfeite, um floreio que a gente chama. O cavalheiro não dá tempo para ela. Ela pode segurar o corpo e fazer com que ele dê esse tempo para ela. Dessa forma, ele já vai estar esperando, ela já vai estar influenciando no processo todo da dança.” (APÊNDICE Q, p. 124).

Essas aberturas para a ação da dama seriam, então, a expressão do “*space-off*” cunhado por Lauretis. A dança de salão, como tecnologia de gênero, é um mecanismo modelador de condutas. Logo, o espaço alternativo de construção do ser é encontrado nos interstícios da dominação masculina.

Desse modo, para refletirmos sobre a probabilidade de desconstrução da heteronormatividade na dança de salão de Uberlândia, indagamos sobre a participação do homossexual nesse contexto. Constatamos que, desde que realize o papel predestinado a seu sexo biológico, o (a) homossexual é aceito (a). Filipe declara que não há preconceito nem impedimento ao alegar que *“[...] a gente encontra várias situações de homossexuais na dança de salão, tanto feminino quanto masculino, mas respeitando cada um o seu papel. Nada de coisa muito extravagante.” (APÊNDICE H, p. 84).* Diná reitera: *“[...] o homossexual que participa da dança de salão, [...] ele é homem, é normal.” (APÊNDICE Q, p. 125).*

Percebemos nesses argumentos a repressão da identidade sexual do (a) homoafetivo (a). Nesse contexto, o aceito como “normal” é aquele (a) que se adequa à heteronormatividade; há uma tolerância à opção homossexual, porém não se admite que ela se expresse de forma a alterar o padrão estabelecido: dama-mulher e cavalheiro-homem. André reforça o observado ao afirmar que: “[...] *não tem problema nenhum a mulher ser homossexual e dançar com um homem, porque a relação não é sexual, a relação não tem nada a ver com sexualidade. A relação é entre duas pessoas de sexos diferentes fazendo uma prática dentro de uma música.*” (APÊNDICE D, p. 68).

A fala de André alude a uma pretensa imparcialidade do ambiente da dança de salão, onde o fator sexualidade não seria relevante e pessoas de sexos diferentes, supostamente, interagem sem se importar com a sexualidade do outro. Mas isso não se verifica na realidade, pois a constituição de pares homossexuais é censurada. Desde o princípio, determina-se que um casal de dançarinos deve ser composto por mulher e homem, heterossexuais. Portanto, o sexo importa, bem como a sexualidade. Débora alega a inviabilidade da constituição da dupla homossexual dizendo que:

“[...] Se torna ainda, assim, uma coisa agressiva. Aceitar o professor gay é comum. Ou até uma professora, também, que seja lésbica, é tranquilo. Mas você ver os casais dançando homem com homem e mulher com mulher, eu não tenho esse conhecimento, ainda, nos salões. E, no meu, particularmente, eu já tive oportunidade de dizer para o casal que eles precisariam fazer o papel, no caso, se eram duas mulheres, elas tinham que ser damas na sala de aula.” (APÊNDICE G, p. 81).

Lucas, Bartolomeu e Débora justificam o impedimento dessa prática. Lucas sintetiza a ideia expressa pelos outros ao formular que:

“[...] assim como algumas convenções sociais, por exemplo, o casamento desde o início foi homem e mulher. Dentro de casa, uma família no início foi um homem e uma mulher. A dança hoje é um homem e uma mulher. Então, acaba que a dança é o espelho da sociedade. Essas mudanças, que porventura possam vir, dependem de cada segmento, também, não depende de quem já está acomodado com o que se considera normal ou não. A arte acaba sendo o espelho daquele momento social em que a gente vive, né? Então, pode ver qualquer atividade artística, se você for estudar o tempo em que ocorreu, aquela atividade foi influenciada pelo momento social.” (APÊNDICE P, p. 123).

Os trechos apresentados evidenciam os desdobramentos de um universo permeado por históricos essencialismos. A dança de salão reproduz a lógica binária da sociedade androcêntrica. As mudanças sociais não tiveram força suficiente para a modificação dos valores tradicionais que orientam esse microcosmo dançante. A agência da dama e a formação

de casais homossexuais são temáticas que, se discutidas e problematizadas, podem promover rupturas numa estrutura ainda ordenada pela dominação masculina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo é receptor e emissor de significados socioculturais. Eis porque a dança, ao servir-se dele, não se encontra descolada da realidade social. Da movimentação corpórea para a prática dançante emerge a lógica estruturante do grupo social que a realiza. Os sentidos compartilhados refletem uma cultura específica, na qual os sujeitos envolvidos realizam trocas recíprocas de valores, comportamentos e práticas.

Partindo desse pressuposto, este trabalho pretendeu verificar se os espaços ocupados e papéis desempenhados por mulheres e homens na dança de salão de Uberlândia eram reflexos da construção do que é ser mulher e ser homem na sociedade. Recorremos à realização de entrevistas com os (as) coordenadores (as) dos centros de dança de salão dessa cidade a fim de coletar os dados necessários para o enfrentamento das nossas questões, a saber: se os constructos sociais referentes a mulheres e homens no contexto da dança de salão correspondem à construção do que é ser mulher e ser homem na sociedade; a configuração sociorracial da dança de salão e sua relação com os processos de (re) produção e manutenção de uma ordem masculina, heterossexual e branca; e se há espaço para praticantes que não se enquadrem nos modelos e padrões de expectativas sociais para mulheres e homens.

A hipótese testada neste estudo foi a de que os valores e padrões sociais e culturais relativos à (re) produção de (auto) representações de gênero, presentes no dia-a-dia das dançarinas e dos dançarinos, interferem nas maneiras de ser da dama e do cavalheiro na dança de salão. Essa relação foi parcialmente constatada, uma vez que percebemos a dança de salão como reduto da tradição num contexto de mudanças. Isso indica a não reprodução das tendências sociais nesse ambiente. Os (as) entrevistados (as) até detectam as transformações nos papéis e lugares ocupados por mulheres e homens na sociedade atual, porém não aplicam essa percepção no interior da dança de salão. Mantém-se a ideia de que damas e cavalheiros devem remontar uma estrutura de poder assimétrico entre mulheres e homens.

Desde os primórdios da dança de salão, a dupla de dançarinos é, obrigatoriamente, formada por mulher e homem, excluindo qualquer possibilidade de arranjos alternativos. Nessa interação, a mulher desempenha o papel de dama e o homem assume o papel do cavalheiro. A condução é atributo deste, enquanto a submissão é exigida daquela. Assim, reproduz-se uma representação característica da sociedade androcêntrica.

Os espaços de intervenção feminina são exíguos e, por vezes, são resultados da concessão masculina. Para a dama repelir as interdições desse circuito, ela precisa se autoafirmar, impor-se. Ter conhecimentos das suas possibilidades corporais torna-a capaz de

ser parte ativa no processo de composição da dança ao desenvolver movimentações independentes, resultantes da manifestação de sua própria vontade. A sedução, derivada dos charmes, é um elemento importante para compreender a agência da dama. Mesmo que seja condicionada ao controle dos cavalheiros e faça referência a uma função tradicional das damas, a sedução permite criar espaços de atuação feminina, apesar disso não necessariamente viabilizar o empoderamento do seu sujeito. A sedução na dança de salão uberlandense é um elemento circunscrito pelo padrão androcêntrico e parece referir-se ao que Bourdieu chamou de “arma dos fracos” (BOURDIEU, 1999).

Em suma, o ambiente sólido da dança de salão propõem-se a regular os papéis das damas e dos cavalheiros. A idealização estereotipada desses personagens significa que esse universo dançante não incorpora as múltiplas possibilidades do ser. A heteronormatividade compulsória é responsável por estabelecer os parâmetros ordenadores desse microcosmo social. A sexualidade não influencia o arranjo padrão da dupla de dançarinos, contudo inviabiliza disposições alternativas. É difícil presenciar a formação de casais homossexuais e a livre expressão de suas identidades nesse contexto. O “*habitus*” que governa as práticas dançantes é coordenado pela lógica binária e segregacionista, que não admite modos de ser alternativos além daquele que opõem mulheres e homens em virtude de seu sexo biológico.

Percebemos, portanto, que a dança de salão não dialoga diretamente com as mudanças sociais que os (as) próprios (as) entrevistados (as) apontaram. Não há um avanço objetivo no que diz respeito à absorção de uma mentalidade mais receptiva às diversas identidades de gênero. Embora observemos um processo social de transição que busca a democracia do “ser”, como as inegáveis mudanças ainda encontram-se em processo de consolidação, a dança de salão reflete a reprodução/manutenção de preceitos tradicionais, isto é, machistas.

Enfim, trazer esse tema à discussão pareceu-nos apropriado, porque sugere novas perspectivas de reflexão e questionamento. Dar-nos-emos por satisfeitas se a exploração das questões, aqui, encaminhadas, frequentemente ditas superadas e banais, for efetiva.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, vol.1, 1970.
- _____. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, vol.2, 1967.
- BOUCIER, Paul. **História da Dança no Ocidente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- _____. Compreender. In: **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 693 – 713.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DANCE Styles. WORLD DANCESPORT FEDERATION, 2012. Disponível em: <<http://www.worlddancesport.org/About/Dance%20Styles>>. Acesso em: 10 de novembro de 2012.
- DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. In: **Pensadores**. São Paulo: Abril, 1978, p. 71 – 156.
- FARIA, Nalu e NOBRE, Mírian. O que é ser mulher? O que é ser homem? In: **Gênero e Educação**: caderno de apoio para a educadora e o educador. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2003, p. 29 – 43.
- FARO, Antônio José. **Pequena História da Dança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2012.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- GIDDENS, Anthony. A teoria da estruturação, pesquisa empírica e crítica social. In: **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 229 – 247.
- GONZAGA, Luís. **Técnicas de Dança de Salão**. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.
- IBGE. **Cidades**. Informações sobre os municípios brasileiros. Minas Gerais. Uberlândia. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=31702>>. Acesso em: 20 de outubro de 2013.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: **Tendências e Impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206 – 242.
- LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- MASSENA, Mariana. **A Sedução do Brasileiro**: um estudo antropológico sobre a dança de salão. 2006. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MATOS, Marilise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um *campo novo* para as ciências. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis, vol. 16, nº 2, maio/agosto, 2008, p. 333 – 357.

MAUSS, Marcel. As Técnicas do Corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 399 – 422.

MILLS, Charles Wright. A Promessa. In: **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975, p. 9 – 32.

OLIVEIRA, Helena Anastácia Garritano de. **Relações de Gênero**: uma investigação sobre o atual papel das damas nos bailes de dança de salão. 2009. Monografia (Graduação em Dança). Departamento de Arte Corporal, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

OLIVEIRA, Júlio César de. **Ontem ao Luar**: o cotidiano boêmio da cidade de Uberlândia (MG) nas décadas de 1940 a 1960. Uberlândia: EDUFU, 2012.

OSSONA, Paulina. **A Educação pela Dança**. São Paulo: Summus, 1988.

PREFEITURA de Uberlândia. **Notícias**. Arquivo de notícias. Festival de Dança reforça a relação entre mídia e produções contemporâneas. Disponível em <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=agenciaNoticias&id=3024>>. Acesso em: 20 de outubro de 2013.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira & OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. **Um Toque de Clássicos**: Marx, Durkheim e Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Posfácio: Conceituando o Gênero. In: **Mulher Brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994, p. 271 – 283.

_____. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: **Uma Questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, p. 183 – 215.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Ciência e Senso Comum. In: **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna**. São Paulo: Graal, 1989, p. 31 – 45.

SARDENBERG, Cecilia M. B. Migrações Perigosas: As (Des) Aventuras Semânticas do Conceito de Gênero nos Projetos e Políticas para Mulheres no Brasil. In: Seminário Trabalho e Gênero, 4. 2012. **Anais...** Goiânia: UFG, 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, julho/dezembro, 1995, p. 71 – 99.

SEGATO, Luciene de Lúcio. **Gênero, Corpo e Dança**: um olhar sociológico para o romance e o Ballet Clássico “Carmem”. 2008. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Departamento de Artes, Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

SILVA JUNIOR, João Batista da. Representações de Masculinidade nos Salões de Dança Carioca. In: Fazendo Gênero, 9. 2010, Florianópolis. **Anais Eletônicos...** Santa Catarina: UFSC, 2010. Disponível em:

<<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 20 de outubro de 2012.

STEIL, Andrea Valéria. Organizações, gênero e posições hierárquicas: compreendendo o fenômeno do teto de vidro. In: **Revista de Administração**, São Paulo, vol. 32, nº 3, julho/setembro 1997, p. 62 – 69.

THIOLLENT, Michel. A Falsa Neutralidade das Enquetes Sociológicas. In: **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo: Polis, 1981, p. 41 – 77.

_____. Estratégia de Conhecimento. In: *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 13 – 46.

UBERLÂNDIA em Movimento. Uberlândia: Uberlândia de Ontem e Sempre, 2012. Disponível em: <<http://www.uberlandiadeontemesempre.com.br>>. Acesso em: 15 de outubro de 2012.

VIANNA, Klaus. **A Dança**. São Paulo: Summus, 2005.

WEBER, Max. A “Objetividade” do conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política. In: **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 1992.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

Nome: _____

Idade: _____ **Nacionalidade:** _____ **Naturalidade:** _____

Sexo: () Feminino () Masculino () Outro: _____

Identidade de Gênero: () Mulher () Homem () Transgênero: aquela pessoa que está constantemente em trânsito entre uma identidade de gênero e outra. () Outra: _____

Classe social (segundo renda familiar)¹: () A: acima de R\$ 9745,01 () B: de R\$ 7475,01 a R\$ 9745,00 () C: de R\$ 1734,01 a R\$ 7475,00 () D: de R\$ 1085,01 a R\$ 1734,00 () E: de R\$ 0,00 a R\$ 1085,00

Identificação étnico-racial: () Branca (o) () Indígena () Negra (o) () Oriental

Escolaridade: () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior () Outra: _____

Profissão: _____

1. O que é a dança?
2. O que é a dança de salão?
3. Desde quando pratica essa modalidade de dança?
4. Por que escolheu a dança de salão?
5. O que é ser mulher?
6. Quais as funções/os papéis das mulheres na sociedade?
7. Como deve ser a mulher ideal?
8. As mulheres podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?
9. O que significa ser dama?
10. Quais as funções/os papéis da dama na dança de salão?
11. Quem pode ser dama?
12. Quem não pode ser dama?
13. Como deve ser a dama ideal?
14. A dama pode intervir no processo de condução? Como? Em qual (is) situação (ões)?
15. O que é ser homem?
16. Quais as funções/os papéis dos homens na sociedade?
17. Como deve ser o homem ideal?
18. Os homens podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?
19. O que significa ser cavalheiro?
20. Quais as funções/os papéis do cavalheiro na dança de salão?
21. Quem pode ser cavalheiro?
22. Quem não pode ser cavalheiro?
23. Como deve ser o cavalheiro ideal?
24. O cavalheiro pode se deixar guiar pela dama? Em qual (is) situação (ões)?
25. Você acha que a relação entre mulheres e homens mudou ao longo da história da humanidade? Se mudou, fale sobre essas mudanças.
26. Você acha que a relação entre dama e cavalheiro mudou ao longo da história da dança de salão? Se mudou, fale sobre essas mudanças.
27. (Para as Coordenadoras) Você convidaria um cavalheiro para dançar? (Para os Coordenadores) Como você reagiria se uma dama te convidasse para dançar?
28. Você acha que a dança de salão de Uberlândia está preparada para ceder espaço para outros modelos de casal que não o heterossexual?

¹ A distribuição das classes sociais em faixas de renda familiar, atualizada aos preços de julho 2011, foi por nós extraída do Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que ajustou-a com base na Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para mais informações consulte: <cps.fgv.br>.

APÊNDICE B – Termo de compromisso de uso de entrevista

Eu, Iane Ulhoa Faria – brasileira, solteira, portadora da cédula de identidade nº MG – 15.619.829, emitida pela Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, do CPF nº 090.102.306-00, domiciliada e residente à Rua Guajajaras, 570, CEP nº 38.408-406, bairro Saraiva, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia e responsável pela pesquisa *Corpo, Gênero e Poder: um olhar sociológico para a Dança de Salão de Uberlândia/MG* orientada pela Profa. Dra. Eliane Schmaltz Ferreira² – comprometo-me a utilizar a entrevista de (nome) _____, (nacionalidade) _____, (profissão) _____, portador (a) da cédula de identidade nº _____, emitida pelo (a) _____, domiciliado (a) e residente à _____, _____,

exclusivamente para a execução do projeto em questão, preservando a identidade da (o) entrevistada (o) cujos dados serão coletados e divulgando as informações de forma anônima, não utilizando quaisquer indicações que possa revelar o sujeito da pesquisa. Quaisquer outras formas de utilização e divulgação da entrevista necessitam de autorização expressa da (o) depoente ou herdeira (o).

Uberlândia, ____ de _____ de 2013.

Iane Ulhoa Faria – pesquisadora

_____ - entrevistada (o)

² Esclarecemos que Eliane Schmaltz Ferreira acompanhou a elaboração e aplicação desse documento quando era orientadora dessa pesquisa. Devido à sua aposentadoria, Maria Lúcia Vannuchi assumiu a orientação desse trabalho. Contudo, como esse termo já havia sido assinado pelos (as) entrevistados (as), achamos pertinente manter o apêndice tal qual as vias que estão em posse deles (as).

APÊNDICE C – Termo de cessão gratuita de direito sobre entrevista

A (o) entrevistada (o) (nome) _____,
 (nacionalidade) _____,
 (profissão) _____,
 portador (a) da cédula de identidade nº _____,
 emitida pelo (a) _____,
 domiciliado (a) e residente à _____

_____,
 declara ceder à Iane Ulhoa Faria – brasileira, solteira, portadora da cédula de identidade nº MG – 15.619.829, emitida pela Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, do CPF nº 090.102.306-00, domiciliada e residente à Rua Guajajaras, 570, CEP nº 38.408-406, bairro Saraiva, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia e responsável pela pesquisa *Corpo, Gênero e Poder: um olhar sociológico para a Dança de Salão de Uberlândia/MG* orientada pela Profa. Dra. Eliane Schmaltz Ferreira³ – a plena propriedade e os direitos autorais da entrevista que prestou. A pesquisadora fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso à mesma para fins idênticos, com a ressalva de preservar a identidade da (o) entrevistada (o) cujos dados serão coletados e divulgar as informações de forma anônima, não utilizando quaisquer indicações que possa revelar o sujeito da pesquisa. Quaisquer outras formas de utilização e divulgação da entrevista necessitam de autorização expressa da (o) depoente ou herdeira (o).

Uberlândia, ____ de _____ de 2013.

 Iane Ulhoa Faria – pesquisadora

 _____ - entrevistada (o)

³ Esclarecemos que Eliane Schmaltz Ferreira acompanhou a elaboração e aplicação desse documento quando era orientadora dessa pesquisa. Devido à sua aposentadoria, Maria Lúcia Vannuchi assumiu a orientação desse trabalho. Contudo, como esse termo já havia sido assinado pelos (as) entrevistados (as), achamos pertinente manter o apêndice tal qual as vias que estão em posse deles (as).

APÊNDICE D – Entrevista 1⁴

Nome fictício: André

Idade: 28

Nacionalidade: brasileiro

Naturalidade: Araguari

Sexo: masculino

Identidade de gênero: homem

Classe social segundo renda familiar: C

Identificação étnico-racial: branco

Escolaridade: Ensino Superior em Educação Física

Profissão: professor

27. O que é a dança?

Bem, a dança é qualquer tipo de manifestação física vinda de um sentimento, vinda de uma música, vinda de um som. Então, é, realmente, manifestar fisicamente, de qualquer forma, com o corpo, algo externo.

28. O que é a dança de salão?

A dança de salão é uma dança caracterizada pelo contato de duas pessoas de sexos opostos. Então, cavalheiro e dama, homem e mulher, em contato, promovendo figuras, promovendo passos entre si. Isso poderia ser considerado dança de salão apesar de hoje a gente não ter uma definição exata de quais são as danças de salão. Em cada região, em cada país, em cada estado há uma definição diferenciada.

29. Desde quando pratica essa modalidade de dança?

Eu iniciei no final de 1999 com a dança de salão. Um ano depois, um ano e dois meses depois eu comecei a dar aula e até hoje estou praticando. Nunca cheguei a parar de ministrar aulas.

30. Por que escolheu a dança de salão?

Bem, na verdade, foi amor à primeira vista. A dança de salão ela promoveu em mim algo que eu sempre busquei na sociedade e que, hoje em dia, não se é praticado mais. São esses valores de cavalheiro, de dama, do cortejo, do contato físico sem segundas intenções iniciais. É realmente essa questão do respeito, da mutualidade em relação à... à visão diferenciada da relação entre homem e mulher.

31. O que é ser mulher?

Essa pergunta é difícil. Acho mulher um ser muito mais complexo que o homem. É questão de opinião, pessoal. A mulher ela... Eu acho que a mulher é um ser um pouco mais complexo que o homem. A mulher ela lida diferente com os sentimentos, com as emoções. Em relação ao homem, ela valoriza mais algumas coisas, nesse sentido, do que o homem. Mas eu acredito que seja uma questão mais cultural do que realmente do gênero.

32. Quais as funções/os papéis das mulheres na sociedade?

Eu acho que a sociedade determina isso, né? Cada cultura determina funções diferenciadas para os gêneros, para... e tudo. Não acredito que tenha como fazer uma definição geral em relação a isso porque cada cultura é uma forma diferenciada.

33. Como deve ser a mulher ideal?

Mulher ideal para sociedade... Eu acredito que nem mais nem menos. De forma alguma diferente do homem, né? Ser humano é ser humano.

34. As mulheres podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Com certeza. Mulher e homem não tem que ter diferenciação social. Mulher e homem tem diferenciação na parte filosófica, na parte sentimental, como eu disse no início. Mulher e homem não tem que ser diferenciado.

⁴ Entrevista realizada no dia 04 de fevereiro de 2013 com duração de 15 minutos e 27 segundos.

35. O que significa ser dama?

Pois é, a dama seria uma mulher que pratica os preceitos instituídos pela dança de salão. Teoricamente instituídos, né? Como o homem tem que ser cavalheiro, tem que cortejar a dama, ela tem que saber lidar com essa situação. As mulheres hoje elas têm um pouco de dificuldade também em lidar com esse tipo de situação, assim como os homens, né? Eu sempre vejo mulher falar: ai, não existem cavalheiros como os de antigamente. Eu sempre brinco com elas: não existem, também, damas como as de antigamente, né?

36. Quais as funções/os papéis da dama na dança de salão?

Na verdade, quando a gente vai falar de dança de salão, ninguém tem papel/função, todos estão ali para fisicamente expor seus sentimentos dentro de um contexto musical. Então, a dama não tem um papel, o cavalheiro não tem um papel/função. Não é questão de função. O cavalheiro, como o nome já diz, ele corteja a dama. A dama é cortejada, ela lida com a situação, ela tem a responsabilidade dela na questão de ser conduzida, de não tomar iniciativa durante a dança no sentido de querer levar o cavalheiro a algum lugar. Mas eu não acredito que seja uma função/papel. As pessoas estão ali para... Eu acredito que na dança de salão as pessoas estão ali realmente para curtir, para aumentar a autoestima, para... todos os motivos pelos quais a pessoa procurou fazer dança de salão, né? Não exercer funções. Acho que elas vão é para fugir disso até. As pessoas vão para a dança de salão é para fugir disso, para parar de exercer função.

37. Quem pode ser dama?

Qualquer mulher pode. Inclusive até a gente, às vezes, reconhece alguns cavalheiros que tem condições.

38. Quem não pode ser dama?

Não, ninguém. É complicado falar que um homem pode ser dama, né? Mas a gente respeita, a gente respeita.

39. Como deve ser a dama ideal?

A dama ideal é uma mulher, né? Uma mulher paciente, uma mulher centrada, uma mulher que sabe o seu lugar, o seu momento. Ela sabe receber os cortejos, ela sabe receber a condução, mas ela não deixa de perder a atitude dela, ela não deixa de perder a presença dela na dança, porque ela é a mais importante, ela é a que aparece mais. Então, ela sabe tomar atitude no momento correto sem suprimir a vontade do cavalheiro, a condução do cavalheiro.

40. A dama pode intervir no processo de condução? Como? Em qual (is) situação (ões)?

A dama intervém dando condições para que a condução aconteça. Um corpo mole, um corpo em que não tem ligação entre as partes ele não pode ser conduzido. A gente brinca, fala que é uma massa mole. Não adianta, o corpo tem que ser vivo, ele tem que ser firme, por isso que eu falei que uma dama centrada ela não pode fazer corpo mole. Se ela não quiser ser conduzida nenhum cavalheiro tem esse poder de conduzi-la. Ela só é conduzida se ela quiser e, se ela quiser, ela tem que dar condições.

41. O que é ser homem?

Agora vamos o contrário, né? Deixa eu lembrar o que eu falei o que é ser mulher. É tudo uma questão cultural de novo. Ser homem, culturalmente, eu acredito que em cada lugar é diferente. Aqui para nós, a gente tem uma visão chula até que ser homem é ser macho. Outras culturas não são tanto assim ou mais assim. Eu não concordo. Para mim, ser homem é ser digno de ser oposto à mulher, mas, ao mesmo tempo, ser humano como ela.

42. Quais as funções/os papéis dos homens na sociedade?

Os mesmos das mulheres.

43. Como deve ser o homem ideal?

Também é cultural, né? A gente entra na mesma questão do que é ser homem. Cada cultura determina o homem ideal de forma social e aquilo ali é o padrão. Se a gente sai do padrão ou está fora do padrão, a gente não se encaixa. Eu acredito que a dança de salão seja uma válvula

para culturas mais machistas, porque o homem não precisa ser macho, ele não precisa cuspir no chão, ele não precisa coçar a genitália, ele não precisa disso. Homem para ser homem, para ser ideal, é o homem que valoriza sua dama e a dama ideal é a que valoriza seu cavalheiro. Então, acho que é mútuo.

44. Os homens podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente? Claro. Assim como as mulheres.

45. O que significa ser cavalheiro? O cavalheiro é um homem, na minha opinião, mais homem e, na opinião social/cultural, menos homem. O que não deveria ser, né? Já tem algumas décadas que foi abaixo essa questão do abrir a porta, do ter/ser mais sensível. Toda essa questão que leva a mulher a admirar mais o homem, socialmente hoje, culturalmente, não é o ideal. Mas para mim é.

46. Quais as funções/os papéis do cavalheiro na dança de salão? Pois é, o cavalheiro... A principal função dele é exaltar a dama. Isso já diz tudo. Cortejar, convidar, abraçar, tratar bem, deixa-la confortável. Isso até, para um homem que realmente é cavalheiro, ele se sente bem com isso.

47. Quem pode ser cavalheiro? Qualquer homem.

48. Quem não pode ser cavalheiro? É a mesma questão lá das damas, a gente respeita. Se a dama tem uma atração sexual por outra mulher e ela age como homem, vem para uma aula de dança e quer fazer o papel de cavalheiro, a gente precisa respeitar.

49. Como deve ser o cavalheiro ideal? O cavalheiro ideal engloba tudo o que eu falei aí. Preocupar com a dama. É muito mais a preocupação com a dama. A dama é o centro das atenções da dança de salão, sempre.

50. O cavalheiro pode se deixar guiar pela dama? Em qual (is) situação (ões)? De forma física e mecânica não é o ideal. O Cavalheiro ele tem que ter o controle da situação no sentido de que é ele que vai promover conforto e prazer para a dama e, se ele for bloqueado em momentos, ele acaba perdendo essa autonomia. Mas ele pode ser guiado no sentido de... não ser guiado, mas ser orientado pela dama no sentido de como ele pode fazer para deixá-la mais confortável. Há também a relação entre o casal em que a dama promove um momento em que o cavalheiro faz alguma coisa que ele não faria. Mas é atitude dele, promovida pela incidência da atitude dela. Mas, realmente, pegar de forma física e levar o cavalheiro a algum lugar, não.

51. Você acha que a relação entre mulheres e homens mudou ao longo da história da humanidade? Se mudou, fale sobre essas mudanças. Com certeza. Sempre. Muda sempre. Esta em constante mudança. Infelizmente, porque a impressão que a gente tem é que está piorando cada vez mais.

52. Você acha que a relação entre dama e cavalheiro mudou ao longo da história da dança de salão? Se mudou, fale sobre essas mudanças. Quem pratica dança de salão volta a valorizar, volta a dar valor à questões que hoje não são valorizadas. É tudo focado e centrado na questão do cavalheirismo.

53. Como você reagiria se uma dama te convidasse para dançar? Normalmente. Convidou para dançar, aceita o convite, dança, agradece, normal.

54. Você acha que a dança de salão de Uberlândia está preparada para ceder espaço para outros modelos de casal que não o heterossexual?

Acho que a dança de salão de nenhum lugar está. A dança de salão ela é uma dança conservadora. Teoricamente conservadora, de forma teórica né? A dança de salão é uma dança que ela promove a relação entre o homem e a mulher de forma diferenciada. Mas, como eu disse antes, se, e isso é a minha opinião pessoal, se chega uma dama querendo ser cavalheiro e um cavalheiro querendo ser dama, não por nossa parte ele vai ter algum tipo de

restrição, mas pela parte dos próprios pares. As damas até aceitam dançar com outra dama, mas se for uma dama homossexual, provavelmente, ela não vai se sentir confortável. E os cavalheiros, em hipótese nenhuma. É uma questão cultural, não vão se sentir confortáveis em dançar com outro homem em nenhuma situação. Então, eu acredito que a dança de salão não está preparada para esse tipo de situação em nenhum lugar, mesmo porque não tem a ver com sua essência. Mesmo que, igual você disse aí, no caso do heterossexual, não tem problema nenhum a mulher ser homossexual e dançar com um homem, porque a relação não é sexual, a relação não tem nada a ver com sexualidade. A relação é entre duas pessoas de sexos diferentes fazendo uma prática dentro de uma música.

54.1. É estético o casal heterossexual na dança de salão?

Padronização. É padrão. Claro. Com certeza. Você ver duas mulheres dançar não é a mesma coisa. E é importante frisar isso aí porque essa pergunta leva no sentido sexual e, principalmente a gente, pega muito firme nessa questão. Não pode haver nada, de forma alguma, sexual ligado a prática da dança de salão, porque nós estamos ligados com uma dama, abraçados com uma dama. Nós estamos ali num momento em que esse contato, se com segundas intenções, ele pode vir a causar prejuízo na relação. Prejuízos que até se for bom é prejuízo, porque a gente não está concluindo o objetivo que é aprender a dançar, aprender a conduzir, aprender a cortejar. As coisas não estão ligadas. Então, no caso dessa pergunta, tem que ser heterossexuais é... não precisam ser heterossexuais, podem ser homossexuais, tranquilamente, contanto que desempenhe o seu papel como homem e como mulher para formar o casal. Então, a dança de salão não está em nenhum lugar e não vai estar nunca porque não tem conotação sexual. Se chega uma dama homossexual querendo dançar com damas, ela tem segundas intenções, então, ela não serve para praticar a dança de salão.

APÊNDICE E – Entrevista 2⁵

Nome fictício: Pedro

Idade: 24

Nacionalidade: brasileiro

Naturalidade: Uberlândia

Sexo: masculino

Identidade de gênero: homem

Classe social segundo renda familiar: C

Identificação étnico-racial: branco

Escolaridade: Ensino Superior Incompleto em Matemática

Profissão: empresário

1. O que é a dança?

Para mim a dança ela chega a ser qualquer movimentação do corpo, independente de uma música ou não. Você precisa só de um som, né? Então, qualquer som que você emite e seu corpo dá uma resposta, eu já considero uma dança. É qualquer movimentação sendo estimulada por um som.

2. O que é a dança de salão?

Eu considero a dança de salão qualquer dança a dois. Independente da história dela, porque tem algumas regiões que consideram dança de salão determinados ritmos e outros não, né? Eu a considero qualquer tipo de dança a dois.

3. Desde quando pratica essa modalidade de dança?

Bom, já faz doze anos. Por volta de uns doze anos. A gente está em 2013, né?

4. Por que escolheu a dança de salão?

Eu não escolhi, eu fui obrigado a começar. Na verdade, meus pais já faziam e aí minha madrinha ia começar. Ela me pegou em casa e me obrigou a ir. Eu nunca tive vontade de começar, não. Mas a primeira aula que eu fiz, eu me apaixonei e continuei.

5. O que é ser mulher?

Uma boa pergunta. O que é ser mulher? Para mim, ser mulher tem muito a ver com a feminilidade. Quando eu falo mulher é... Tem muita mulher que pegou muito as características dos homens. Então, eu vejo a questão de ser mulher ligada à questão de feminilidade. A feminilidade é questão de aprendizado também. Algumas pessoas nascem, mas as pessoas podem aprender. Eu vejo que... que algumas mulheres chegam mais masculinas e elas conseguem desenvolver esse processo.

6. Quais as funções/os papéis das mulheres na sociedade?

Bom, hoje em dia mudou muito, né? Acho muito complexo. De certa maneira é preconceituoso determinar isso. Eu não consigo enxergar que o papel da mulher é isso e o papel do homem é aquilo.

7. Como deve ser a mulher ideal?

Cara essa pergunta... Como eu disse, né? Tem de ser uma mulher feminina. Mulher sem preconceitos, como eu disse na pergunta anterior, de papéis. Ah, eu sou mulher, então, eu tenho que desenvolver determinados papéis. Para mim, isso não existe. Tanto o homem quanto a mulher. Até pela minha criação. Nunca existiu isso de minha mãe fazer aquilo e meu pai fazer aquilo. Os dois trabalhavam. Os dois limpavam a casa. Os dois faziam comida. Então, não existe isso dentro da minha cultura familiar, né? Para mim, mulher tem que ser ampla, tem que ser mulher, tem que ser feminina, tem que tentar desenvolver todos os papéis que for capaz tanto como o homem, ter o mesmo papel.

8. As mulheres podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

⁵ Entrevista realizada no dia 06 de fevereiro de 2013 com duração de 25 minutos e 35 segundos.

Podem.

9. O que significa ser dama?

Significa deixar ser conduzida ou levada pelo homem de maneira que permita a ela desenvolver, ela ter uma desenvoltura, não uma dependência, mas uma desenvoltura dentro da dança. Ela aparecer, ela desenvolver as movimentações dela, o charme dos braços, das pernas, mas sempre deixando o homem propor a ela. O homem propõe e ela corresponde da maneira que ela acha que convém.

10. Quais as funções/os papéis da dama na dança de salão?

Os papéis? É muito do que eu falei. Deixar ser conduzida, ser levada. Desenvolver as movimentações dela independente de um homem, porque tem muita dama que você vai dançar e ela corresponde só ao que você quer. No caso, existe uma gama de variedades, de variação que a mulher pode fazer dentro do que o homem conduziu, independente se é o que ele quer ou não. Um dos papéis importantes também é a questão espacial dentro do salão. Ela tem que estar atenta quando o homem está dançando, faz movimentações para trás e ele não está enxergando o que está atrás dele. Então, ela tem esse papel de ajudar na questão espacial.

11. Quem pode ser dama?

Acho que qualquer um que quiser. O papel de dama e cavalheiro independe do gênero masculino e feminino, ser homem ou mulher. Hoje a gente tem até alguns exemplos dentro da dança de salão de homens que fazem de dama e que fazem muito melhor que uma própria dama.

12. Quem não pode ser dama?

Acho que todo mundo pode, como eu falei.

13. Como deve ser a dama ideal?

Bom, eu costumo dizer muito nas minhas aulas que a dama ideal tem que saber as movimentações dela independente de um homem, porque senão o homem tem que carregar ela, tem que puxar e empurrar. E isso é desagradável. Então, ela tem que saber as movimentações dela, a gama de movimentações para ela executar de forma leve quando o homem pedir aquela determinada movimentação. É respeitar esse processo. Desenvolver as movimentações dela, como eu disse anteriormente. Todo charme, elegância, desenvoltura.

14. A dama pode intervir no processo de condução? Como? Em qual (is) situação (ões)?

Eu acho... eu acredito que em algumas determinadas danças acontece mais que em outras dela intervir a todo momento. Por exemplo, o zouk, que é uma dança que eu acredito ser de uma entrega maior do que outras e é uma dança também, vamos dizer, meio que subjetiva. Quando eu conduzo para determinadas movimentações a mulher corresponde de uma maneira diferente, o corpo dela corresponde de uma maneira diferente. É subjetivo, é da pessoa, não tem como. Então, eu conduzo esperando algo, ela faz outra coisa diferente e não é por isso que eu vou parar de dançar. Ela interviu na minha condução, então, eu tenho que, através do que ela me deu, desenvolver outras movimentações, outras possibilidades. E é muito gostoso porque é uma troca. Eu peço, ela me responde e, através da resposta dela, eu tenho que pedir outra coisa diferente. Coisas que, às vezes, não estão na minha mente e eu tenho que improvisar.

14.1. Isso é possível em outras danças?

É.

15. O que é ser homem?

Acho que é uma pergunta tão complicada quanto falar o que é ser mulher. É complicado, hein? Estou tentando lembrar o que eu falei que é mulher para falar o contrário do homem. É complicado, porque quando eu falo o que eu penso que é ser homem e, às vezes, eu penso umas características e, de repente é o que eu falei anteriormente de questões de preconceito, de mulher ter posições, determinadas posições, e homens outras determinadas posições. Aí eu penso que homem é isso. Mas homem, por exemplo, homem tem que ter atitude, tem que ter

N características. Mas eu falo: mulher não pode ter isso? Acho tão complexo. Realmente eu não sei explicar. Eu nem sei o que é ser mulher e o que é ser homem.

16. Quais as funções/os papéis dos homens na sociedade?

Normalmente se espera mais do homem posições firmes. Espera-se mais do homem carreira de sucesso, ganhar dinheiro e tudo mais. Mas, para mim, é tudo muito banal, sabe? Tanto homem quanto mulher pode alcançar a posição que ele quiser, depende da dedicação dele. É claro que a sociedade tem preconceito e então isso varia. Um homem pode se dedicar menos e conseguir uma posição mais rápido do que uma mulher.

17. Como deve ser o homem ideal?

A meu ver, né? Cara, eu não sei falar também. Eu penso assim: mas para eu ser ideal o que eu tenho que ser? Eu não sei falar pensando em mim também.

18. Os homens podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Sim. É como eu te falei anteriormente na pergunta das mulheres.

19. O que significa ser cavalheiro?

Ser cavalheiro na dança de salão é, sendo um pouco mais abstrato, é criar uma possibilidade de viagem entre a música, a mulher e ele. Acho que é ele que cria essa possibilidade e a mulher responde, né? O que seria essa viagem? O homem que vai conduzir de acordo com a música, né? A mulher corresponde ao que ele conduz e floreia também de acordo com a música. Mas o homem ideal tem que ser esse homem que consegue levar para esse caminho, né? Para que ele consiga levar para esse caminho, dessa viagem, desse êxtase, ele tem que ter uma boa condução, ele tem que ter repertório de movimentações, né? O que não é tudo. Ele tem que ter bons ouvidos, não necessariamente conhecimento, mas ter bom ouvido para pegar o arranjo da música, a batida, realmente entrar dentro da música. Ter noção de espaço, né? Como é dança de salão existe dança com pessoas em volta. Respeitar sempre a capacidade da mulher, porque não adianta ele querer levar ela para uma viagem, mas ele só propõe o que ele sabe e não propõe o que ela sabe, né? Aí acaba que não há um encaixe, uma harmonia.

20. Quais as funções/os papéis do cavalheiro na dança de salão?

É o que falei, né? Conduzir. Possibilitar à dama fazer essa viagem. Respeitar. Respeitar o salão. Respeitar ela. Respeitar os limites dela.

21. Quem pode ser cavalheiro?

Como eu disse anteriormente, qualquer um consegue ser cavalheiro. Nem é questão de bastar ter características, mas basta querer ter, buscar ter esses elementos.

22. Quem não pode ser cavalheiro?

Qualquer um poder pode.

23. Como deve ser o cavalheiro ideal?

Remete ao que eu falei também. Esse cavalheiro que sabe conduzir a dama, sabe levar ela, sabe respeitar, sabe ouvir a música.

24. O cavalheiro pode se deixar guiar pela dama? Em qual (is) situação (ões)?

Na mesma situação que eu disse anteriormente. O cavalheiro é guiado pela dama por essas respostas que ela dá para ele, né? Como eu disse anteriormente, o cavalheiro tem que respeitar ela. Às vezes acontece da pessoa fazer uma movimentação... eu estou lá dançando e conduzo a menina para fazer uma movimentação, por exemplo, eu tinha mencionado do zouk, mas vamos mencionar o samba. Eu estou dançando e vou conduzir ela para algo e ela executa um passo diferente, porém, não desrespeita a minha condução. Um passo que eu não imaginava que ela podia fazer, mas tudo dentro da minha condução. Ela me deu uma resposta diferente. Às vezes ela está com a perna trocada e eu tenho que respeitar aquilo. Eu não vou dar um tranco para ela trocar a perna e vim com a perna certa. Ela me deu uma oportunidade diferente e eu tenho que respeitar. Então, eu acredito que ela esteja intervindo na minha dança, é claro né? E me conduzindo para aquilo, me conduzindo para algo diferente.

25. Você acha que a relação entre mulheres e homens mudou ao longo da história da humanidade? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Mudou bastante. Muito pelo que eu vejo em sala de aula. Hoje em dia têm muitos casais separados e a nova geração, muito pelo que eu vejo, ou casa muito rápido, começa a namorar e casa e já descasa, ou não tem vontade de casar, né? Parece que cada vez mais se tem o estímulo de não ter uma relação para construir uma família. Mais relações prazerosas, relações que convêm um ao outro e pronto.

26. Você acha que a relação entre dama e cavalheiro mudou ao longo da história da dança de salão? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

É complicado eu falar isso, porque eu penso assim: já faz doze anos que eu danço, mas quando eu inicie, nos meus quatro primeiros anos, nos meus quatro/cinco primeiros anos, eu tinha uma ideia de dança de salão. Ela só foi se transformando, só foi mudando quando eu comecei a fazer cursos com professores de fora. E teve um boom quando eu comecei a viajar. Aí eu comecei a ter uma visão bem diferente. Quando eu comecei a dançar tinha uma cultura bem tradicional do homem ir lá chamar, pegar na mão, na mesa, convidar, dançar, terminou de dançar vem e traz na cadeira. Todo aquele ritual. Quando eu comecei a sair para fora, ir para as capitais, eu comecei a perceber que isso já não existia mais. Muita das vezes eu chamava, ia até a mesa com todo aquele ritual, dançava, quando terminava a dança eu agradecia e, quando eu ia levar até a mesa, a menina já saía por si, né? Eu ficava naquele desconforto. Nossa, nem me esperou, né? Antigamente não se falava não, pelo menos no círculo da dança. Hoje eu vejo muito isso de recusar a dança. A pessoa não quer dançar contigo, diz obrigado. Hoje em dia tem muito essa questão de dee jay que mixa uma música atrás da outra e, então, você está dançando com a pessoa e já passou para outra música. Isso muda toda relação, porque, às vezes, eu quero continuar a dançar e o dee jay bota quatro músicas em seguida, sem parar, e a mulher não quer dançar. Então, ela agradece. A mulher tem que ter mais essa atitude. Se ela não quer continuar, ela tem essa atitude de interromper a dança. Eu acho que mudou nesse sentido, a mulher criou um poder a mais de controlar quando ela quer dançar, quando ela quer terminar, quando ela não quer dançar. É essa a visão que eu te falei. Eu tinha uma visão quando eu estava no início, limitado aqui em Uberlândia, e quando eu comecei a viajar.

27. Como você reagiria se uma dama te convidasse para dançar?

Tem isso também, né? Hoje as mulheres convidam mais do que antes, às vezes, as mulheres convidam muito mais que os homens. Eu acho isso interessante, porque, como eu falei, eu prezo muito isso, esses não preconceitos. A mulher pode ter qualquer papel que ela quiser na sociedade, então, se ela lutou tanto por isso, por que não ter opções diferentes na dança de salão? Chamar. Eu tenho até mais prazer de dançar quando uma mulher me chama, porque eu percebo mesmo que ela realmente quer dançar comigo. Então, eu procuro me doar mais ainda por ela ter me chamado do que, às vezes, eu chamar ela.

28. Você acha que a dança de salão de Uberlândia está preparada para ceder espaço para outros modelos de casal que não o heterossexual?

Eu acho que não, porque desde quando eu comecei eu já conhecia, já tinha uns homossexuais na dança de salão, mas eles estavam bem camuflados, né? E, na verdade, eu nunca vi eles dançando homem com homem. A gente sempre desenvolveu o trabalho de dança homem com homem, mulher com mulher, ou inverter papel, o homem dançar de dama e a mulher dançar de cavalheiro, muito pela questão de estudo, mas nunca... às vezes até brincadeira de final de baile, mas nunca no sentido daquilo ser algo da pessoa gostar mais de dançar de homem. Por exemplo, eu gosto de dançar de dama, eu acho legal, me desafia. É mais uma questão de desafio, de eu ter que me virar ali e me dar bem no que o cavalheiro me pedir. Mas, eu acho que não está preparado. Não porque é o meio da dança de salão, mas porque a sociedade ainda, principalmente aqui em Uberlândia, não aceita de forma natural. Quando eu vou lá para

fora, vou lanchar, vou no shopping, eu vejo muitos casais homossexuais e aqui em Uberlândia eu não vejo tanto. Lá eu vejo beijando, abraçando, mas aqui eu não vejo tanto. Eu acho que não é tanto o aspecto da dança de salão. Apesar que... tem um caso que eu fiquei sabendo, nunca vi. Em Brasília tem um casal que dança nos bailes à vontade. Mas eu nunca vi e também não sei como o público responde à isso. Mas eu acho que não é específico da dança de salão, mas da sociedade como um todo.

APÊNDICE F – Entrevista 3⁶

Nome fictício: Tomé

Idade: 40

Nacionalidade: brasileiro

Naturalidade: Uberlândia

Sexo: masculino

Identidade de gênero: homem

Classe social segundo renda familiar: C

Identificação étnico-racial: negro

Escolaridade: Cursando Ensino Superior em Teatro

Profissão: professor de dança

1. O que é a dança?

A dança, para mim, é a vida, é tudo.

2. O que é a dança de salão?

É mais do que a vida, porque através da dança de salão que eu tenho uma família, que eu tenho um carro, que eu tenho uma moto, que eu tenho amigos, que eu tenho uma família boa que me apoia e que eu sou respeitado e conhecido.

3. Desde quando pratica essa modalidade de dança?

A dança em si eu comecei a partir dos meus 12 anos de idade. A dança de salão eu comecei com meus 18 anos.

4. Por que escolheu a dança de salão?

Eu não escolhi, ela que me escolheu. Quando eu comecei, que eu ganhei o concurso, em janeiro de 1992, de pagode, aqui em Uberlândia não tinha, ainda, profissionais de dança de salão e algumas pessoas começaram a me procurar para aprender pagode. Nisso, já estava havendo aulas de Carlinhos de Jesus e a dança de salão sendo bem falada na televisão. Aí, eu resolvi a me envolver e querer, realmente, descobrir o que é a dança de salão.

5. O que é ser mulher?

Bom, eu acho que o que é ser mulher é um conjunto de coisas que faz o ser humano ser feliz. Primeiro, ser forte. Segundo, ter atitude. Terceiro, ser persistente. Quarto, responsável por tudo na vida.

6. Quais as funções/os papéis das mulheres na sociedade?

Todos. Hoje em dia são todos. Não existe diferenciar mais homem e mulher no lado profissional, no lado pessoal. Não. Hoje a mulher tem todos os papéis. Não existe falar: ah, esse papel é só para o homem. Não. O único papel que é só do homem e que a mulher tem que respeitar hoje, principalmente falando da minha área da dança, é, dentro da dança de salão, o fato de ser conduzida.

7. Como deve ser a mulher ideal?

Ser humilde. Ter atitude. Saber respeitar o próximo.

8. As mulheres podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Sim.

9. O que significa ser dama?

Ser dama é esperar o cavalheiro tratar ela bem, conduzi-la, mostrar onde que é o espaço de uma dama, porque quando se fala em dama, a dama ela é uma rainha, ela é uma princesa, ela é uma dona de casa, ela é uma esposa, ela é uma mãe.

10. Quais as funções/os papéis da dama na dança de salão?

Ser dama! Esperar ser respeitada, ser conduzida e sentir prazer nos braços dos homens ou dos cavalheiros, porque é muito raro isso acontecer.

⁶ Entrevista realizada no dia 21 de fevereiro de 2013 com duração de 09 minutos e 19 segundos.

11. Quem pode ser dama?
Todas as mulheres que querem ser damas. Menos os homens.
12. Quem não pode ser dama?
Os homens.
13. Como deve ser a dama ideal?
A dama ideal ela não precisa ter beleza nem ser gostosa e sim ser uma mulher feliz.
14. A dama pode intervir no processo de condução? Como? Em qual (is) situação (ões)?
Intervir não. Ela pode ajudar e ter paciência para o cavalheiro aprender a conduzir. Nisso que ela tem que ajudar o cavalheiro, porque têm cavalheiros que têm muita dificuldade e, quando ela não vem com sua parceria, ela quer tomar atitude no lugar dele, ela perde um bom cavalheiro, porque ele vai se revoltar, vai ficar nervoso porque ele acha que ele não é capaz de dançar. E larga ela e larga a dança.
15. O que é ser homem?
Ser homem, hoje em dia, está sendo difícil, porque se a gente fizer uma pesquisa e observar bem para os lados, não vamos dizer a maioria, mas alguns homens querem pegar o papel da mulher. Mas, para ser homem, a gente tem que ser um homem de verdade, não querer ocupar o espaço da mulher, porque ela nunca quis ocupar o nosso espaço.
16. Quais as funções/os papéis dos homens na sociedade?
Ser pai, amigo, generoso e respeitador.
17. Como deve ser o homem ideal?
A mesma coisa da mulher. O homem ideal é um homem feliz, que confia e acredita em si próprio.
18. Os homens podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?
Poder pode, não sendo o papel da mulher.
19. O que significa ser cavalheiro?
Cavalheiro, a gente sempre fala, é o príncipe encantado que nunca existiu para a dama. É o que desce do cavalo, é o que abre a porta do carro, é o que oferece, é o que puxa uma cadeira, é o que leva em casa, é o que chama para dançar e leva ela no lugar, é o que te leva no cinema.
20. Quais as funções/os papéis do cavalheiro na dança de salão?
Primeiro ele tem que aprender a ter sentimento, dançar para ele e conduzir uma boa dama para agradar ela nos seus braços.
21. Quem pode ser cavalheiro?
Todos os homens, todos os cavalheiros que não queiram ser damas.
22. Quem não pode ser cavalheiro?
É o mesmo. O que não pode ser cavalheiro são as damas, para não ocupar o espaço do cavalheiro.
23. Como deve ser o cavalheiro ideal?
O cavalheiro ideal é o idealizador, o representante na área masculina. Como que é esse cavalheiro? Não precisa ser bonitão, não precisa ter dinheiro, não precisa ter carrão nem perfume importado. Ele pode ser um pobre, um inútil, um feio. Mas respeitar a sua dama seja onde for: na dança, dentro de casa, no meio da sociedade. Porque a dama é dama, cavalheiro é cavalheiro.
24. O cavalheiro pode se deixar guiar pela dama? Em qual (is) situação (ões)?
Sim. Quando ele está aprendendo. Ele pode deixar quando ele está aprendendo. Principalmente dentro da dança ou até dentro de casa. Se ele espera, respeita o espaço dela, porque ela está ensinando, e observa o que ela quer ensinar, depois que ele aprender e ter noção, aí ele já exerce o papel dele.
25. Você acha que a relação entre mulheres e homens mudou ao longo da história da humanidade? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Mudou. Sempre muda, né? Na época dos nossos avós a mulher era uma Amélia, só vivia dentro de casa para reproduzir e fazia comida. Hoje não. Depois de nossos avós veio os nossos pais. A mulher começou, sendo um pouco ainda Amélia, mas começou a buscar seu próprio espaço, pedindo respeito para o seu parceiro, seu marido ou seus companheiros. E, hoje em dia, nessa modernidade, nesse mundo contemporâneo, a mulher é independente de tudo, ela não precisa de homem para nada.

26. Você acha que a relação entre dama e cavalheiro mudou ao longo da história da dança de salão? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Mudou. Mudou também. Mudou em todos, porque quando a dama chegava no salão... Primeiro, quando começou a dança a dois, a dança de salão, o homem só procurava a mulher na prostituição. Lá que ele tinha o prazer, que descobria a vontade de dançar. Não era dentro de casa. Depois, ele pegou e começou a agregar sua esposa dentro da dança de salão das academias, dos salões de baile. E, naquele momento, a dama só ia lá para dançar. Hoje não, hoje ele descobre que sem a dama na dança de salão o homem não é cavalheiro.

27. Como você reagiria se uma dama te convidasse para dançar?

Levantaria, sorria para ela e entregava meu coração a ela para dançar com ela.

28. Você acha que a dança de salão de Uberlândia está preparada para ceder espaço para outros modelos de casal que não o heterossexual?

Sim. Sim. Lógico! Acho que não só na dança. Não tem que existir essa questão de preconceito. Xô preconceito! Independente da sexualidade, se é homem ou se é mulher. Isso não importa, o importante é ter prazer de dançar a dois.

APÊNDICE G – Entrevista 4⁷

Nome fictício: Débora

Idade: 54

Nacionalidade: brasileira

Naturalidade: Uberlândia

Sexo: feminino

Identidade de gênero: mulher

Classe social segundo renda familiar: A

Identificação étnico-racial: branca

Escolaridade: Ensino Superior em Música (Piano)

Profissão: professora

1. O que é a dança?

Para mim foi uma maneira de colocar a minha formação, porque eu sempre fui ligada à música, nos movimentos corporais. Então, a dança é o corpo se movimentando num ritmo. Ah, para mim é o maior prazer! Se eu falar assim: eu quero dançar ou tocar? Eu quero dançar! Então, é o que eu tenho como meta de vida. Para mim, é uma filosofia de vida. Chega a ser uma filosofia de vida, a dança.

2. O que é a dança de salão?

Eu sempre penso na dança de salão. Eu nunca fui bailarina. Inclusive, quando falam assim, eu falo: sou dançarina. É diferente, porque o trabalho de balé ou alguns outros tipos, até mesmo capoeira que é uma dança também, o jogo de capoeira que trabalha o corpo. Sempre trabalhei o corpo, mas só voltado para a dança de salão. O que é a dança? Para mim é um momento artístico, se for pensar em todo tipo de dança. Agora, a dança de salão, para mim, é essa minha filosofia de vida. Eu vejo como uma filosofia.

3. Desde quando pratica essa modalidade de dança?

Profissionalmente, desde 1990. Então, desde 1990 profissionalmente. Mas dançar eu sempre dancei em família. Então, o estilo das festas nossas sempre foi baseado na dança.

4. Por que escolheu a dança de salão?

A vida me levou a conhecer meu segundo marido, carioca. Nós estávamos numa época da lambada. Minha escola de música já tinha curso de balé e veio um grande dançarino, bailarino do cisne negro na época, fazer uma coreografia para o grupo de balé e já disse para mim e para o meu marido, que é do Rio, que ele estava ganhando muito dinheiro em São Paulo dando aula nos condomínios para os casais. E aquilo alertou a gente. Já estávamos com o curso de lambada. Era a época ali do Beto Barbosa. Aquela coisa de lambada, concursos de lambada. Muitos jovens, pessoas que só dançavam, assim, em boate. Era música techno e tudo. E aí, acabando as aulas que tinham, assim, tipo quarenta pessoas por turma, foram abaixando e tal a quantidade de pessoas e, quando ele disse que estava, realmente, profissionalmente bem, dando aula nos condomínios para os casais, coincidiu e a gente falou: uai, vamos lançar. Ele quis vir dar um curso de tango e aí meu marido, já conhecedor de tango, eu não conhecia, mas já tinha visto shows mesmo da Argentina. Ele falou: não, esse cara aí está enrolando. Ele é bailarino, mas para a dança de salão ele está inventando. Se for para inventar, nós é que vamos inventar. E nós saímos inventando mesmo. Assim, o que a gente dançava, a gente tentava passar para as pessoas. Aí, o curso era só de uma semana. Eu ainda tenho o diário antigo de professor que a gente ficava fazendo as setinhas para onde ia os passos. A gente estudava como a gente dançava. Uma figura diferente e tal... Como que a gente ia ensinar aquilo? E ensinava. E dava certo. Só que aí o pessoal quis mais do que uma semana e aí nós não tínhamos assunto, tanta invenção para tanto tempo de aula. Foi quando,

⁷ Entrevista realizada no dia 22 de fevereiro de 2013 com duração de 26 minutos e 54 segundos.

por coincidência, ele voltou a ser integrado no Rio, foi para o Rio e eu fui me especializar. E era uma coisa que eu já fazia. E conheci meu marido dançando, né? Então, estava tudo engajado, encaixado.

5. O que é ser mulher?

Para o homem, ele vê como objeto, eu acho. Socialmente, mulher, no grosso modo, eu acho que mulher é competitiva. E, na sociedade, esse ser mulher tem vários parâmetros aí de... Para mim, é outro caso. É o que a gente estava dizendo sobre os paradoxos. Até para ser uma grande dama, de repente, você tem que saber o que é ser uma grande puta, porque, senão, você não sabe ser uma grande dama. Então, para mim, ser mulher é ser mãe, ser esposa, ser amante, ser filha. É ser tudo.

6. Quais as funções/os papéis das mulheres na sociedade?

Hoje, eu acho que está bem... com o trabalho bem elevado em todo sentido. Já não tem, assim, um destaque por ser mulher ou não. Mas dentro até mesmo da parte musical minha eu encontrei amigos falando: ah, você já viu uma grande pianista? Já. Mas quantos grandes pianistas têm? Quantos homens pianistas! Já viu uma mulher cientista? Tem. Mas quantos grandes nomes de homens cientistas têm? Então, essa proporcionalidade aí, eu acho, que ainda está um pouco aquém para nós mulheres. Mas não que não sejamos capazes ou... Mas eu acho que aí, se existem muito mais mulheres do que homens atualmente, então, a gente poderia ter mais mulheres de destaque. Mas eu acho que estamos chegando lá.

7. Como deve ser a mulher ideal?

Bom, o que eu não falei antes, além dela tentar ter esse âmbito maior aí... Toda pessoa e a mulher, principalmente, ela tem que cuidar de si fisicamente. A não ser que seja um problema muito a nível mesmo biológico, alguma coisa que não tenha como ter uma ajuda. Mas eu acho que a mulher ela tem que se cuidar, tem que tentar ter o corpo, de certa forma, bem flexível, bem trabalhado. Nada de beleza escultural, mas não adianta, porque a mulher mais gordinha ela tem outras referências.

8. As mulheres podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Sim. Eu acho que desde que ela acredite no que faz, seja qual for o papel, a gente vê que ela tem condição de assumir a frente.

9. O que significa ser dama?

Ah, tem que ter primeiro, sabedoria. Sabedoria, justamente, é o que a dança ensina demais, porque a espera, o saber ver o outro... Então, a dama ela, realmente, para ser uma dama, para ser feminina, tem que partir de tudo: do salto alto, de saber usar uma saia com elegância, de saber a movimentação de um cabelo solto, de aproveitar isso tudo e ser bem diferente do homem, lógico! E poder responder o que ele está propondo na dança.

10. Quais as funções/os papéis da dama na dança de salão?

Justamente é essa a função que vem aí agora, que é a da espera. A dama sente e o cavalheiro pensa. Sempre digo assim, porque qualquer atividade que você vai fazer com duas pessoas, de espelho, um tem que fazer o movimento e o outro espelhar. E a função da dama é espelhar o cavalheiro.

11. Quem pode ser dama?

Como assim? O ideal é que... Quem pode ser homem? Porque eu também posso ser homem na dança e sou um ótimo homem, porque, senão, não posso ser professora. Então, o bom professor ele tem que ser os dois. Profissionalmente, o professor pode ser dama, deve ser.

12. Quem não pode ser dama?

Acho que todo mundo na vida deve ser dama.

13. Como deve ser a dama ideal?

Por isso que eu falo dessa filosofia de vida, porque a dama ideal é essa que busca primeiro conhecer seus movimentos, estudar seja até numa parte de leitura corporal sua. Ela tem que procurar se conhecer para... Qualquer pessoa, mas a dama ela tem... ela abrange mais pessoas,

ela não pode ser individualista. Então, para ser dama... Quando a gente até fala que o homem é muito simpático, que é muito dado, a gente fala: aquele homem é uma dama. Eu acho que isso responde o que é ser dama, quer dizer, ser uma pessoa que realmente está pronto para servir dentro do seu contexto, dentro da sua integridade.

14. A dama pode intervir no processo de condução? Como? Em qual (is) situação (ões)? Pode. E aí ela intervém, quando ela tem bastante consciência disso, ela intervém sutilmente. E aí vem toda uma linguagem corporal, mas nada que seja, assim, uma interferência brusca, assim, que ela realmente mude um caminho. Não. Ela só tem que propor. Eu tenho um exemplo interessante, porque numa apresentação o cavalheiro me colocou num giro, mas na hora que ele me soltou para esse giro eu não dei só um, dei dois. E ele teve que ir atrás de mim. Então, eu acho que isso aí que são as surpresas. Então, ela deve interferir surpreendendo e não agredindo. É saber como essa interferência acontece.

15. O que é ser homem?

A primeira coisa é a personalidade mesmo, o cara ter uma integridade, ser uma pessoa íntegra, honesta. Eu acho que o homem tem que ter isso: ter a palavra. Isso vem muito, assim, de formação, do meu pai. Hoje tudo tem que ser por escrito, mas ainda tem isso de que uma palavra dita é muito importante. Eu acredito num homem de palavra e esse homem de palavra, para mim, já resume tudo.

16. Quais as funções/os papéis dos homens na sociedade?

Por ele ser o provedor, então, eu acho que a gente ainda conta com um homem que dê a proteção tanto moral, emocional como providência financeira também, justamente, por todo esse perfil que a gente vê das oportunidades maiores. Então, um homem que tenha como meta também vencer profissionalmente isso é muito legal. Mas no meu primeiro casamento mesmo eu teria que... eu sabia que, por manter, eu teria que ser a pessoa que ia até produzir financeiramente e ele seria um ótimo dono de casa. E até hoje ele é um ótimo dono de casa, mas ficou como ex-marido mesmo.

17. Como deve ser o homem ideal?

Bom, além dele... Nós falamos na integridade, na personalidade, ser um homem de palavra e também que se cuide. É muito bonito um homem que se cuide até fisicamente. Hoje em dia não existe isso... A gente aceita os gordinhos, mas que é bom ele também pensar que ele pode ficar muito bem, isso é muito bom.

18. Os homens podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Pode. E você vê que tem sucesso nisso, né? Na sociedade não é esperado e... Prova é meu primeiro casamento, que teria grande sucesso se eu tivesse tido como escolha uma vida desse jeito.

19. O que significa ser cavalheiro?

Uma vez uma aluna falou assim: ai, adorei o meu marido estar fazendo dança de salão, porque agora ele abre a porta para eu sair de carro, para eu entrar no carro, para eu sair do carro. Então, isso resume, assim, o cavalheirismo. É isso, é esta atenção que ele deve ter com a dama. Só é um cavalheiro se, realmente, ele estiver atento ao que sua dama está necessitando.

20. Quais as funções/os papéis do cavalheiro na dança de salão?

Na dança é a condução. A palavra chave é a condução. É aprender a conduzir. Então, aí vem o cavalheiro aprender a dançar e ele não sabe nem andar. Então, como que vai levar? Me leva! Me leva pra onde? Ele chega a perguntar, né? Uai, tem que aprender. Então, ele tem que ser montado, ter uma estrutura mesmo. Primeiro ele pensa nos pés. Ele vai pensar na música. Depois, ele coloca aquilo na música. Depois que ele vê que está com uma dama na sua frente. Então, quando a dança sobe, quando você realmente tenta... já está num nível de pensar no outro, aí você está dançando. Mas o homem ele não faz duas coisas ao mesmo tempo, de início. Mas depois o homem, quando aprende a dançar, ele fica mais poderoso, porque aí ele consegue se aproximar da mulher, ele consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo. Porque

o homem, geralmente, ele é muito focado. Vai fazer uma coisa, é só naquilo. A gente consegue atender o telefone, ver o que o filho está fazendo e falando, o que o vizinho está falando. A mulher ela tem essa capacidade e o homem não. Se ele está pensando em uma coisa, não perturba a cabeça dele não, porque ele está pensando só naquilo.

21. Quem pode ser cavalheiro?

Ah, todo mundo também pode e deve ser, porque tem a hora que você mesmo... Como dançarina ser cavalheiro é só mesmo na parte do profissional, como eu disse, para ser um profissional você tem que saber ser cavalheiro e dama. Mas um cavalheiro, qualquer pessoa deve ser. Uma mulher deve ser um cavalheiro na hora de tomar uma decisão. Por ela ter que tomar uma decisão, que ela saiba fazer com firmeza e com elegância também de um cavalheiro, com a simpatia de um cavalheiro. Então, eu acho que as palavras cavalheiro e dama são bem felizes para nossa vida.

22. Quem não pode ser cavalheiro?

Não. Eu acho que todo mundo pode ser.

23. Como deve ser o cavalheiro ideal?

Que tenha atitude. Eu acho que a palavra de um cavalheiro, na dança ou na vida, a palavra-chave é atitude. Então, se ele ... para ele ter atitude é porque ele já conhece o que ele vai fazer, já é senhor da... domina a ação que ele vai atingir, que ele pensa em atingir. Então, ele tem que ter atitude. Se ele não tiver atitude, nada acontece.

24. Você acha que a relação entre mulheres e homens mudou ao longo da história da humanidade? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Aí sim. Muda pelas necessidades, pelas mudanças gerais que, lógico, tudo vai crescendo. Mas mesmo hoje, com a parte informática, o que a gente está vendo é que está tendo a necessidade de que? De voltarmos a ter mais contato. Onde a dança de salão propicia esse momento, porque muita das vezes a pessoa só fica ali na rede e tal. E não vai fazer dança de salão pela rede social. Ela vai ter que encontrar a outra pessoa. Então, eu acho que tudo que ocorreu, que já mudou, que, realmente, houve todas essas transformações. Na dança, o cavalheiro e a dama, eles retornam o tempo e fica atemporal, né?

25. Você acha que a relação entre dama e cavalheiro mudou ao longo da história da dança de salão? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Aí, não. Eu acho que eu sou bem tradicional nessa parte. Quanto mais tradicional você é em termos de comportamento na hora da dança... Você tem que visualizar aquela dança de salão bem dos salões imperiais, uma coisa, assim, para tomar o clima que você tem que ter para dançar qualquer tipo de ritmo.

26. Você convidaria um cavalheiro para dançar?

Sempre! Eu tenho a desculpa de ser professora. Por ter a desculpa de ser professora. Você me empresta seu marido? Aí, uma hora eu perguntei para uma outra: você é ciumenta? Ela falou: depende. Não, é porque eu queria dançar com seu marido. E aí hoje somos amigos, assim, de 20 anos. Então, são atitudes que... é aí que vem atitudes que eu falei que o cavalheiro deve ter. A dama deve ter atitude também.

26.1. Isso vale para todas as damas?

Bom, tem que ver o momento, né? Para toda dama não, eu falei assim: eu tenho a desculpa de ser professora.

26.2. E as outras damas, convidariam um cavalheiro para dançar?

Dependendo da situação, sim, né? Vale para toda dama. Depende só do contexto, lógico, para não agredir nada. Mesmo eu como professora eu tenho que saber o momento de fazer essas... Mas que é muito comum e conveniente e pode ser, assim, uma quebra de muitas barreiras e início de muita coisa, é lógico.

27. Você acha que a dança de salão de Uberlândia está preparada para ceder espaço para outros modelos de casal que não o heterossexual?

Eu já tenho. A dança já é modelo até para, justamente, para casais que não são heteros, que têm mesmo convivências, seja homem com homem ou mulher com mulher. Mas eles vão para a dança e se realizam ali como cada um, como homem ou como mulher, como homossexuais. Mas, por ser essa filosofia de vida, eu acho que acrescenta em qualquer tipo de relação.

27.1. Você acha que é possível romper com o casal de sexos opostos?

Nas nossas salas de aula, eu acho que ainda não. Se torna ainda, assim, uma coisa agressiva. Aceitar o professor gay é comum. Ou até uma professora, também, que seja lésbica, é tranquilo. Mas você ver os casais dançando homem com homem e mulher com mulher, eu não tenho esse conhecimento, ainda, nos salões. E, no meu, particularmente, eu já tive oportunidade de dizer para o casal que eles precisariam fazer o papel, no caso, se eram duas mulheres, elas tinham que ser damas na sala de aula.

27.2. Essa necessidade do casal hetero é uma questão estética tradicional da dança de salão?

Não, eu acho que aí vai mesmo da questão social, porque eu mesma sou um ótimo cavalheiro e as mulheres dançam comigo e eu acho ruim, porque não pode, né? Suspirou. Não deveria. Fala que prefere dançar comigo do que com o marido, e aí? Então, isso aí é muito interessante. Olha, o que ela fez eu fazer! Mas cara você não faz ela fazer isso? Então, é aceito, mas eu vejo assim: como se tivesse um casal de duas mulheres e uma fosse tão homem, no caso assim como eu como professora, e ela aprendesse bem também, lógico, aquele casal de repente iria curtir. Então, por isso que eu falo que realmente é ainda uma barreira social para nós. Eu, pra mim, enquanto profissional, é em respeito à sociedade. Eu, por mim, eu aceitaria numa boa e até ensinaria realmente como eu sei e eu sei que a outra pessoa também faria. Inclusive a gente têm monitoras, pessoas que aprendem e que dançam e aí, quando monitoras, as alunas aceitam dançar. E o homem dançar com homem, seja ele gay ou não, ou professor, né? Mas ele ficar na posição de mulher com um homem, o homem, socialmente, ele não é tão legal. Ele aceita na farra, conforme o clima da aula rola uma brincadeira, mas como a gente é um espaço aberto, que pode chegar uma pessoa desconhecida e ver dois homens dançando, não vão entender. Então, por isso que é muito mais comportamental, social do que na parte didática. Na parte didática não teria problema nenhum. Para mim, pessoalmente, enquanto professora, eu acho que seria super legal se eu pudesse assumir casais homossexuais aqui. Mas é só uma resposta, por enquanto, à sociedade. Eu vejo que não é só Uberlândia não. Na dança de salão seria um pouco agressivo. Mesmo em aulas, que a gente vai fora, ainda não se vê. Pode ser que exista. Eu não tive oportunidade de ver nenhum casal assim fazendo aula. Não tive essa experiência, a não ser sabendo que são, mas cada um fazendo seu papel.

APÊNDICE H – Entrevista 5⁸

Nome fictício: Filipe

Idade: 37

Nacionalidade: brasileiro

Naturalidade: Rio de Janeiro

Sexo: masculino

Identidade de gênero: homem

Classe social segundo renda familiar: C

Identificação étnico-racial: branco

Escolaridade: Ensino Médio

Profissão: professor de dança de salão

1. O que é a dança?

Para mim, é minha vida.

2. O que é a dança de salão?

Uma forma de interagir, de se expressar, de conhecer novas pessoas, de ter contato direto com outra pessoa.

3. Desde quando pratica essa modalidade de dança?

Há quatorze anos.

4. Por que escolheu a dança de salão?

Porque eu achei bonito. Eu achei interessante a interação entre o casal.

5. O que é ser mulher?

É uma pergunta bem ampla e bem difícil também, porque é o outro lado. Mais difícil de responder por ser homem. Mas eu entendo que ser mulher seja uma forma mais divina de ser humano, porque mulher é um ser diferenciado tanto em sensibilidade, em serenidade.

6. Quais as funções/os papéis das mulheres na sociedade?

O primeiro, a criação da família, a geração de novos seres. Boa parte da educação também é papel das mulheres. Basicamente.

7. Como deve ser a mulher ideal?

Mulher. Não tenho um ideal não.

8. As mulheres podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Sim. Claro.

9. O que significa ser dama?

Beleza, plasticidade, suavidade, interpretação, charme, sensualidade, entrega.

10. Quais as funções/os papéis da dama na dança de salão?

Florear a dança, interpretar a condução, desenvolver musicalidade.

11. Quem pode ser dama?

Mulher.

12. Quem não pode ser dama?

Homem.

13. Como deve ser a dama ideal?

A dama ideal é uma dama que se entrega para a dança, uma dama que se deixa conduzir, mas que não seja submissa, uma dama que tenha vontade própria.

14. A dama pode intervir no processo de condução? Como? Em qual (is) situação (ões)?

Não. Não. Ela pode interagir. Intervir não.

14.1. Como seria essa interação?

Ela pode fornecer informações para o cavalheiro de forma a desenvolver uma condução melhor, melhor para ser interpretada, melhor para ser sentida.

⁸ Entrevista realizada no dia 25 de fevereiro de 2013 com duração de 13 minutos e 37 segundos.

15. O que é ser homem?
Tudo de bom.
16. Quais as funções/os papéis dos homens na sociedade?
Desde o processo de criação, educação, trabalho, desenvolvimento. Tudo.
17. Como deve ser o homem ideal?
Inteligente, educado, honesto, batalhador e respeitoso.
18. Os homens podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?
Sim.
19. O que significa ser cavalheiro?
Ser cavalheiro significa um homem que sabe apreciar uma mulher, que sabe respeitar, sabe tratá-la, sabe conduzi-la, sabe oferecer o que uma mulher espera de um homem.
20. Quais as funções/os papéis do cavalheiro na dança de salão?
Conduzir a dama, transmitir segurança, transmitir conforto, definir ritmo, trabalhar musicalidade, interpretação. Basicamente.
21. Quem pode ser cavalheiro?
Homem.
22. Quem não pode ser cavalheiro?
Mulher.
23. Como deve ser o cavalheiro ideal?
O cavalheiro ideal deve ser educado, simpático, conduzir bem, passar segurança para a dama, dançar bem, convidar a dama para dançar, agradecer a dama pela dança, conduzir a dama até o local onde ele foi convidá-la para dançar. Um cavalheiro que saiba interagir com o salão.
24. O cavalheiro pode se deixar guiar pela dama? Em qual (is) situação (ões)?
O cavalheiro não pode se deixar guiar pela dama porque se não ele perde o papel principal dele, que seria a condução para a dama. Ele pode se deixar indicar algumas coisas pela dama, por exemplo, se a dama vê que ele vai trombar por não está olhando para trás, ela pode dar uma ajuda para ele, pode segurar ele dando um toque, dando um sinal para ele, que tem alguma coisa atrás, para ele não prosseguir.
25. Você acha que a relação entre mulheres e homens mudou ao longo da história da humanidade? Se mudou, fale sobre essas mudanças.
Muito. Uma das mudanças principais é a respeito de tratamento, por exemplo, na dança de salão a gente resgata alguns valores que hoje em dia a gente vê perdidos. Por exemplo, a educação e o cavalheirismo. Hoje em dia, a gente, praticamente, não encontra mais. Tratando do ambiente de dança, a dança de salão resgata os valores de educação, cavalheirismo. O cavalheiro, normalmente, sempre vai até onde a dama está para convidá-la para dançar, respeita a dama durante a dança, agradece a dama, conduz a dama de volta. Então, é praticamente o cuidado com a dama. E, hoje em dia, devido às mudanças e evoluções que a gente vem vendo a respeito de músicas e danças, são valores que estão sendo perdidos. Tanto é que, hoje em dia, para você vê um exemplo claro, uma dança que, às vezes, a gente não está conseguindo ver mais, hoje em dia, que é uma dança a dois. Hoje em dia se vê uma dança individual. Tanto é que os ritos que estão no auge do momento são músicas que não prezam pela relação homem e mulher, pelo casal dançando. Normalmente é cada um no seu espaço. Tem uma certa interação, mas não é uma relação respeitosa como é a interação na dança de salão.
26. Você acha que a relação entre dama e cavalheiro mudou ao longo da história da dança de salão? Se mudou, fale sobre essas mudanças.
Mudou bastante também. No sentido que antigamente, isso não só em relação à dança, em relação a comportamento em geral, antigamente a dama era mais valorizada, ela tinha um lugar de respeito, um lugar de admiração pelo cavalheiro e, hoje em dia, esses valores estão um pouco alterados. Tanto é que em alguns ritmos, em algumas determinadas modalidades de

dança, a dama é muito exposta, inclusive chegando até a vulgaridade, à ridicularização, à algumas situações até indelicadas.

27. Como você reagiria se uma dama te convidasse para dançar?

Eu aceitaria normalmente. Isso acontece. Isso acontece muito. Tanto é que na maioria dos bailes onde eu costumo ir, 70% das músicas que eu danço eu estou sendo convidado por dama e não convidando-as.

27.1. O que você acha da dama poder te convidar?

Normalmente tem gente que tem um certo tipo de preconceito e machismo em respeito à isso. Eu tenho uma mentalidade muito aberta em relação à isso. Tanto é que eu até ensino às minhas alunas que elas, hoje em dia, tem o direito e o dever também de poder convidar um cavalheiro para dançar, não só ficar esperando. Devido à abertura que hoje em dia as damas tem, elas tem essa vantagem de poder chamar um cavalheiro também para dançar sem determinado preconceito, coisa que a gente não via há um tempo atrás. Normalmente, algum tempo atrás era sempre obrigação do cavalheiro, única e exclusivamente do cavalheiro convidar a dama para dançar. Tanto é que ainda hoje a gente encontra alguns tabus, a gente encontra algumas damas que se você falar para ela que ela tem que convidar um cavalheiro para dançar ela: aí, eu não tenho coragem de convidar um cavalheiro para dançar. O que ele vai pensar de mim? Isso é tabu, mas são barreiras que a gente aos poucos está vencendo.

28. Você acha que a dança de salão de Uberlândia está preparada para ceder espaço para outros modelos de casal que não o heterossexual?

Eu acho que não. Eu acho que ainda não. Eu acho que existe muito preconceito em relação à isso.

28.1. E como você vê a formação do casal de sexos opostos para a dança de salão? É uma questão estética? É uma questão tradicional, que não pode ser rompida? Ou há espaço para outros tipos de casais?

Eu acho que é uma questão de estética. É uma questão tradicional também. É até uma questão de funcionalidade da dança de salão mesmo, porque para o cavalheiro conduzir ele precisa de... ele tem algumas referencias femininas para a condução, então, se isso for alterado ele vai ter que trabalhar todo um processo novamente para ter que interagir com outro homem. Pode ser que isso aconteça ao longo do tempo, mas eu acho bem difícil, pela tradicionalidade da dança de salão.

28.2. E a presença de praticantes homossexuais. Existe algum impedimento?

Não. Impedimento, não. Preconceito não. Tanto é que a gente encontra várias situações de homossexuais na dança de salão, tanto feminino quanto masculino, mas respeitando cada um o seu papel. Nada de coisa muito extravagante. Não que não exista. De vez em quando a gente encontra alguns casos esporádicos de ver dama dançando com dama nos salões. Mas a dama dançando com dama ainda é, até hoje ainda, é uma coisa que é bem aceitável. Agora, homem dançando com homem, pela tradicionalidade machista, tanto da sociedade quanto da dança de salão, não é visto com bons olhos. Ainda existe um certo preconceito, um certo tabu a respeito.

APÊNDICE I – Entrevista 6⁹

Nome fictício: Mateus

Idade: 37

Nacionalidade: brasileiro

Naturalidade: Uberlândia

Sexo: masculino

Identidade de gênero: homem

Classe social segundo renda familiar: C

Identificação étnico-racial: não declarada

Escolaridade: Ensino Médio

Profissão: autônomo

1. O que é a dança?

Olha, no começo eu achava que era um entretenimento. Hoje eu vejo como algo mais, porque a dança ela te proporciona saúde, ela te proporciona bem estar e ela trabalha, também, o seu psicológico, além de todo entretenimento que ela faz na sua vida. Além do que, ela te proporciona a interação na própria comunidade, onde você vai estar convivendo com outras pessoas, que você não conhece, dividindo o seu, digamos assim, o seu corpo com a experiência de estar fazendo algo em comum.

2. O que é a dança de salão?

No caso, o que eu respondi é sobre a dança de salão, porque eu não conheço muito das outras danças, né? Mas a dança de salão é tudo isso que eu falei. Para mim, porque é o que eu conheço, o que eu entendo, o que eu dou aula. As outras eu só... nem pratico, bem dizer, mas faço um merchan de vez em quando.

3. Desde quando pratica essa modalidade de dança?

Já há oito anos.

4. Por que escolheu a dança de salão?

Eu acho que foi por acaso mesmo. Não teve uma opção lógica. Eu desde criança gostei de dançar. Não sei se eu gostava ou se minha família obrigava, né? Eu sou descendente de pessoas criadas na fazenda. Então, tem aquela cultura de dançar. Então, me ensinaram a dançar o forró dois pra lá dois pra cá desde criança. Só que depois de mais velho eu conheci um amigo meu que praticava dança de salão e ele pediu para que... me convidou para que eu pudesse estar fazendo. Eu tive uma série de resistência, porque eu acho que é, hoje não mais, mas há oito anos atrás, que está muito próximo, existia aquela ideia de que dança de salão é coisa para velho, quem dança é gay. Então tinha esse preconceito, né? Mas aconteceu um algo na minha vida que meio que forçou eu ir para a dança de salão, porque eu fui participar de um evento, com esse amigo meu, junto com algumas convidadas dele. E era um show, né? Em Nova Ponte. E, nesse dia, eu fui muito... eu fiquei muito deprimido por não saber dançar. E a galera toda sabia. E tinha um número maior de meninas. E elas queriam dançar. E eu não sabia. E aí, por ele já ter me convidado várias vezes, eu falei: não, eu vou dançar! E fui. E até hoje.

5. O que é ser mulher?

Olha, meu conceito para mulher é: um ser como um homem, né? Tem os mesmos direitos, tem os mesmos espaços. Hoje está se conquistando muito mais do que antes, né? Eu não vejo como um ser submisso, pelo contrário, eu acho que a mulher, assim como o homem, ela vem para somar na sociedade hoje em dia. E eu acredito que a mulher vai dominar o mundo!

6. Quais as funções/os papéis das mulheres na sociedade?

⁹ Entrevista realizada no dia 26 de fevereiro de 2013 com duração de 23 minutos e 44 segundos.

Ah, todos, né? Eu acho que a mulher hoje ela... Eu acredito que hoje tem um número, não sei se já se estudou isso, mas, hoje, eu acredito que hoje tem um número maior de mulher que de homens na sociedade. Então, eu acho que o ser predominante tem mais responsabilidade ainda do que o outro, porque ele está em maior número. Então, a responsabilidade da mulher hoje é tudo. Na política, na criatividade, na proporção de crescimento do próprio país. Ela está envolvida e, além do mais, em ser mãe, que o homem não consegue, né?

7. Como deve ser a mulher ideal?

Mulher ideal é a mulher que tem uma mentalidade aberta, que ela não use os dois lados, por exemplo, tem mulher que ela quer ser igual ao homem, mas ela quer ser tratada igual mulher. Tipo, ela quer ser tratada como dona de casa, mas quer os mesmos direitos. Eu acho que não. Acho que a mulher ela tem que ser um ser normal. Não distinguir homem e mulher, mas que ela tenha os mesmos direitos e as mesmas obrigações.

8. As mulheres podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Com certeza. Hoje é mais do que comum. Há pouco tempo eu conheci uma mulher que ela é tratorista numa empresa de usina. Há algum tempo atrás eu ficaria meio que chocado, agora não. Eu achei muito bacana. Assim como eu direto vejo mulheres motoristas de caminhão. Então, como eu volto a reafirmar, como é um ser que está predominante, ela mais tem que assumir essas funções que, querendo ou não, vão ficar para elas, porque os homens, como um ser com uma quantidade menor existente, eles vão começar a escolher as profissões.

9. O que significa ser dama?

Nossa, que pergunta boa! Ser dama. Bom, no nosso conceito da dança, ser dama é você compartilhar seu corpo com o cavalheiro, é você aceitar as condições que ele te propõe para uma dança. Eu acho que, na sociedade, ser dama é ser isso também. É você saber se postar como uma mulher, né? De forma educada, de forma sensível, mas que também, assim como na dança, sabendo colocar o que você tem de melhor, que é a sua sensualidade, o seu corpo, né? Exibindo ele de forma exuberante.

10. Quais as funções/os papéis da dama na dança de salão?

Eu vejo como um brilho, né? A dama tem que brilhar. O cavalheiro ele te propõe algo para fazer e a dama faz aquilo com algo... com maestria, né? Então, ela teria, ali, como papel, dar brilho para a dança, já que o cavalheiro ele tem todo o contexto de formalizar o que vai ser colocado. A partir daí ele te faz uma proposta por meio de conduções corporais e aí a dama realiza aquilo de uma forma sensualizada, ou não, dependendo do que se propõe na dança naquele momento.

11. Quem pode ser dama?

Todas as mulheres podem ser damas.

12. Quem não pode ser dama?

Eu acho que o homem não pode ser dama. Ele não teria o brilho para passar, né? Eu acho que ficaria é... O homem não nasceu para ser mulher.

13. Como deve ser a dama ideal?

A dama ideal é essa que procura, cada vez mais, mostrar o que ela tem de mais valor, que é o seu corpo, que é seus movimentos de braço e de cabeça, de quadris, né? E a dama que ela aceita a proposta do cavalheiro, que ela não tenha uma impulsão própria, que ela tenha tranquilidade para receber a informação e, assim, realizar ele com total tranquilidade de movimentações corporais, além de tentar ser o mais suave possível, né? Seria uma dama ideal.

14. A dama pode intervir no processo de condução? Como? Em qual (is) situação (ões)?

Pode. Eu acredito que, por exemplo, a dança ela tem uma série de contextos para você seguir. Para você dançar uma salsa existe uma batida na música que você utiliza, que seja o tempo 1, 2, ou 5 e 6. Então, é pressentível que se a dama tem um maior conhecimento, nesse caso, ela possa intervir sim, de forma educada, não tentando tomar o lado do cavalheiro, que é o

propulsor da condução. Mas se ele tem uma certa dificuldade ela pode intervir e, de forma sutil, está passando para ele uma forma mais ideal de se dançar.

15. O que é ser homem?

Acho que hoje ser homem é ter uma cabeça aberta, poder aceitar que o mundo mudou e que, hoje, não existe mais aquele machismo de controle sobre o ser oposto, mas que você está aqui, também, para contribuir de forma a também assumir suas responsabilidades como foi proposto já desde o princípio, mas hoje sabendo que existe um outro ser do lado que pode dividir isso com você. Então, ser homem é ter essa mentalidade aberta. Hoje, o homem pode cozinhar, ele pode cuidar de casa, ele pode fazer tudo para que se contribua. Duas pessoas, por exemplo, quando se casam, possam ter uma vida mais amigável, de forma a não conturbar, porque a mulher está vindo, procurando esse espaço e, se a gente mantém a mentalidade fechada, não vai dar certo, né?

16. Quais as funções/os papéis dos homens na sociedade?

Ah, eu acho que, como eu disse anteriormente, as mesmas das mulheres. O homem também tem sua responsabilidade como pai, ele tem responsabilidade como criar, propor novas ideias, ele tem como responsabilidade, também, cuidar de todo o seu bem estar e, também, contribuir para o crescimento de ambos os lados, né? Então, mantêm-se as mesmas responsabilidades, mas, porém, com a mentalidade mais abrangente.

17. Como deve ser o homem ideal?

Aquele que tem uma cabeça aberta para o futuro e saiba respeitar que o mundo mudou.

18. Os homens podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Com certeza. Eu acho que hoje a denominação homem e mulher ela cabe mais em sexo masculino e feminino do que em funções, né? Hoje a gente cansa de ver homens desempenhando funções que antigamente eram propostas para o sexo feminino, mas que a sociedade aceita e vê com bons olhos, né? É esta a questão da igualdade hoje. E está sendo muito bem aceita. Eu, pelo menos, e por algumas pessoas.

19. O que significa ser cavalheiro?

Olha, o cavalheiro ele tem uma função muito especial na dança, que é a questão de propor o espetáculo. Então, ele tem que antecipar, antes mesmo de acontecer um movimento, ele tem que antecipar mentalmente para que aquela proposta seja passada de forma muito suave e muito, acho que a palavra certa é gostosa, para a dama, porque quando você consegue fazer sua dama dançar ou exibir os movimentos de forma que ela não se sinta agredida, a dança fica muito mais bonita, então, com isso, a sua dama sempre vai querer estar dançando com você.

20. Quais as funções/os papéis do cavalheiro na dança de salão?

Eu não vejo, né? Eu não vejo assim, tirando isso que ele faz as propostas e a dama desempenha, eu não vejo uma outra função para o cavalheiro que seja diferenciada não.

21. Quem pode ser cavalheiro?

Os homens.

22. Quem não pode ser cavalheiro?

Olha, eu vejo muitas professoras minhas sendo cavalheiros. Para você ver, eu não conseguia ver um homem sendo dama, mas eu vejo muitas mulheres sendo cavalheiros. E, por isso, eu acredito que o ser feminino é superior. Mas, talvez, ainda na nossa sociedade não é visto com bons olhos, mas é muito comum você ver mulher dançando com mulher. A gente não consegue identificar quem é o cavalheiro na situação, mas a gente consegue ver.

23. Como deve ser o cavalheiro ideal?

Aquele que consegue, primeiro, perceber a qualidade da sua dama. Qualidade em termos de conhecimento. Se ela sabe muito ou se ela sabe pouco. A partir daí ele vai fazer propostas dentro do nível de conhecimento da sua dama. Então, eu acho que é o primeiro passo para um bom cavalheiro: não querer exigir da dama mais do que ela possa te oferecer. Segundo, o cavalheiro ter uma percepção muito rápida do que ele quer, porque ele vai conseguir antecipar

ainda mais a proposta para a sua dama deixando ela muito à vontade para que ela desempenhe tudo aquilo que eu falei: movimentos corporais sensuais e tudo o que ela pode propor para o movimento. Então, o cavalheiro ele tem que ter tudo isso. Ele tem que ter percepção do que sua dama consegue propor e as propostas muito rápidas, para que o desempenho da dama seja de forma não agressiva, mas que a sociedade quando vê acha que é uma coreografia, mas não, é que estão dançando à vontade.

24. O cavalheiro pode se deixar guiar pela dama? Em qual (is) situação (ões)?

Sim. Na situação de falta de conhecimento, por exemplo, você tem um conhecimento abaixo de sua dama em alguns momentos. Eu não gostaria que isso acontecesse, eu não vejo como bom senso que isso acontecesse sempre, porque inverteria a situação, ele deixaria de ser cavalheiro para ser dama. Mas em alguns momentos, como eu disse, o cavalheiro pode errar, assim como a dama pode errar, e a dama pode colocar ele no ritmo de novo, ela pode pôr a passada dele na passada normal, assim como na salsa, que é um exemplo que eu uso, ela pode pôr ele para dançar no tempo certo.

25. Você acha que a relação entre mulheres e homens mudou ao longo da história da humanidade? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Muito. Primeiro eu vejo que a mulher deixou de ser submissa, que é o que eu vejo. Como eu tive uma criação, também... Eu acho que eu consegui viver os dois tempos por ter nascido em fazenda e vivido até os doze anos em fazenda, eu consegui ver muito isso lá, nitidamente. Mulher totalmente submissa de forma assim: eu não gosto, mas eu falo; eu não aceito, mas eu não falo; eu não quero esse homem, mas eu não posso ir embora porque meus pais não me aceitam. Então, assim, eu não sei o que fazer. Hoje não. Hoje, diferente do que se via antigamente, hoje a mulher tem o seu próprio rumo, né? Ela tem sua profissão, tem seu carro, tem sua casa. Então, ela tem sua vida e o homem tem a dele. Então, hoje o relacionamento entre mulheres e homens ele é mais, de forma assim, de sentimento e não de obrigação.

26. Você acha que a relação entre dama e cavalheiro mudou ao longo da história da dança de salão? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Bom, eu não sei te dizer com afirmação, porque eu não vivi muito a história mais antiga da dança. Eu tenho oito anos. Isso, para quem dança, é uma criança. Pessoas têm quarenta anos. No meu período eu não vejo muito. Eu vejo que o que mudou, não a relação, mas mudou e tem mudado a relação corpo feminino e corpo masculino. Há um tempo atrás, por a gente estar no interior também, as pesquisas elas não chegam tão facilmente para a gente, a gente tem que buscar nas capitais e essa busca não era feita e, quando era feita, ela tinha uma certa rejeição ao que as mulheres faziam lá. Será que as mulheres do interior iriam aceitar as mesmas sensualidades, os mesmos braços, entendeu? Até os olhares. Isso, às vezes, não era passado para gente da forma como eles aprendiam lá. Hoje não. Eu acho que a mentalidade abriu-se ao ponto de que também não ter essa diferença entre interior e capital. Dança é dança em qualquer lugar. Então, o que a gente aprende lá atrás, então, hoje o que eu consigo falar para você que mudou foi muito nisso: é o corpo da mulher. A mulher passou a ser realmente mulher na dança e não dois homens dançando, um de cabelo comprido e um de cabelo curto, um de saia, outro de calça.

27. Como você reagiria se uma dama te convidasse para dançar?

Muito bem. Aliás hoje a gente ensina isso, no bom sentido, aos nossos alunos, porque voltamos à quantidade, se você está num lugar onde existem mais mulher do que homem e você não se propõe a convidar, você corre o risco de passar a noite inteira sem dançar, né? E outra, você tem a vontade de dançar com certo cavalheiro, mas, às vezes, ele não te conhece, ele não sabe se você está sozinha ou se você dança. Então, é muito comum, especialmente dentro da dança de salão, que essa pessoa te convida, né? Hoje, a aceitação ela é normal, é como se a gente estivesse sendo convidado para qualquer outra coisa de âmbito natural, não tendo alguma cantada ou algo assim. Normal.

28. Você acha que a dança de salão de Uberlândia está preparada para ceder espaço para outros modelos de casal que não o heterossexual?

Eu acho que sim. Existe, eu acho que não Uberlândia, mas existe em nível nacional, Brasil, né? Eu não conheço fora. Há uma resistência, mas eu já tive experiência aqui na academia de pessoas, de não heteros fazendo aula. Eles não ficaram. Mas não porque a gente ou os nossos alunos tenham olhados eles de forma diferente, mas eu acho que eles mesmo não... ainda não encaixou. Mas a sociedade da dança ela tem uma cabeça muito aberta, ela tem uma mentalidade muito ampla.

28.1. Você acha que é possível casais de mesmo sexo dançando dança de salão?

Eu acho. A aceitação tem que partir deles. Agora, dentro das salas de aula e nos bailes eu acho que é possível, tranquilamente, ser aceito.

28.2. O casal de sexo oposta na dança de salão é tradicional? Pode ser rompido?

Eu acho que sim. Eu acho que o casal oposto ele é uma tradição, né? Ele foi criado dessa forma antes. Não foi proposto como uma regra, mas uma tradição. Então, como muitas outras coisas foram rompida, por exemplo, o casamento, que também era composto dessa forma de sexo oposto e hoje não é mais, a dança, mais do que nunca, está muito longe de ser um casamento. Então, se algo muito superior, como o casamento, já foi rompido, a dança eu acho que é uma questão da sociedade do mesmo sexo se impor a isso e começar a fazer.

28.3. A dança de salão de Uberlândia está pronta para receber esse casal?

Está sim! Na dança de salão, sim. Eu, pelo menos na minha academia, sim, sempre. Nunca... Eu acho que o maior problema que eu já enfrentei aqui, por exemplo, chega um casal do mesmo sexo, a gente vê nitidamente que é, mas a gente não está preparado para chegar e falar assim: ah, você quer dançar com ela? Então, essa talvez seja a maior dificuldade. Essa pessoa ela tem que chegar e falar: oh, nós somos casal e eu quero dançar com ela. Eu acho que isso facilitaria muito, porque você fica naquela questão: eles querem se expor ou não querem expor? Então fica uma coisa meio difícil para a gente identificar.

28.4. A aceitação de pessoas homossexuais é normal quando elas desempenham o papel segundo seu sexo?

Normal. É mais difícil você ver. De acordo com seu sexo, isso é comum. Mas eu acho que poderia ser mudado, tranquilamente, desde que a pessoa assuma isso para ela mesma. A sociedade, eu acho, que, hoje, o poder da sociedade está menor do que o poder da própria pessoa. Então, tem que partir desse ser, né? Dessa pessoa chegar e falar: oh, eu quero assumir esta condição. Por que eu te falei que já teve casais que vieram, mas não continuaram? Porque não entraram com esta proposta: meu sexo é este, mas eu quero fazer dama, eu quero fazer cavalheiro. E aí a gente, como uma sociedade normal, acabou fazendo como deveria ser. As pessoas ficam naquela dúvida. Eu acho que eles se sentiram um pouco deslocados e acabaram saindo. Mas, é como eu digo, se a pessoa falar: olha, vou desempenhar essa função. Normal. Agora, eu não sei como, por exemplo, se essa pessoa fugisse do seu par. Aí é uma pergunta que eu não sei como seria a reação, por exemplo, dos outros pares, que não estão enquadrados naquela situação. Hoje a gente vê muito mulher dançando com mulher. Mas, quando passa aquele ser feminino que tem uma função masculina assumida, aí eu não sei como seria a reação. Eu acho que a principal possibilidade, agora, seria eles entre eles mesmo, casais com casais. A partir daí você cria um ambiente dentro da sociedade e aí a sociedade começa a assumir aquilo de forma natural, porque ainda existe o preconceito de que se eu fico com alguém que é assumido, eu me torno alguém assumido, entendeu? Então, eu acho que isso tem que ser quebrado. Eu acho que isso é nível nacional, pelo que eu vejo, porque eu viajo muito hoje. Eu vejo isso e acredito que é de nível nacional ou poderia ser de nível internacional. A partir de maio eu consigo te falar também.

APÊNDICE J – Entrevista 7¹⁰

Nome fictício: Bartolomeu

Idade: 46

Nacionalidade: brasileiro

Naturalidade: Uberlândia

Sexo: masculino

Identidade de gênero: homem

Classe social segundo renda familiar: C

Identificação étnico-racial: branco

Escolaridade: Ensino Superior em Educação Física

Profissão: professor

1. O que é a dança?

A dança é uma forma de expressão daquilo que existe de mais íntimo de cada ser humano.

2. O que é a dança de salão?

Uma forma de dança onde, além dessa expressão individual, nós exercitamos a expressão a dois.

3. Desde quando pratica essa modalidade de dança?

Há, aproximadamente, uns vinte anos.

4. Por que escolheu a dança de salão?

Por afinidade, inicialmente com a dança e, depois, eu fui perceber que, inicialmente a dança por me fazer um bem, eu poderia estar utilizando isso, também, para poder auxiliar outras pessoas.

5. O que é ser mulher?

Imagino que deva ser a mesma coisa que ser homem, apenas cada um com papéis diferentes.

6. Quais as funções/os papéis das mulheres na sociedade?

Eu acredito que sejam os mesmos, porém, respeitando-se a individualidade de cada um. Agora, eu não acredito numa sociedade em que tenham papéis diferenciados ou papéis a nível hierárquicos, que sejam diferenciados, mas apenas que, por tendência natural, alguns agem de uma determinada forma ou escolhem determinados campos de ação e outros, outros campos de ação.

7. Como deve ser a mulher ideal?

É aquela que é ela mesma.

8. As mulheres podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Eu acho que não só podem como devem, porque nem sempre o que a sociedade espera dela é aquilo que ela espera dela mesma.

9. O que significa ser dama?

Na dança de salão ser dama é ter a capacidade de poder desenvolver uma sensibilidade em ser você compartilhando isso como outro.

10. Quais as funções/os papéis da dama na dança de salão?

Na dança de salão, tecnicamente dizendo, o papel da dama seria poder entender e acompanhar o cavalheiro nos passos, porque se convencionou que na dança de salão o cavalheiro, por conduzir a dama, cabe, tecnicamente, à dama deixar-se conduzir pelo cavalheiro e acompanhá-lo nessa empreitada, vamos dizer assim, né?

11. Quem pode ser dama?

A dama. Na verdade, por exemplo, num contexto didático de aula, muitas vezes, nós utilizamos papéis invertidos, onde o cavalheiro, às vezes, ele assume a posição de dama e a

¹⁰ Entrevista realizada no dia 27 de fevereiro de 2013 com duração de 13 minutos e 43 segundos.

dama assume a posição de cavalheiro, exatamente, para que um possa se colocar no lugar do outro, num contexto didático.

12. Quem não pode ser dama?

Todos podem ser.

13. Como deve ser a dama ideal?

Ai, ai. Bom, eu acredito... Eu sempre digo num contexto, porque uma coisa é nós dizermos tecnicamente e outra coisa é se dizer isso como indivíduo, como ser humano, embora as coisas não sejam tão distintas assim. Mas, num contexto técnico, uma boa dama... Como deve ser uma boa dama? É aquela que possui uma sensibilidade aguçada para poder captar as intenções de seu par e acompanhar as intenções de seu par. Mas, num contexto mais humano, ela pode entender as suas necessidades, que vão além das necessidades técnicas, e acompanhá-lo nas suas necessidades humanas e sociais também.

14. A dama pode intervir no processo de condução? Como? Em qual (is) situação (ões)?

Eu acredito que sim, desde que haja um acordo consensual ou em trabalhos específicos como, por exemplo, numa coreografia, onde os dois sabem os movimentos, ela pode auxiliá-lo, auxiliar o cavalheiro com a condução.

15. O que é ser homem?

Eu acredito que é a mesma coisa. A mesma resposta que eu dei para ser mulher vale. Eu acho que ser homem é poder estar... é você poder ser feliz, é você poder ser quem você é. Independente de contexto social, independente do que a sociedade espera de você, é você fazer aquilo que você acha que está certo para você.

16. Quais as funções/os papéis dos homens na sociedade?

Sim, da mesma forma como existem para as damas, eu acredito que existam papéis que foram socialmente definidos, mas que isso deva servir como, apenas, referência, como parâmetro, não como engessamento da conduta de cada um. Eu acho que cada um pode extrapolar e ir além disso. O caso é ele querer.

17. Como deve ser o homem ideal?

É aquele que consegue se expressar dentro daquilo que ele acredita estar correto, mas, ou seja, manifestar sua individualidade, mas, além disso, poder respeitar tanto um outro homem quanto a mulher.

18. Os homens podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Podem e devem. E, da mesma forma que a questão do gênero feminino, que eu disse. E, uma coisa que eu acho interessante de colocar e de destacar, principalmente enfatizando a questão do homem, porque o homem foi criado socialmente para ser o progenitor, vamos dizer assim, o esteio da casa ou aquele que toma as decisões, né? E, muitas vezes, nesse papel social ele acaba esquecendo de respeitar o direito da outra, quase sempre da outra, da mulher ou, às vezes, do próprio outro homem, que convive numa relação pai e filhos, numa relação irmãos ou até numa relação social ou do trabalho mesmo.

19. O que significa ser cavalheiro?

Eu acho que, em síntese, ser cavalheiro é respeitar o seu espaço e respeitar o espaço da sua dama.

20. Quais as funções/os papéis do cavalheiro na dança de salão?

Da mesma forma, tecnicamente a função do cavalheiro é conduzir a dama de forma que ela consiga entender quais são as intenções dele durante a execução daquele passo ou daquela sequência de passos. Mas eu acredito que a função também vai além do tecnicamente. Eu acho que a dança é uma possibilidade da gente poder entender o outro na sua individualidade, na sua limitação, nas suas dificuldades e poder respeitá-lo acima de qualquer coisa.

21. Quem pode ser cavalheiro?

Todos. Qualquer pessoa pode ser cavalheiro.

22. Quem não pode ser cavalheiro?

Ninguém, eu acho que todos podem ser.

23. Como deve ser o cavalheiro ideal?

Na dança de salão, o cavalheiro ideal é aquele que sabe executar bem os seus passos, tecnicamente falando. É aquele que tem segurança daquilo que ele quer e consegue transmitir essa segurança para o seu par e consegue, dentro dessa segurança, conduzir ou levá-la àquilo que é o objeto de desejo dele.

24. O cavalheiro pode se deixar guiar pela dama? Em qual (is) situação (ões)?

Eu acredito que sim. Numa situação, eu disse, numa situação técnica. Como eu disse, numa situação de montagem coreográfica, onde os passos já estão previamente definidos, onde os dois já sabem de antemão quais serão os passos a serem executados. Mas eu acredito, também, mesmo numa situação didática ou numa situação de aula, o cavalheiro pode exercitar sim, quando ele percebe que a dama tem condição de auxiliá-lo num determinado contexto, ele pode sim se deixar levar. Nem sempre aquela convenção social do cavalheiro conduz e a dama se deixa conduzir, nem sempre isso vale como regra, mas apenas como parâmetro.

25. Você acha que a relação entre mulheres e homens mudou ao longo da história da humanidade? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Eu acredito que mudou e acredito que vai mudar sempre, porque o ser humano não é o mesmo hoje de dez anos atrás e não será o mesmo daqui dez anos. Eu acredito que antigamente existiu essa relação de gênero, sobretudo na questão da hierarquia. Era mais predominante aquela relação que o homem mandava e a mulher obedecia. Eu acredito que isso mudou muito, embora isso ainda exista em muitas relações que estão pautadas nisso, mas eu acho que isso já tem minimizado com o tempo.

26. Você acha que a relação entre dama e cavalheiro mudou ao longo da história da dança de salão? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Acho que sofreu sim, também, na mesma proporção. Na medida que a dança espelha a vida, eu acho que ela traz em si, na dança, numa situação, num contexto de dança, eu acho que o ser humano traz essa mudança social, essa mudança cultural, que ele imprimiu na sua vida, ele traz isso para a dança e ela vai manifestar isso inevitavelmente. Uma situação, por exemplo, nós tínhamos, até muito pouco tempo atrás, uma dama que era mais submissa e um cavalheiro que era mais autoritário no sentido de achar que ele tinha mais poder sobre o sexo oposto. A partir do momento em que a dama assume sua função social com mais ênfase, a partir do momento em que as mulheres assumem seus papéis sociais de uma forma mais intensa, elas trazem isso para a dança também. Então, por exemplo, hoje é muito comum você encontrar, numa situação de baile ou numa aula de dança, uma dama que não quer se deixar conduzir pelo cavalheiro, uma dama que quer tomar a frente da situação, que quer conduzir para não aceitar essa submissão ao cavalheiro.

27. Como você reagiria se uma dama te convidasse para dançar?

Eu acho ótimo. Na verdade, eu lido com isso todos os dias e acho ótimo. Seja num contexto de uma aula, seja num contexto de um salão. Da mesma forma que um cavalheiro pode convidar a dama para dançar, a dama também tem que se sentir livre e à vontade para chamar o cavalheiro para dançar. Essa inclusive é uma das mudanças também. Eu acho que isso acontece muito hoje.

28. Você acha que a dança de salão de Uberlândia está preparada para ceder espaço para outros modelos de casal que não o heterossexual?

É difícil responder isso, mas eu acredito que não, eu acredito que ela ainda não está preparada para isso. Talvez algumas pessoas que trabalham com dança já estejam preparados, mas, num contexto geral, eu acredito que não. E a outra pergunta: a dança de salão está preparada para receber pessoas homossexuais? Eu também não acredito, porque a dança ela é um reflexo social. Então, na verdade, o que a gente manifesta, os preconceitos que a gente manifesta dançando são exatamente os mesmos preconceitos sociais que a gente carrega. Então, da

mesma forma como eu acho que a sociedade ainda, apesar de ter ocorrido um avanço muito grande nisso, mas a sociedade ainda não lida muito bem com essa questão dos homossexuais, por exemplo, eu acho que na dança isso ainda não, embora seja... A gente tem um estigma, a gente teve até pouco tempo de uma forma mais enfática e agora menos. Mas não existe aquela questão: homem que é homem não dança! Ainda existe isso, embora esse preconceito, na dança de salão em si, ele é um pouco menor. É menor na dança de salão do que no contexto da dança em geral, por exemplo, você vai... um cavalheiro, um homem é muito mais bem aceito socialmente fazendo uma dança de salão do que fazendo um balé clássico. Então, isso ainda existe, esse preconceito ainda existe, mas na dança de salão ele é um pouquinho menor. E, eu acho que, embora teoricamente ainda, por exemplo, qualquer pessoa homossexual, seja masculino ou feminino, que pratique dança de salão, a sociedade ainda tem algumas restrições com relação a isso.

28.1. A dança de salão não rompe o casal de sexos opostos? Isso é estético? É tradicional? O que é para a dança de salão a formação desse casal?

Eu acho que é mais tradicional do que estético. Eu acho que seria mais tradicional do que estético. É muito fácil falar de preconceitos. Uma vez que você vive isso no dia a dia já é mais difícil. Então, eu acredito que muitas pessoas podem dizer que não, que não tem problema, mas, na realidade, na concretude da relação, eu acho que ainda existem.

APÊNDICE K – Entrevista 8¹¹

Nome fictício: Dalila

Idade: 63

Nacionalidade: brasileira

Naturalidade: Rio de Janeiro

Sexo: feminino

Identidade de gênero: mulher

Classe social segundo renda familiar: A

Identificação étnico-racial: branca

Escolaridade: Ensino Superior em Letras e em Música com Especialização em Metodologia do Ensino Superior

Profissão: professora aposentada

1. O que é a dança?

A dança, para mim, é tudo, né? Atualmente, para mim, é tudo mesmo. É até uma filosofia de vida. Está sendo até uma religião, sabe?

2. O que é a dança de salão?

No meu caso é mais a dança de salão, em específico, o tango, porque as outras danças eu até fiz alguma coisa, mas, assim, o que preenche para mim mesma é a dança de salão.

3. Desde quando pratica essa modalidade de dança?

Eu comecei a dançar depois que eu aposentei, com quarenta e dois anos. Eu sempre gostei da dança, mas não tinha tempo, porque criando filho, família, estudando, trabalhando. Então, na realidade, foi depois, né?

4. Por que escolheu a dança de salão?

Parece que eu me identifiquei mais, porque... Eu até fiz sapateado, eu fiz dança espanhola, fiz um pouco de balé, mas, assim, eu me identifiquei mais com a dança de salão. Não sei se é por causa do tango, bolero. Todos os ritmos eu gosto, mas, em específico, o tango. Então, eu me identifiquei mais com a dança de salão, porque eu tenho um pouco de dificuldade de dançar sozinha. Assim, então, parece que a dança de salão preenche com o par. Me preenche.

5. O que é ser mulher?

Ser mulher é... Adoro! Tem gente que fala: ah, quando eu voltar, eu quero ser homem. Não. Eu adoro ser mulher, ser feminina. Mas, assim, a mulher atual, né? Está passando aquela novela das seis e eu falei: Deus me livre! Eu não dava conta, porque eu sou muito independente. Eu sempre fui muito independente, né? Eu não sei se é porque eu tenho três irmãos e só eu de mulher. Então, eu já fui criada assim. E comecei a trabalhar com 14 anos, então, eu adquiri minha independência muito cedo. E eu gosto. Agora, eu adoro ser mulher, ser feminina. A sensibilidade que a mulher tem... E, acho que junta tudo, né? Porque, desde criança, eu comecei na música, então, acho que com tudo isso você fica uma pessoa muito sensível, né? Então, eu sou muito sensível. É tudo, né? É a sensibilidade, é a feminilidade, é essa intuição que a mulher tem, essa maneira que a mulher tem de preencher, né? Igual como quando eu viajo. Aqui em casa os meninos somem, as netas somem. Ainda pergunto ao meu marido: o pessoal veio aí? Não. Você não está aqui. Não veio ninguém. Então, eu acho que a mulher que faz essa união na casa, na família, em tudo, né? Os toques, aqueles toques, assim, que só a mulher sabe dar, né? Eu adoro ser mulher!

6. Quais as funções/os papéis das mulheres na sociedade?

Aí, a mulher hoje está em tudo, né? A mulher ela tem, assim, talvez pela sua intuição, o seu lado materno, ela consegue... Ela está infiltrando em tudo, né? Você vê até a nossa presidente. E ela consegue, com a maneira dela, chegar nas pessoas, né? A conseguir essa união, a

¹¹ Entrevista realizada no dia 01 de março de 2013 com duração de 20 minutos e 32 segundos.

conseguir esse entrosamento. Claro que há exceções, né? Mas, de modo geral, a função da mulher hoje está muito, muito grande, né?

7. Como deve ser a mulher ideal?

Eu acho que a mulher ideal ela tem que ter o espaço dela, que ela conquistou e deve conquistar mais ainda, porque ainda há algumas diferenças. Mas ela não pode perder a feminilidade, a parte maternal dela, sabe? Essa intuição que ela tem, eu acho, que ela não pode perder, senão, ela fica masculina, né?

8. As mulheres podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Sim! Eu acho que a mulher cabe em tudo.

9. O que significa ser dama?

Ser dama é se deixar ser envolvida, se deixar ser levada, né? O que, para a gente que é mais independente, é difícil. Mas, na dança, para você ter esse encaixe, principalmente na dança de salão, você tem que se deixar ser levada pelo cavalheiro, se entregar para ele.

10. Quais as funções/os papéis da dama na dança de salão?

Na realidade, na dança de salão, a dama é tudo. O cavalheiro só conduz. Então, assim, a parte bonita, a parte que enfeita, que mostra tudo, é a dama, né? Tanto que o cavalheiro, geralmente, fica sempre de costas para mostrar a dama. Ele é só um sustento, é um esteio. É como no navio, o cavalheiro é o que está lá fazendo todo esforço para o navio andar e a mulher está só curtindo a viagem e se vangloriando.

11. Quem pode ser dama?

Qualquer mulher.

12. Quem não pode ser dama?

Eu acho que há cavalheiros que até fazem papel de dama, mas não é a mesma coisa, né? Eu acho que o papel da dama é da mulher. Não tem como o cavalheiro... Pode até querer imitar, até fazer mais bonito, mas falta a saia, falta aquele glamour que é a feminilidade da mulher. Então, eu acho que para o homem não cabe não.

13. Como deve ser a dama ideal?

A dama ideal eu acho que, assim, é claro que tem que ter a técnica, mas, acima da técnica, ela tem que demonstrar essa entrega, o sentimento, sabe? O envolvimento mais até que a técnica. Às vezes, têm damas que são perfeitas na técnica, mas parecem robôs, né? Então, o que chama atenção, o que faz o cavalheiro gostar daquela dama é essa entrega dela, é mostrar o seu sentimento, sabe? Saber improvisar é mais importante do que, às vezes, a técnica, não é?

14. A dama pode intervir no processo de condução? Como? Em qual (is) situação (ões)?

Claro! Eu intervenho demais. Têm as horas que você pode, têm as horas que até o cavalheiro te dá esse espaço para você mostrar a sua improvisação. Mas, às vezes, quando o cavalheiro não me dá, eu seguro, sabe? Eu dou uma segurada na mão dele, assim, sabe? Eu mostro para ele que eu estou presente, que eu quero aparecer, né? E aí eu... Então, assim, a dama ela tem que ser, ao mesmo tempo que ela tem que ser sensível e feminina, ela tem que ser forte, ela tem que demonstrar essa: opa, estou aqui! Você me conduz, mas eu estou aqui presente. Ela tem que mostrar a presença dela. É muito importante isso.

15. O que é ser homem?

O homem ele tem que mostrar o machismo dele não com imposição, né? Eu acho que o homem ele tem que mostrar o machismo dele com a delicadeza, com a acessibilidade mesmo. O homem sensível e, geralmente, o homem que dança ele é mais sensível. Não sei se você já reparou, mas o homem que dança ele tem mais essa sensibilidade, esse cavalheirismo, sabe? Ele é... Isso não deixa de ser macho, né? Mas ele pode mostrar que ele é homem nesses pequenos detalhes, assim, de cavalheirismo, de sensibilidade, de dar valor na mulher, de mostrar a mulher, né? No caso da dança, de mostrar: olha aqui que linda que ela é. Ela está dançando comigo. Sabe? Esses detalhes, né?

16. Quais as funções/os papéis dos homens na sociedade?

Mudou, né? Antigamente era ele que sustentava tudo. Hoje, até em muitos casos, ele está com o papel da mulher e a mulher com do homem, né? Está tendo até uma troca aí. Mas hoje o papel do homem em relação à mulher, principalmente em casal, eu acho que é muito companheirismo, né? Troca de... O homem hoje assumiu muito o papel maternal de ajudar na educação dos filhos. Ele está mais presente hoje do que era antigamente. Eu mesma criei meus filhos, praticamente, sozinha. O meu marido chegava de noite. Ele não sabia nem se eu tinha levado no médico, se não tinha. Então, assim, eu resolvia tudo, né? Hoje, nos meus filhos, eu já vejo a mais participação deles tanto na educação como na casa, nas próprias coisas que antigamente era só papel da mulher, né?

17. Como deve ser o homem ideal?

O homem ideal eu acho que ele tem que ser, mais do que tudo, um companheiro. Um... Como é que se fala? Um... Não é colega, mas, assim, um companheiro, um parceiro, um cúmplice. A palavra que eu queria. Um cúmplice, sabe? Além, claro, de amigo, de educado. Eu acho que isso aí é tudo umas funções. Mas acho que, acima de tudo, um companheiro, um parceiro, sabe? Mais do que... Porque amor, esses trem, paixão é mais no caso, se for casal, no começo, né? Depois o que fica é isso, né? É diálogo, é conversar, troca de experiências. Então, isso aí é que é gostoso num homem, né? Assim, ser alegre também, sabe? Brincalhão. Homem turrão, Deus me livre!

18. Os homens podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Claro! Eu acho que hoje está.... perfeitamente eles estão mostrando isso, né? Tem homem que a mulher está indo trabalhar e o homem está em casa, né? Então, eu acho que...

19. O que significa ser cavalheiro?

Quer dizer, até já falei, né? Quer dizer, além dele ser o... Mostrar que ele é o homem na dança de salão, quer dizer, nada impede até que um gay, na dança de salão, faça o papel de homem. Há demais isso, né? Na dança de salão tem muito isso. Então, demonstrar que ele é homem é essa imposição dele, né? Como... Assim: eu que estou aqui conduzindo. Eu estou aqui presente. Eu que estou te dando a liberdade para fazer tudo isso, né? É um sustento para a dama dançar, mas sempre tendo o cuidado de não aparecer mais que a dama, porque, na dança de salão, a dama é que aparece mais que o homem. Então, se o homem que está aparecendo mais é porque está errado.

20. Quais as funções/os papéis do cavalheiro na dança de salão?

É mais esse caráter mesmo de... Querendo ou não, na dança de salão, é mais a mulher. Mas só que, se ele não der esse suporte, a mulher... Sabe, o homem tem que ter, também, musicalidade, porque não só adianta a mulher ter. Eu tenho muita musicalidade, então, se eu danço com um homem que não tem, eu não posso fazer nada, entendeu? Então, assim, no caso da mulher, às vezes, igual a gente vai num lugar para dançar e, às vezes, você paga muito mico. Aí vem um homem para dançar, um cavalheiro para dançar, mas ele não tem um pinga de ritmo nem de musicalidade, aí você fica ali sem poder fazer nada, né? Então, eu acho que é muito importante que o homem tenha musicalidade, tenha ritmo, sabe?

21. Quem pode ser cavalheiro?

Uai, têm até mulheres que são mais cavalheiros do que homens. Se a mulher vestir uma calça e fazer o papel, ela desempenha. Há mulheres que desempenham. Eu não! Eu detesto ser cavalheiro! Eu gosto de ser mulher mesmo. Mas têm mulheres que desempenham muito bem essa função, mas não é a mesma coisa não. Parece que aquela força que o homem tem, assim, aquela coisa interna, sabe? Eu não gosto de dançar com mulher!

22. Quem não pode ser cavalheiro?

Eu acho que qualquer pessoa pode ser cavalheiro. Desde que saiba conduzir, nada impede.

23. Como deve ser o cavalheiro ideal?

Olha, o cavalheiro ideal para a dança de salão, quer dizer... Eu acho que o cavalheiro musical. Eu já dancei com cavalheiros que não sabem nada de dança de salão, mas eles têm uma

musicalidade que o dois pra lá dois pra cá deles vale mais do que um cavalheiro que tem cinquenta mil passos e não tem musicalidade, sabe? Então, eu acho que, assim, a musicalidade, aquela sensibilidade, saber pegar a dama, sabe? Assim, saber aconchegar a dama nos braços dele. Eu acho que isso aí é muito importante.

24. O cavalheiro pode se deixar guiar pela dama? Em qual (is) situação (ões)?

Não é o certo não, mas eu já guiei muito cavalheiro. Principalmente quando não tem musicalidade. Aí eu, como dama, eu me imponho e vou, não sei se por causa de ser professora também. Aí eu não deixo, eu dou uma segurada, sabe? No fim eu que estou conduzindo ele. Porque eu também sou meio ansiosa, né? Então, se eu vejo que o cavalheiro não está fazendo, eu começo a conduzir. Mas não é toda dama, né? Para você conduzir você também tem que saber um pouco mais para você poder... Porque, senão, fica aquele negócio: um desencontro total! Se a dama não sabe e ele não sabe, aí é um desencontro total.

25. Você acha que a relação entre mulheres e homens mudou ao longo da história da humanidade? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Sim. Essa aceitação na sociedade do cavalheiro aceitar mais a mulher, né? Até dentro de casa ele fazer as coisas e achar normal, né? Aceitar a mulher trabalhando fora e, às vezes, ele não, né? Na própria dança, que, quando eu comecei a fazer dança também era... Eu tinha 42 anos quando eu comecei a fazer dança.

26. Você acha que a relação entre dama e cavalheiro mudou ao longo da história da dança de salão? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Não. Eu acho que antigamente o cavalheiro respeitava mais a mulher na dança do que hoje, sabe? Hoje o cavalheiro, principalmente em alguns ritmos, ele não respeita a dama, sabe? Ele joga para cá, ele joga para lá. Há uma... Eu já tive cavalheiro que eu pedi para parar de dançar, porque trata a dama como um saco, como se ela fosse um saco de feijão, sabe? Ele joga pra cá, ele joga pra lá. Ele não respeita, às vezes, os limites. E, às vezes, vai num lugar... O rapaz, às vezes, aprendeu aquele passo e vai dançar com uma senhora e quer fazer com ela o que faz com uma menina, né? E que nem uma menina... Tanto que, às vezes, há gente machucando pescoço, machucando coluna, machucando, às vezes, pé. Pisa no pé da dama por quê? Porque falta esse cavalheirismo, falta esse discernimento, né?

27. Você convidaria um cavalheiro para dançar?

Sim. Direto convidado. Se eles não me vêm buscar, eu vou buscá-los.

27.1. Qualquer dama pode convidar um cavalheiro para dançar?

Claro! Hoje em dia tem até o baile da Maria Cebola, né? A dama é que chama o cavalheiro. Mas, assim, hoje normalmente se você sente vontade de dançar... Eu convidado direto. Se eu for fazer um curso, adoro convidar os professores para dançar. Agora mesmo, que eu estive em Florianópolis, convidei todos os professores para dançar com eles, porque é para me testar. Então, eu gosto de, se eles não me convidam, eu vou e dou um jeito de convidá-los. Isso hoje está super normal.

28. Você acha que a dança de salão de Uberlândia está preparada para ceder espaço para outros modelos de casal que não o heterossexual?

É normal, na dança de salão, isso. A gente vê muito. A gente vê isso. É, preparado, preparado a gente nunca está, né? A gente sempre acha... Mas eu já vi, perfeitamente, dama com dama e cavalheiro com cavalheiro. Lá em Buenos Aires já tem até uma milonga que é só de gays.

28.1. A aceitação do homossexual na dança de salão em Uberlândia é tranquila?

Não, isso é tranquilo.

28.2. E um homem desempenhando papel de dama e uma mulher desempenhando papel de cavalheiro?

Ah, isso não é comum não, não é comum não. Eu já tive alunos que eram duas mulheres e uma delas era como cavalheiro. Normal no meio da turma. Não tinha muito problema não. Agora, não é comum, mas quando tem... Eu acho, assim, se o professor não ficar chamando

muita atenção, né? Deixar correr normal. Os alunos também acabam... É, sempre têm aqueles olhares desconfiados, aquela conversinha, mas fica normal depois... Nada de...

APÊNDICE L – Entrevista 9¹²

Nome fictício: Tiago

Idade: 35

Nacionalidade: brasileiro

Naturalidade: Uberlândia

Sexo: masculino

Identidade de gênero: homem

Classe social segundo renda familiar: C

Identificação étnico-racial: branco

Escolaridade: Ensino Superior em Educação Física e Pós-graduação em Dança e Consciência Corporal

Profissão: professor de dança de salão

1. O que é a dança?

A dança, de uma forma geral, é uma forma de expressão, é uma forma de me exercitar, de tentar sair um pouco da racionalidade do mundo real, tentar trabalhar um pouco os sentimentos, as sensações, em conjunto com a música, que ajuda a transcender um pouco.

2. O que é a dança de salão?

A dança de salão, para mim, ela entra nesse meio. Além, também, de me ajudar a tentar ser uma pessoa melhor, tentar ser uma pessoa que participa de algo com outra, porque é uma dança de casal. Uma dança de casal é diferente de sozinho, né? Então, é uma forma de poder estar com uma outra pessoa, compartilhar movimentos e sensações e poder deslocar junto, movimentar, tentar ser receptivo e, ao mesmo tempo, ser também sensível a ponto de saber o que a dama precisa naquele momento, em determinado movimento. Eu acho que é isso.

3. Desde quando pratica essa modalidade de dança?

Desde 1994.

4. Por que escolheu a dança de salão?

Para me comunicar, para me socializar. Eu era extremamente tímido, então, eu senti a necessidade da dança de salão como uma forma de poder desbloquear um pouco a minha comunicação com as pessoas. Então, eu era extremamente calado, eu entrava mudo num lugar e saía calado. Eu falei: não! Eu preciso de alguma coisa que possa me ajudar a comunicar. E como eu já dançava, porque eu vivia dançando a dança popular, então, eu tinha facilidade com movimentos. Eu falei: não! Então, ali é um caminho onde eu posso me sentir um pouco mais seguro para poder trabalhar outras coisas.

5. O que é ser mulher?

Eu acho que ser mulher é, até culturalmente falando, pelo que a gente aprende, é ela tentar suprir as necessidades da sociedade no sentido de seguir um cavalheiro, no sentido de formação de um lar. Além de ser uma boa dona de casa, hoje, as mulheres já trabalham e elas já têm esse espaço na sociedade. Então, ser mulher não é fácil não, né? Porque você acaba que você precisa de um monte de... Queira ou não, a mulher ela é muito sobrecarregada. Muitos padrões, funções, tabus.

6. Quais as funções/os papéis das mulheres na sociedade?

Isso é, culturalmente falando, é a mulher ser criada para cuidar de uma família, né? Porque se ela não cuida da família ela é tachada de uma mulher... Alguma coisa desse tipo. Eu acho que é isso.

7. Como deve ser a mulher ideal?

Olha, eu ainda não pensei nisso não. Uma mulher ideal? Não sei, viu! A gente fica tanto no mundo real que a gente para de pensar no ideal, né? Uma mulher ideal seria aquela mulher

¹² Entrevista realizada no dia 05 de março de 2013 com duração de 19 minutos e 31 segundos.

que tenta fazer as coisas sem se contradizer e sem fugir da sua origem. Acho que essa é a mulher ideal. É aquela que não vai contra seus pensamentos, sentimentos.

8. As mulheres podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente? Eu acredito que sim, porque ela é justamente isso. Ela ir de acordo com o que ela pensa e ela sente e não só seguir, culturalmente, o que vem sendo imposto há tantos anos a ela.

9. O que significa ser dama?

Olha, ser uma dama é ser uma super mulher, porque ela tem que, primeiramente, colocar na sua cabeça que ela está ali para fazer algo com outra pessoa. Então, ela tem que sentir o que esse parceiro propõe a ela fazer e ela vai decidir, na hora, se vai acatar ou não a decisão dele, né?

10. Quais as funções/os papéis da dama na dança de salão?

Eu acredito que sim. Eu acho que a dança de salão é um jogo entre casais. Casais, quando eu digo casais, é o par, o homem e a mulher que se propuseram a dançar junto. Eu acho que tem sim. Eu acho que a mulher ela tem o papel de tentar executar o que o homem está pedindo para que ela faça. A partir do momento em que ela saia desse papel, dessa função dela no jogo, pode ser que a coisa não dê certo.

11. Quem pode ser dama?

As damas. As mulheres.

12. Quem não pode ser dama?

Eu acho que aquelas pessoas que não querem sentir.

13. Como deve ser a dama ideal?

Uma dama ideal para a dança seria aquela mulher que tem ritmo, que tem musicalidade, que tem a sabedoria de poder acompanhar alguém no espaço que está sendo utilizado, permitir as coisas que ele está propondo ela fazer e, ao mesmo tempo, poder sugerir ao cavalheiro.

14. A dama pode intervir no processo de condução? Como? Em qual (is) situação (ões)?

Ela pode intervir no sentido de criação de charmes, mas não no sentido de decisão do percurso.

15. O que é ser homem?

Ser um homem, no plano social, eu acredito que, pela criação que eu tive, é aquela pessoa que dá conta de sustentar a casa, que tem caráter, que tem juízo, que não faz coisas desagradáveis na rua, que possa ter uma família, um lar e ser respeitado.

16. Quais as funções/os papéis dos homens na sociedade?

Ter um emprego, que possa arcar com as despesas que ele tem, e constituir uma família, né? Ter esposa e filhos.

17. Como deve ser o homem ideal?

O homem ideal eu acredito que seja aquele que, para começar, tenha tido uma boa educação e que saiba lidar com o dia a dia no campo cultural, social, econômico. Aquela pessoa que sabe ativar, na sua vida, vários campos sem falhar em nenhum.

18. Os homens podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Eu acredito que sim.

19. O que significa ser cavalheiro?

Ser um cavalheiro, na dança de salão, significa, primeiramente, que para a pessoa dançar ela tem que ter ritmo, trabalhar a coordenação, ter musicalidade, saber abraçar a dama – o abraço é o que a gente chama de postura de posição de dança – de forma que deixe a dama segura, mas sem deixar ela frouxa e sem deixar ela presa, mas permitir a ela os movimentos que ela precisa. Se preocupar, além do ritmo e da condução dos movimentos, com o espaço que ele está se deslocando, sem deixar com que ela trombe ou caia ou que force ela fazer qualquer coisa que ela não queira.

20. Quais as funções/os papéis do cavalheiro na dança de salão?

Toda dança a dois faz com que tanto a dama como o cavalheiro sinta um ao outro. Então, eu acho que, além do homem ter essa racionalidade do movimento, ele também precisa sentir o que a dama está pedindo para ele ou o que ela necessita naquele momento ali. Então, eu acho que requer também do homem essa sensibilidade.

21. Quem pode ser cavalheiro?

Qualquer um que esteja disposto a isso, né?

22. Quem não pode ser cavalheiro?

Quem não queira.

23. Como deve ser o cavalheiro ideal?

Acho que da forma como eu acabei de falar.

24. O cavalheiro pode se deixar guiar pela dama? Em qual (is) situação (ões)?

Eu acho que, como eu disse, a dança de salão é um jogo. O cavalheiro ele assume uma posição, pela própria postura da dança de salão que ele assume um papel, então, se ele não vai fazer esse papel, pode ser que a dama faça, mas não sei se seria o ideal para o jogo.

25. Você acha que a relação entre mulheres e homens mudou ao longo da história da humanidade? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Eu acredito que sim. Eu vejo que, por exemplo, na casa dos meus avós todas as regras da casa eram impostas pelo meu avô, né? Então, a minha avó era sempre aquela mulher calada. O tempo foi passando. Eu vejo meus pais. Todas as regras da casa são impostas pela minha mãe. E eu acredito que alguma coisa aí mudou. A minha relação ela é bem compartilhada no sentido que todas as decisões da casa nós tentamos conversar, a gente tenta entrar em consenso.

26. Você acha que a relação entre dama e cavalheiro mudou ao longo da história da dança de salão? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Eu acredito que mudou, não tanto como na vida social. Mas eu acredito que a dama hoje na dança de salão, não entrando para o lado do balé não, mas na dança de salão as damas, hoje, elas têm uma liberdade de movimento e expressão muito maiores do que elas tinham antes.

27. Como você reagiria se uma dama te convidasse para dançar?

Eu fico muito satisfeito. Eu fico feliz.

27.1. Para todos os cavalheiros esse convite é bem vindo?

Olha, pela convivência com meus alunos, eles também gostam de ser chamados para dançar, eles gostam de ser requisitados, né? Não é aquela coisa, porque quando só o homem chama, às vezes, a dama não quer dançar com ele, mas ela vai por educação, então, quando a dama chama o cavalheiro é como se ele falasse assim: olha, então ela realmente gosta de dançar comigo!

28. Você acha que a dança de salão de Uberlândia está preparada para ceder espaço para outros modelos de casal que não o heterossexual?

Bom, eu nunca tive essa experiência, embora eu tenha morado no Rio e, no Rio, homens dançavam com homens e mulheres com mulheres, no salão. Eu não sei se Uberlândia, hoje, comportaria esse tipo de atitude. Talvez não vindo do professor, mas às vezes dos alunos do grupo.

28.1. O casal heterossexual pode ou não ser rompido?

Poder ser rompido eu acho que ele pode. Eu só acho que deve ser respeitado quem está fazendo o papel de quem, né? Eu acho que, pela própria posição de dança, uma pessoa está só recebendo e uma pessoa está só comandando, então, se a mulher assumisse um papel e o homem o outro, troca-se a posição.

28.2. Trocando-se as posições não estamos rompendo com a dança de salão?

Não. Eu acho que não estaria não. A dança de salão ela é uma dança de par, né? Quem está fazendo o papel de cá e de cá, eu acho, só precisa manter o que ela pede, independente do sexo. Eu acho que é mais assim, por exemplo, os professores. Eu danço mais, geralmente, de

mulher e conheço várias professoras que dançam de mulher e de homem. A gente não entra em um salão de dança para ficar dançando assim, né? Aí cada um assume o seu papel.

APÊNDICE M – Entrevista 10¹³

Nome fictício: Simão

Idade: 36

Nacionalidade: brasileiro

Naturalidade: Romaria

Sexo: masculino

Identidade de gênero: homem

Classe social segundo renda familiar: C

Identificação étnico-racial: branco

Escolaridade: Ensino Superior em Psicologia Clínica

Profissão: psicólogo e professor de dança de salão

1. O que é a dança?

Isso é muito vago. Para mim é muito vago. A dança, de maneira geral, é, do meu ponto de vista com dança de salão, uma movimentação do corpo que acontece de acordo com o ritmo ditado por uma música. Sem a música, na dança de salão, não tem como, embora a gente pode fazer e usar o silêncio como música para estar dançando. O silêncio também é um tipo de música. A dança, para mim, eu acho que ela faz parte do gênero ser humano. Eu acho que, desde que a gente nasce, a gente, mesmo se não tiver alguém para ensinar, a gente acaba se movimentando de maneira harmônica, buscando um equilíbrio. O corpo da gente busca ritmo o tempo todo e aí, mesmo se não tivesse uma aula, uma escola, a gente já faria isso. A humanidade dança. Antes de escrever e ler ela já dançava.

2. Desde quando pratica essa modalidade de dança?

Eu dou aula já há 17 anos, porque eu vivo de dança há 17 anos. Mas conheci a dança quando eu tinha 8 anos. Já têm uns 27 anos, 28 anos, que eu tive meu primeiro contato com dança. Era criança ainda.

3. Por que escolheu a dança de salão?

Boa pergunta. Quando eu comecei a dançar eu, na verdade, dançava só dança livre, dança de rua e foi meio por acaso. Também, logo-logo eu desisti. Aí, eu dançava, tinha facilidade. Onde tinha música eu aprendia na hora, eu fazia aula. Mas a dança de salão apareceu na minha vida eu tinha 18 anos e foi uma namorada que me apresentou e aí eu me apaixonei logo na primeira semana. Eu passei a gostar muito. Nós terminamos o relacionamento, eu continuei e estou aqui até hoje.

4. O que é ser mulher?

Bom, eu não sou uma mulher. É meio difícil responder essa aí. Mas a mulher ela, aqui, ela chega e passa a ser ela mesma, né? A mulher hoje ela é muito independente e ela consegue desempenhar as funções que ela se dispôs a desempenhar, embora muitas outras, como no passado, ainda querem só ficar dentro de casa mesmo, só cozinhando e lavando.

5. Quais as funções/os papéis das mulheres na sociedade?

Talvez seja um pouco antiquado, mas ela tem que compor uma família, né? Eu penso que mulher ela está esquecendo um pouquinho disso, mas eu penso que a mulher ela compõe uma família, ela faz parte do que é construir uma família. O homem não constrói sozinho e muita mulher está deixando de ver esse lado. Ela quer desenvolver o papel do homem, às vezes, para essa certa independência. Acabou que ela, no meu ponto de vista, ela continua trabalhando e o homem também trabalhando num casal, só que ela chega em casa e ela continua fazendo as mesmas coisas que ela fazia antes, ou seja, ela aumentou o trabalho dela.

6. Como deve ser a mulher ideal?

¹³ Entrevista realizada no dia 05 de março de 2013 com duração de 30 minutos e 28 segundos.

Flexível. Uma mulher que seja flexível, com um senso de adaptação, bem adaptativa, porque numa sociedade de hoje ela acaba... não tem mais volta, né? A mulher de hoje ela, a mulher moderna, ela tem que trabalhar fora, ela gosta também de trabalhar fora e tentar conciliar com o esposo ou parceiro as tarefas de casa, porque muitas vezes o homem também não desempenha e ela acaba que ela faz muito. Ela faz fora e dentro de casa, porque ela não combina direito com o parceiro. Mas a mulher ideal é a que consiga fazer isso, né? Consiga estudar, consiga dividir tarefa, consiga ser adaptativa, flexível. Eu acho que é essa que é a mulher ideal.

7. As mulheres podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente? Pode! Não só pode como deve. Eu acho que ela, a mulher, é diferente hoje do passado. Aquela mulher acomodada não existe. Existe, mas o que eu espero é que as mulheres sejam cada vez mais para frente, né? Cada vez mais...

8. O que significa ser dama?

É, tem evoluído muito a dança de salão. A dama ela, no salão, ela, a princípio, ela apenas acompanhava, tinha a função de acompanhar o cavalheiro, acompanhar as conduções do cavalheiro. O cavalheiro conduzia e ela tinha que obedecer. Ele manda. Era muito machista. A dança de salão ela tem evoluído como qualquer outra coisa. Hoje a dama ela tem o papel, assim, que ela desempenha na dança de salão, mais livre. Ela já tem momentos para ela executar o que ela quiser na dança de salão. No tango, principalmente hoje, o tango é o ritmo que mais dá liberdade para a dama movimentar.

9. Quais as funções/os papéis da dama na dança de salão?

Uai, tudo, porque a dança de salão não existe se não tiver mulher, né? Então, evoluiu a um certo ponto que tem o tango gay, por exemplo, que dança homem com homem e não é permitido dançar mulher com mulher, sempre é o homem com homem. Mas eu penso que vai caminhar para dançar mulher com mulher. Quando a gente está ensinando, inevitavelmente, homem dança com homem para ensinar, mulher dança com mulher para ensinar, mas, ao pé da letra, na dança de salão o homem ainda continua com a função de conduzir e a dama de interpretar aqueles estímulos de condução e estar fazendo a movimentação dela. Mas o papel da dama é fundamental, porque sem ela não tem a dança de salão. A mesma coisa sem o homem, não tem dança de salão. É o casal que trabalha e vamos, devido à evolução, fazendo outras coisas.

10. Quem pode ser dama?

Qualquer mulher.

11. Quem não pode ser dama?

O homem mesmo, né? Mas a mulher ela, qualquer uma, a alta, baixa, magra, gorda. O homem também. Então, ele desempenhando o papel e a função de homem. E, assim, é basicamente isso: o homem conduz e a mulher interpreta. Há uma flexibilidade nisso, sabe? Hoje eu vejo que a dança de salão ela tende a ir para um caminho em que... É onde eu acho interessante, como qualquer coisa que tende ao equilíbrio, né? Os dois interagindo de uma maneira a acontecer um equilíbrio e não... Ele conduz tudo bem, mas ela também vai começar a dividir essa força de condução.

12. Como deve ser a dama ideal?

A dama ideal para a dança de salão é aquela que se dispõe a executar os passos que são direcionados para a mulher, que são diferentes dos passos dos homens. Se ela está disposta a desempenhar, a desenvolver aqueles movimentos que são para mulher, ela é a dama ideal, sabe? Ela, também, ela se predispõe também. Às vezes ela não quer. Não adianta ela vir, como acontece com muita gente de vir porque o médico mandou ou coisa assim. É meio forçado, então, eu acho que não funciona. A pessoa tem que vir mesmo porque ela gosta. E a mulher vai ter que fazer. Se ela, acontece em 90% dos casos, a mulher não deixa o homem conduzir, mas ela aprende com o tempo a esperar.

13. A dama pode intervir no processo de condução? Como? Em qual (is) situação (ões)? Ela intervém o tempo todo, né? A situação primeira que a mulher precisa ter a reação e intervir é ajudar em volta dele. Às vezes ele não está enxergando, ele está dançando ali, ele não enxerga quem vem atrás e vai trombar, ela conduz, né? Ela para ele com condução, com força. Ela vai ter que apertar a mão dele. Com a mão nas costas dele ela trava ele. Então, assim, ela acaba já... Sem ela não acontece isso e ele vai sair trombando e passando em um tanto de gente. Olhando por aí, ela já está conduzindo já. Antes, nem isso ela fazia. Antes, ele tinha que cuidar de tudo.

14. O que é ser homem?

Essa é mais fácil um pouco, eu acho. Eu acho que, antes de tudo, ser honesto, ser adaptativo também, porque o mundo está em uma transição e o tempo todo ele requer habilidades novas, ele requer desejos novos, sonhos novos.

15. Quais as funções/os papéis dos homens na sociedade?

Na sociedade o homem, na sociedade, ele ainda toma muita decisão, né? Tem pouca mulher hoje que assume cargos. Não é que têm poucas, é que têm mais homens, que tomam muitas decisões. Mas eu acho que ele tem que continuar, o homem tem que continuar tomando decisões, tem que continuar decidindo ainda e, na medida do possível, dividir com, se ele tiver uma parceira, ele dividir com a parceira para sair daquele papel machista. O homem machista hoje, na sociedade, ele não encaixa não. A função que ele tinha que era de prover e só prover e cuidar da família, mandar na família, dominar tudo. Esse homem ele não funciona mais hoje. Hoje ele não funciona. Hoje ele não consegue sobreviver. Ele tem que dar espaço para a esposa que vem aí, para a parceira e até mesmo para a colega de trabalho, que é uma mulher, por exemplo. Ele tem que dar espaço para ela, senão, não flui.

16. Como deve ser o homem ideal?

O homem ideal para a sociedade, hoje, é aquele que é honesto, acima de tudo, honesto, dedicado, dedicado para a família também, não só para o trabalho. Se eu conseguir fazer isso, eu acho que...

17. Os homens podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Podem. Homem pode. Não só pode como deve, também. Eu acho que é a busca do equilíbrio, né? Tanto ele quanto ela tem que haver diálogo. Os dois, eu acho que eles conseguem sim interagir. O homem pode muito bem chegar em casa e fazer as tarefas que a mulher fazia, por exemplo, lavar, passar, pode cozinhar e... ele pode. Assim, o que antigamente era de mulher pode ser de homem hoje e não tem problema.

18. O que significa ser cavalheiro?

Ser gentil primeiro. Ser educado, né? E ser honesto com ele mesmo e com a dama. No salão ele precisa, realmente, na dança de salão, ele precisa ter força de vontade, ter opinião, porque sem opinião ele não consegue, não tem com conduzir se não tem opinião. Ele precisa ter sonhos, metas e, muita das vezes, quando ele não tem, ele adquire quando está fazendo aula de dança.

19. Quais as funções/os papéis do cavalheiro na dança de salão?

Ele acaba que ele ainda, de maneira geral, ele ainda tem que prover, né? Ele é o provedor. Ele, quando está no salão, ele conduz, dá segurança, ele é o braço direito. Não que a mulher tem que andar atrás do homem, ela tem que estar do lado dele sempre. É isso, o homem tem que ser primeiro mesmo, eu acho, que honesto com ele mesmo e com ela e continuar sendo o provedor. Na dança de salão são algumas regras a ser seguidas e que, nesses anos de prática, eu já percebi, não porque eu sou homem, mas a dança de salão ela funciona bem com o homem conduzindo, até mesmo por instinto. E a mulher ela, talvez, num primeiro momento, não consiga se entregar, mas daí um tempo ela começa a sentir prazer e ela começa a sentir que está cuidada, né? Ele está cuidando dela! Ela tem essa sensação de ter um homem, porque

um homem que é protetor, que é cuidador, no fundo, no fundo, a mulher ela acaba com essa necessidade e, na dança de salão, o homem faz isso.

20. Quem pode ser cavalheiro?

Qualquer homem.

21. Quem não pode ser cavalheiro?

Ah, eu acho que todos podem, mesmo, por exemplo, nós temos um menino aqui que ele dança e ele faz aula com a gente e ele chegou e falou: oh, sou homossexual. Mesmo assim ele se sente bem conduzindo, ele não precisa fazer a parte da menina, entende? E não é porque convencionou-se que o homem que conduz e a mulher que... Não tem disso. Homem não faz de mulher para dançar, porque ele, realmente, se sente bem ao conduzir. A sexualidade ela emerge muito em vários momentos da dança de salão. O instinto, né? Esse instinto ele está sempre presente, mas, por incrível que pareça, com o passar do tempo, no mínimo, de acordo com as minhas experiências, que eu tenho observado, no mínimo três meses de aula para a pessoa sentir que realmente está dançando, porque com uma semana a pessoa dança, mas para ela sentir que realmente está dançando, fazendo algo de verdade, que é dançar, é no mínimo três meses. Com esse tempo a mulher já consegue se deixar levar e o homem consegue levar e aí, isso independente da opção sexual, o homem acaba querendo continuar desempenhando a função de... O cara que é, por exemplo, homossexual ele continua fazendo o papel de homem na dança de salão, que é conduzir. E não precisa vestir de menina para dançar, não precisa.

22. Como deve ser o cavalheiro ideal?

É o atencioso mesmo. O que conduz, o que provê, o que leva a menina pelo salão, que conduz ela, o que chama ela para dançar, que acaba a dança e ele leva ela até a mesa, que agradece. É isso aí.

23. O cavalheiro pode se deixar guiar pela dama? Em qual (is) situação (ões)?

Pode. Em algumas situações, sim. Tem um moço que fazia aula aqui, ele era deficiente visual. Ainda é, né? Mas ele dançava muito bem, dançava muito bem. Depois ele perdeu a visão e a maneira que ele se sentiu bem foi deixando ela levar ele no salão, principalmente, nos primeiros dez segundo, para ele sentir o espaço, ele saber o espaço. Depois ele começa a conduzir. Então, só em alguns casos. Em alguns momentos eu acho que há necessidade. E, também, quando o homem vai trombar, a menina pode segurar também.

24. Você acha que a relação entre mulheres e homens mudou ao longo da história da humanidade? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Houve muitas mudanças na relação homem e mulher. Mas ainda falta eu dizer no sentido do equilíbrio, né? A mulher buscando seus direitos nada mais é do que busca do equilíbrio. E os dois tendem a chegar nesse equilíbrio, sabe? Dividir tarefas, dividir funções é uma maneira de expressar isso.

25. Você acha que a relação entre dama e cavalheiro mudou ao longo da história da dança de salão? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

É como eu disse um pouco antes, ela vem evoluindo para um estágio que eu acho que a mulher também ela passa... ela já tem as suas funções predefinidas para executar como mulher, mas ela também passa a conduzir um pouco, sabe? Eu acho que é só essa a questão de conduzir, de levar. Mas eu penso que, por ser dança de salão, a mulher tem os passos dela, que ela não vai abrir mão também para o homem está executando. E o homem também, de repente, não abre a mão, também, para a mulher estar fazendo a parte dele. Eu acho que continua sendo igual, com certas flexibilidades em alguns momentos. Continua o homem conduzindo e a menina interpretando aquela condução.

26. Como você reagiria se uma dama te convidasse para dançar?

Isso, há uns dez anos atrás, aqui em Uberlândia, era considerado como se a mulher tivesse flertando o homem, quando ela chama ele para dançar. De lá para cá, eu e mais muitos professores aqui de Uberlândia, a gente vem, e de outras cidades também, a gente tem nossa

própria identidade e a gente vem se dedicando para poder acabar com isso, porque na dança de salão a mulher pode, perfeitamente, chamar o homem para dançar, às vezes, para não ganhar chá de cadeira. E nós divulgamos isso. Para não ganhar chá de cadeira, ficar só na cadeira sentada esperando alguém chamar, ela pode levantar e chamar o homem para dançar. Inclusive a gente pratica isso, né? A gente pratica. Tem prática. Oh, agora as mulheres é quem vão chamar o homem para dançar. Semana que vem tem um baile que chama o baile da Maria Cebola, por exemplo, em que a mulher chama o homem para dançar. Ele não vai chamar. É a mulher que vai chamar, justamente, para quebrar com isso, né? O homem chama, a mulher chama. E isso aí é natural. Quem está dentro da dança de salão, quem já tem um tempo que faz aula de dança de salão vai enxergar com bons olhos. Quem está de fora, normalmente são pessoas que chegam aqui na primeira semana, na segunda semana, e se a mulher chama ele para dançar ele vai confundir, vai pensar que ela está com segundas intenções. Para a dança de salão, perfeito, isso aí é natural, é muito natural, ninguém confunde.

27. Você acha que a dança de salão de Uberlândia está preparada para ceder espaço para outros modelos de casal que não o heterossexual?

Ainda não. Ainda não. Eu tenho algumas experiências. Um ano atrás, por exemplo, a gente foi fazer uma apresentação e, numa coreografia de tango, eu colocava, eu fiz a coreografia de maneira que dançavam homem com homem e mulher com mulher. Questão de oito segundos, alguma coisa assim, por exemplo. E a apresentação foi vaiada. A comunidade mesmo. Foi numa festa de uma igreja, mas era uma festa aberta ao público. Como se fosse essas barraquinhas que tem, essas quermesses que existem aí. Esses oito segundos foram suficientes para o povo, para a população vaiar, então, assim, a maior parte das pessoas em Uberlândia ainda não estão prontas para isso. Se você for à Buenos Aires, você vai encontrar casa de dança, chama-se Milonga o lugar onde as pessoas dançam a dança de salão lá. E você vai encontrar Milonga gay em que dança mulher com mulher e homem com homem e pessoas que vão e querem apenas dançar e, independente da opção sexual. Mas até mesmo em Buenos Aires tem os lugares para isso, né? Aqui em Uberlândia eu não, com essas experiências eu tenho observado muito, não tem espaço. As pessoas não vão aceitar. Eu acho que agora.

27.1. A pessoa homossexual é bem vinda à dança de salão de Uberlândia?

Na minha escola é. Então, assim, a pessoa... Só que há essa adaptação, por exemplo, já aconteceu de uma menina, por exemplo, a opção sexual ela falou: oh, eu quero fazer a parte de homem. A menina me chega e fala isso. É... Eu falei: vamos experimentar. Mas o próprio grupo, né? As outras meninas não querem dançar com ela e isso acontece naturalmente, ninguém falou nada, ninguém... Aí é a própria energia já começa a movimentar de maneira que ela faz a parte da mulher e acaba gostando, entende? Então, tem na companhia de dança a gente tem uma menina que ela realmente desempenha a parte de mulher e ela deixa bem claro: gente, eu gosto de mulheres, eu não gosto de homens. Não interfere. Ela é bailarina da mesma maneira com traços, né? Assim, sem nada para parecer homem.

27.2. Então, a pessoa homossexual está inserida na dança de salão de Uberlândia, mas o casal homossexual ainda não está?

Eu penso que, assim, isso é questão de tempo. A própria dança de salão ela dita as regras, né? Não é o professor. O professor ele pode fazer alguma interferência, mas a dança ela tem a movimentação dela, né? E eu penso que é questão de tempo. Daqui algum tempo, não sei quanto tempo é, mas não deve demorar. A gente já vê. Em baile você já vê que as pessoas são mais flexíveis de aceitar o homossexual, né? Ele vem, ele interage, ele brinca. Tanto homem quanto mulher interage, participa das brincadeiras. Ele dá aula, sabe? E as pessoas, a comunidade hoje, que procura a dança de salão, normalmente, são pessoas mais flexíveis já um pouquinho também. E quando chega, se ela não for flexível, ela passa a ser flexível. A própria dança ela torna a pessoa mais flexível. A dança, não só a dança de salão, qualquer outra dança, eu falo por experiências próprias, que eu mesmo sou muito mais flexível. Mas

também todas as pessoas que fizeram aula comigo, de dança, eu não estou falando de terapia, né? Se eu for partir para o lado da terapia, com certeza, já exerci muita coisa. Uma mudança muito grande no comportamento do ser humano. A dança é capaz de fazer muita coisa.

27.3. Você acha que a formação desse par de sexos opostos é estética? É tradicional? Pode ser rompido ou não pode?

Eu acho que tem mais a ver com a tradição e está ligada à parte cultural mesmo. Poderia ter sido, lá no início, mulher com mulher e homem com homem. O tango surgiu homem com homem, por exemplo. E não é porque era... não tinha conotação sexual não. Homem com homem dançava porque estava esperando nos bordéis e estava esperando, tocando um tango e ele esperando a vez dele. Aquele tanto de homem com umas poucas mulheres. Eles ficavam dançando até chegar a vez deles, de certa forma, transar, né? Mas, ao pé da letra, a dança de salão, quando ela surgiu mesmo, nos bailes tinha as valsas coreografadas, que o homem tinha o papel dele e a mulher tinha o papel dele para formar certas coreografias. Isso acaba sendo mais questão cultural mesmo. É que uma questão cultural que evoluiu para uma questão prazerosa. Hoje homem, não estou falando esse moço, que é homossexual, mas que sente prazer em dançar como homem e ele não deixa de ter a opção sexual dele. Mas a gente, a cada dia que passa, vê, no cenário da dança de salão, homens que falam: oh, eu sou homossexual. E vai assumindo a sua posição também e continua fazendo a parte de homem, né? Tem mais a ver com contexto cultural, com evolução cultural. E eu estou falando: há um prazer que se sente, que todo mundo sente ao dançar dança de salão e que se mudar, talvez, não tenha esse prazer. Talvez a pessoa não sinta o prazer que ela sente normalmente. A mulher dançando e o homem dançando, cada um com sua parte.

APÊNDICE N – Entrevista 11¹⁴

Nome fictício: João

Idade: 22

Nacionalidade: brasileiro

Naturalidade: Uberlândia

Sexo: masculino

Identidade de gênero: homem

Classe social segundo renda familiar: C

Identificação étnico-racial: branco

Escolaridade: Ensino Superior em Publicidade e Propaganda e em Relações Públicas

Profissão: professor

1. O que é a dança?

Para mim, acho que dança tem a ver mais que movimentar. Acho que muita gente acha que é movimentar. Eu acho que a dança é você conseguir transmitir, por meio de movimentos, alguma coisa que você estiver sentindo. Eu acho que isso é dança. Tem gente que dança por dançar. Eu acho que vai muito além da música, vai muito além de movimentação, vai muito além do parceiro. Eu acho que tem a ver com sentimento. Quando você começa a dar aula há muito tempo você, justamente, vê isso. Se você não estiver bem, você não dança bem. Se você não estiver feliz sua dança fica triste. Se o aluno não estiver feliz, ele não vai dançar bem. Então, eu acho que a dança ela é uma forma de dar vida, de dar movimento ao que você está sentido, ao sentimento. Dar vida e movimento à música. Dar vida e dar movimento à interação que você está dentro. Então, eu acho que é isso: movimentação do sentimento.

2. O que é a dança de salão?

Eu acho que a dança de salão ela já vai, para mim, ela vai um pouco além, porque não é simplesmente o seu sentimento, você tem que dar conta do sentimento da pessoa que você está dançando. Então, eu acho que a dança de salão ela ensina muito a respeitar o próximo, a gostar do próximo, a entender com quem que você está dançando. Então, eu acho que é uma interação muito grande, é um respeito muito grande, pelo menos, ele deveria existir. Eu acho que a dança de salão é isso. Resumindo, ela é para transmitir o seu sentimento e o de outra pessoa de uma maneira única, assim, sabe? Porque o movimento não é de um só, é um movimento dos dois, então, é um momento em que o sentimento dos dois eles se encontram e aí você faz e dança junto. Eu acho que a dança de salão é isso.

3. Desde quando pratica essa modalidade de dança?

Desde 2006/2007.

4. Por que escolheu a dança de salão?

Eu sempre gostei de dançar. Gostei não, eu sempre admirei. Nunca dancei na minha vida. Antes da dança de salão eu não fazia dança nenhuma. Nem em boate dançar sozinho eu dançava. Só que eu sempre fui muito tímido. Então, eu escolhi a dança de salão porque eu sempre achei bonito, sempre achei lindo e maravilhoso, mas eu nunca comecei, porque eu sempre tinha uma barreira. Ai, é caro demais! Ai, eu sou muito novo para isso! Não dá tempo, eu tenho que estudar, não sei o que. E um dia eu cai dentro de uma aula e adorei. E aí, nunca fui aluno, eu já entrei como bolsista de uma academia e lá eu fiquei durante... sempre. Só que eu sai de lá porque eu comecei, justamente, a sentir necessidade... Eu comecei a aprender coisas de fora e tudo mais. E a metodologia dela já não foi me agradando tanto. Mas eu vim abrir meu lugar, minha metodologia. Mas eu escolhi a dança por isso. Ela me ajudou muito. Foi o momento da minha vida que eu trabalhei muito. Trabalhava e estudava. Não tinha tanto conhecimento, era novo, estava acabando de entrar na faculdade, morria de vergonha de tudo

¹⁴ Entrevista realizada no dia 19 de março de 2013 com duração de 33 minutos e 33 segundos.

e a dança me ajudou nisso, sabe? A conhecer gente nova, a conversar. Eu nunca na minha vida teria a profissão que eu tenho hoje: professor.

5. O que é ser mulher?

Mulher, eu acho que, assim, eu acabo que eu levo muito para o lado da dança, porque eu conheço muita mulher por causa da dança. Mas a dança ela me dá possibilidade de conhecer vários estilos de mulher. Como a mulher se sente? Como a mulher... Eu vejo tantas mulheres diferentes chegando aqui para dançar. Cada uma com um problema, cada uma de um jeito. Então, eu acho, assim, mulher é... Eu não diria nem que é um ser frágil demais. Eu acho que mulher é um ser esperto, inteligente, delicado, é uma pessoa que entende mais as coisas mais sentimentais e gosta de ser bonita, gosta da beleza. Por outro lado é uma pessoa, um ser mais competitivo, é uma pessoa que... mais observadora, que gosta das coisas mais certas, mais corretas. Eu acho. Eu vejo muito isso em relação às mulheres e aos homens que eu convivo o tempo todo, né? Mas eu acho que a coisa mais marcante na mulher é a questão da competitividade, da comparação, da observação e de gostar de se sentir bem, porque homem não tem muito isso. Homem ele põe a roupa que for, põe o tênis que for, vai para o lugar do jeito que tiver e a mulher não. Todas as mulheres que eu conheço, mesmo aquela que é menos vaidosa, ela não deixa de pôr uma coisa no cabelo, um brinco, passar um batom e ir em algum lugar. Talvez não é nem por ela, mas é porque ela sabe que a outra mulher vai olhar para ela.

6. Quais as funções/os papéis das mulheres na sociedade?

Eu acho que hoje o papel da mulher mudou muito na sociedade, né? Eu acho que ela conquistou um espaço muito maior. Antigamente ela não tinha espaço nenhum, não tinha direito à nada, não tinha voz nenhuma. Eu acho que hoje o papel da mulher na sociedade não é nem mais de sustentar o homem, porque antes era de sustentar o homem, de sustentar no sentido de satisfazer o homem, digamos assim, estar por trás dele. Eu acho que hoje o papel da mulher na sociedade ela está muito equiparada ao do homem. Ela tem o papel de produzir, de lucrar, de crescer na vida. Eu acho que por causa da globalização, da tecnologia, de que o mundo cobra cada vez mais, a mulher e o homem eles começaram a ter um papel muito igual na sociedade, que é o de lucrar, de crescer, de ter uma família se der, de se dar bem na vida e... Mas a mulher sempre faz isso de uma maneira diferente e eu acho que é por isso que ela está conquistando tanto espaço, porque ela faz tudo que o homem faz, mas de um jeito delicado, de um jeito, assim, mais tranquilo, mais sereno.

7. As mulheres podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Com certeza! Eu acho que hoje a mulher a cada vez ela surpreende mais. Se a gente for pensar: cem anos atrás o que a mulher fazia? Hoje não é nada que era esperado antigamente. Então, ela já faz o que não é esperado. Por que ela não pode cada vez mais?

8. Como deve ser a mulher ideal?

Para mim... Eu sou uma pessoa que tenho a mente muito aberta, então, para mim não existe um ideal. Não sei se vai te ajudar essa resposta. Mas para mim não existe uma pessoa ideal, uma mulher ideal, porque, justamente por dar aula e por conversar muito com meus alunos, eu cheguei a essa conclusão, sabe? O ideal vem de onde você está, vem da cultura que você foi criado, vem da cidade, do país que você nasceu, vem da sua família. Esse vai ser o seu ideal. Na minha família, que é uma família conservadora, o ideal é que seja uma mulher que vai trabalhar, que vá sustentar, que vai ter uma casa com uma vida boa, que vai lucrar em uma empresa, que vai crescer, que vai ter tudo isso como o homem tem. Mas, ao mesmo tempo, ela vai ser dona de casa, ela vai lavar, ela vai passar, ela vai ter filho, ela vai ter tudo isso. Mas isso é a minha família. Para mim o ideal hoje é que a mulher como o homem sejam felizes. Eu acho, assim, que hoje a pessoa tem que buscar a felicidade e aí vai depender da cultura dela, da vida dela, das possibilidades que ela teve, como que ela chegou aquilo. Eu não consigo te dizer, exatamente, como é uma mulher ideal. Para mim, com o meu pensamento, que hoje não é tão mais influenciado pela minha família, eu acho que a mulher ideal é aquela mulher que é

independente, que tem as suas coisas, que consegue sobreviver sozinha, que tem a sua casa, porque é o que elas buscaram, o que a mulher sempre quis. Como qualquer outro homem, ela tem tudo isso, só que não perde a feminilidade, porque eu acho que a mulher, se ela tem tudo que o homem tem e perde a feminilidade, ela passa a ser homem só que ela está usando uma calcinha e um sutiã, tem peito. E daí? Ela não tem feminilidade, não arruma o cabelo nem nada... Tanto que com as minhas alunas eu falo o tempo inteiro: gente, vamos lá, vocês são femininas. Porque as mulheres hoje estão vendendo isso. Elas estão começando a ser tão iguais, em funções, aos homens que elas estão perdendo, elas estão virando homens. Tem mulher que anda de perna aberta parecendo que tem um saco.

9. O que significa ser dama?

Ser dama significa ser paciente, significa não ser ansiosa, significa ser compreensiva e significa ser bonita, bela, maravilhosa, gostosa. Vai depender da dança e do ritmo que você está dançando. Acho que o primordial para uma dama para ser uma dama, é... é você buscar, pelo menos, porque nem todas conseguem, é você buscar ser calma, ser tranquila e buscar entender o que a outra pessoa está pedindo, sabe? Ter menos ansiedade. Por isso que é tão difícil ser dama, porque, justamente, pela questão social. A mulher está tendo que tomar decisões cada vez tão altas, tão difíceis que elas esquecem que elas também podem ter mais tranquilidade. E na hora que o cavalheiro tem que conduzir ela começa a ficar assim: meu Deus! Como é que é isso? Eu não dou conta, não acostumei antes.

10. Quais as funções/os papéis da dama na dança de salão?

Eu acho que é isso que eu falei agora, né? Eu acho que na dança, em geral, não muda muito. É claro que uma dança vai depender muito do ritmo, né? No balé a mulher é muito mais... Como que eu digo? Muito mais feminina, muito mais... Eu acho que na dança de salão ela acrescenta que a mulher tem que ser um pouco mais submissa para ela conseguir aceitar o que o cavalheiro está pedindo, porque têm damas que querem mandar mesmo e aí elas não aceitam o que eles estão pedindo e elas querem fazer do jeito delas e não vai dar certo, porque para dar certo ele tem que propor e ela tem que ir na onda dele. Mas não é um submisso eterno. Existem ritmos, por isso que a dança de salão não pode ser tão globalizada, tão geral, porque existem ritmos que a mulher ela propõe muitas coisas assim como o homem. Mas ela ainda tem que ser submissa para ser conduzida.

11. Quem pode ser dama?

Qualquer pessoa pode ser dama. Eu mesmo danço de dama.

12. Quem não pode ser dama?

Eu acho que não existe uma pessoa que não possa ser dama. Eu acho que qualquer um pode ser dama. E, se qualquer um pode ser, não tem alguém que não possa. É lógico que qualquer um que se proponha a querer entender e ser submisso às ordens de outra pessoa e, mesmo assim, ser gracioso. Um homem pode fazer de dama? Pode. Mas ele não vai ter a graciosidade da mulher em questão, justamente, em questão física, porque ele não nasceu com as curvas da mulher, com o charme que ela tem, né? Existem homens, hoje, heterossexuais, travestis, que são mais lindos que muitas mulheres. Aí, no caso deles a gente não vai saber.

13. Como deve ser a dama ideal?

Eu acho que a dama ideal tem que ser aquela que respeita o cavalheiro, mas que impõe respeito. Que ela, ao mesmo tempo em que ela tem todos esses fatores que eu te falei antes, que ela submissa, que ela é atenta, que ela é atenciosa, que ela é atenta, que ela não é ansiosa, é... ela impõe respeito, porque se a mulher ela é submissa demais, se ela só faz o que ele pede, perde a graça. O cavalheiro ele quer uma mulher que, também, se imponha de vez em quando, sabe? Que fale: ah, você está me pedindo isto, mas eu não quero fazer desse jeito. Eu vou até fazer o que você quer, mas no final eu vou dar uma mudadinha, porque vai me deixar mais bonita. A mulher, e eu digo isto para todos os meus alunos, antes dela pensar no cavalheiro, ela tem que pensar nela. Antes dela entender uma condução, ela tem que pensar nela. O

cavalheiro está pedindo para ela ir para o chão, mas ela sabe que se ela for ela vai cair, ela não vai.

14. A dama pode intervir no processo de condução? Como? Em qual (is) situação (ões)?
 Pode. Por exemplo, existem cavalheiros que eles perdem a noção. A dança ela tem um preparo. A dança de salão ela tem... o maior prejuízo que ela causa para as pessoas... é difícil dizer isso, você acha mais benefício, benefício, benefício... é a socialização, alivia o estresse, faz exercício físico, escuta música, conversa, ri. Mas a dança de salão ela mexe com o ego das pessoas e isso é o que mais estraga as pessoas na dança de salão, porque a pessoa começa a se achar maravilhosa, começa a se achar boa, começa a achar que ela é ótima e aí ela começa a perder e aí quando o cavalheiro ele começa a ter essa atitude ele começa a achar que a dama é um simples acessório, que ela é um boneco, que ela deve fazer tudo que ele quiser. E aí a dama ela tem que olhar para aquilo e falar: opa, eu não sou um brinquedo para esse homem. Se ele está achando que ele pode me conduzir a hora que ele quiser, eu não vou aceitar. Entendeu? O cavalheiro no zouk, uma dança que ela tem que jogar a cabeça para muitos lados, que ela tem que fazer os cambrés, que são os movimentos que ela tem que deixar o corpo cair lá pra trás, se a dama não tiver confiança ela não vai fazer. Então, é meio um cortejo do cavalheiro. Para ele conseguir que a dama se entregue ele tem que dançar muito tempo, tem que conhecer ela, tem que ser humilde para chegar. A gente vê isso na vida animal. Se o cavalheiro não for de jeito, ir lá e fazer tudo o que a dama quer, ela não vai se entregar. Então, assim, os homens hoje acham que as mulheres vão correr atrás deles para dançar. Não é assim. Aí a mulher começa a perder o prazer. E, a gente tem que ir lembrando o mundo animal. A dama está ali. Se você quer alguma coisa, você que tem que fazer ela te querer e não o contrário. E aí o cavalheiro começa a pedir coisas que a dama talvez não vai fazer. Cada uma tem uma anatomia, cada uma tem um corpo.

14.1. Então a dama impõe certos limites?
 Certos limites. E isso influencia em certas conduções, né?

15. O que é ser homem?
 Eu acho que o homem ele tem uma carga assim: o homem não chora, o homem trabalha muito, o homem sustenta a família, o homem é obrigado a cuidar de todo mundo, ele tem que ter os maiores cargos nas empresas, tem que ter o maior salário. Eu acho que isso é o que a sociedade diz, né? Agora, a minha opinião do que é ser homem está muito equiparada ao que é ser mulher. Eu pelo menos sou homem, mas eu tenho meu lado feminino também, porque eu acho que todo mundo tem que ter. O problema das mulheres é que cada vez o lado masculino delas está mais aguçado e os homens nem tanto, porque a sociedade ainda fala que homem que é feminino demais é gay, bicha, veado, boiola e não pode, é pecado. Eu, por causa da dança de salão, eu tenho um lado feminino, entendo muito as mulheres, converso muito com elas. E eu acho que, para mim, ser homem é ser educado, é ser legal, é cuidar de uma outra pessoa, é trabalhar também, visar lucro em empresas, ter a sua vida profissional bem feita assim como a das mulheres. Mas eu acho que a diferença primordial do homem com a mulher é que o homem ele ainda leva um cargo maior em relação à vida financeira, em relação à sustentar uma família. Enquanto para mulher ela propõe assim: não, se você não ganha bem, não tem problema, você vai cuidar dos seus filhos mesmo para que você vai pensar em ganhar bem. O homem ele já não vê isso. Se o homem chegar e falar assim hoje: ah, eu sou dono de casa, a minha mulher me sustenta. Ele é vagabundo, né?

16. Como deve ser o homem ideal?
 Eu acho, assim, é a mesma história que eu falei da mulher, da família, da cultura de onde você vive. Tanto que eu sei que um amigo meu, ele é homossexual, foi para a França e lá ele conseguiu se libertar, assim, dizer para todos que era gay, tranquilamente, porque lá não existe tanto preconceito, a cultura é diferenciada. Mas, para mim, o homem ideal, hoje, o que o mundo pede, porque o mundo vai pedindo, as pessoas é que não sabem enxergar porque elas

querem viver num mundo que não existe mais. A cada ano as coisas mudam completamente e essas pessoas não percebem e elas querem viver com concepções de um mundo que não existe mais. Então, assim, para mim hoje, 2013, dia 19 de março, o mundo pede um homem mais compreensivo, um homem que não viva só para o trabalho, um homem que busque ser mais gentil, um homem que tenha cuidado com a natureza assim como a mulher, são papéis dos dois. Agora, dentro de casa o homem não é obrigado a ser o que sustenta mais, ele não é mais obrigado a trabalhar, morrer de trabalhar e dar tudo de bom para a mulher, porque a mulher está ali, justamente, para ajudar e não só para ser submissa e fazer tudo o que ele quiser. O homem hoje ele tem que ser compreensivo e eu acho que ele não é. Ele tem que entender que se a mulher trabalhou o dia inteiro ele pode muito bem cuidar dos filhos e limpar o chão da casa. Eu acho que a maior coisa que o homem precisa hoje é de ser mais compreensivo.

17. Os homens podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente? Com certeza.

18. O que significa ser cavalheiro?

Ser cavalheiro eu acho que já é mais ou menos o que é ser o homem ideal, porque o cavalheiro ele tem que ser um homem firme, ele tem que ser um homem educado, ele tem que ser um homem gentil, ele tem que ser um homem muito compreensivo para você não fazer uma coisa que sua dama não consiga. Então, assim, eu acho que o homem ideal ele é o cavalheiro. Por isso que é tão difícil ser cavalheiro. Dama é mais fácil de ser. O cavalheiro é mais difícil, porque ele tem que ser prestativo, ele tem que prestar muita atenção onde ele está dançando e com quem ele está dançando.

19. Quais as funções/os papéis do cavalheiro na dança de salão?

A primeira coisa é cuidar da dama. Mas, da mesma maneira que eu disse que a dama tem que pensar nela primeiro, o homem tem que pensar nele primeiro, porque, para mim, se uma pessoa não está bem, ela não tem como cuidar de outra. E a mulher quando ela dança ela também cuida do homem, né? Ela está vendo que alguém está batendo nele ali atrás, ela vai cuidar dele. Então, assim, eu acho que o papel do cavalheiro é ser prestativo, principalmente. É conseguir entender a mulher, por isso de ser tão compreensivo. E, ao mesmo tempo, não ser feminino demais, porque a dança ela divide muito. O homem tem que ter masculinidade e a mulher feminilidade. Apesar de que algumas danças, principalmente as europeias. Nas danças de salão europeias a masculinidade ela não é utilizada, o homem é feminino e a mulher é extremamente feminina. Já nas danças latinas o homem é extremamente masculino e a mulher é masculina também. Mas é uma masculinidade que eu acho que a mulher quando ela tem muita masculinidade ela passa de ser uma donzela e começa a ser a gostosa, a sensual. Eu acho que o excesso de masculinidade da mulher começa, na dança de salão, cria uma mulher sensual e o excesso de feminilidade cria uma mulher frágil, doce, princesa e donzela.

20. Quem pode ser cavalheiro?

Qualquer pessoa pode ser cavalheiro, do mesmo modo que dama. Eu acho que ser dama é mais fácil. Como eu te falei, ser cavalheiro é mais complicado.

21. Quem não pode ser cavalheiro?

Ainda acho que qualquer pessoa pode ser cavalheiro, do mesmo modo que não teria como nenhum ser, né?

22. Como deve ser o cavalheiro ideal?

O cavalheiro ideal... Eu acho que o cavalheiro ideal ele não vai existir nunca, porque o cavalheiro ideal, como eu já te disse, né? Cavalheiro. Cavalheiro é quem? Uma pessoa gentil, uma pessoa compreensiva, uma pessoa meiga, uma pessoa que entende o que a mulher quer. Isso é um cavalheiro, né? E, no fundo, eu acho que este homem nunca vai existir, esse cavalheiro ideal, porque ele sempre vai ter uma influência, sempre vai ter uma influência. Então, eu acho que o cavalheiro ideal tem que ser uma pessoa que foi criada... Não adianta, porque ao mesmo tempo, assim... Pesa sobre ele, porque, por exemplo, eu te falei que nas

danças europeias o homem é mais afeminado e se você colocar um cavalheiro brasileiro para dançar a dança europeia eles vão que ele é gay. Aí ele vai pensar o que? Porque ele tem a sociedade na cabeça e ele vai falar assim: então eu não vou dançar isso desse jeito, eu vou colocar um pouco mais de masculinidade para ninguém falar de mim. Então, ele já não é ideal. Se você pega o europeu para dançar dança latina, ele vai vim tão feminino e aí na hora de colocar masculinidade ele não vai conseguir. Aí ele vai se frustrar também, porque a sociedade dele vai falar dele. Então aí não adianta também falar assim: então, vamos criar um homem dentro de uma sala e ele não vai ter contato com ninguém. Aí a sociedade não vai influenciar, porém, ele não vai ter a malícia necessária para dançar, porque o homem para dançar a dança latina ele precisa ter uma malícia, ele precisa conhecer mulheres, não conhecer de pegar todas, mas mesmo que seja ver um filme, sair, andar, ver mulheres, ter a sensibilidade que se ele for criado só numa sala ele não vai ter. Então, se ele for criado com a sociedade, ele perde num ponto e se ele for criado sem a sociedade, ele perde em outro. Então não existe esse cavalheiro ideal para mim.

23. O cavalheiro pode se deixar guiar pela dama? Em qual (is) situação (ões)?

Pode. Não no sentido da dama conduzir. A dama nunca conduz, porque se ela conduz ela assume o papel do cavalheiro. O papel principal do cavalheiro é conduzir a dança, é guiar a dança, mas aí com todos os aspectos que ele tem ele consegue guiar de uma maneira que a dama vai se sentir linda, maravilhosa e feliz e vai gostar de dançar muito com ele. Mas eu acho que ele não pode se deixar guiar pela dama, porque... por que? (1) porque ele vai perder o papel dele e (2) porque a dama ela não deve se preocupar com isso, ela deve se preocupar, justamente, em ser linda, maravilhosa, entender ele, então, ela não tem nem que ter essa preocupação.

24. Você acha que a relação entre mulheres e homens mudou ao longo da história da humanidade? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Com certeza, né? Para a mulher ter o espaço que ela tem hoje, ela teve que mudar a relação com o homem. Antigamente, talvez... Eu acho, para mim, hoje as mulheres são mais carinhosas com os homens do que antes, porque antes ela era obrigada a ser carinhosa e quando você é obrigado a alguma coisa, você não faz de coração. Hoje quando a mulher fica com um homem, quando ela casa, quando ela namora, ela quer aquilo, não foi o homem que escolheu ela e pediu para o pai e ela foi obrigada. Então, eu acho que hoje a relação dos dois é uma relação muito mais amigável, sabe? Antigamente era uma coisa imposta, tem que ser esse homem, tem que ser essa mulher. O pai e a mãe escolheram e pronto. E depois se der certo, deu. Se não der vai ter que dar. Agora, hoje não, eles têm uma relação mais amigável, mais companheirismo. Existem muito mais problemas por que? Porque cada um ainda tem um sentimento interno diferente. A mulher é muito competitiva. Do mesmo modo, o homem nunca vai aceitar a mulher ganhar mais que ele. Mas ela está ganhando muito espaço e aí vai dando aquelas briguinhas. Mas, no fundo, eu acho que eles são mais cúmplices um do outro do que antigamente.

25. Você acha que a relação entre dama e cavalheiro mudou ao longo da história da dança de salão? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Eu acho que ela mudou, porque a dança de salão ela muda também. A dança de salão ela muda, porque a dança de salão ela não se sustenta sozinha, ela precisa de música, ela precisa de espaço, ela precisa de lugar, de espaço para dançar, ela precisa de figurino, ela precisa de tudo isso. Então, como todo esse contorno da dança vai se modificando, ela modifica também. As músicas de zouk que eram dançadas há cinco anos atrás não são as mesmas de hoje, não têm as mesmas letras, então, a dança foi e mudou também, porque ela quer se adaptar, ela quer ser legal. As pessoas que dançavam antes não são as mesmas de hoje, as de hoje são mais jovens, independente do ritmo, ou não. E aí as pessoas de antes elas tinham tal influência da sociedade e hoje elas têm outra, então, elas vem com a dança procurando uma outra coisa.

E aí a dança tem que se adaptar porque senão ela morre. E eu falei isso numa aula esses dias: gente, tudo para não morrer tem que se adaptar. Por que ninguém mais fala latim? Porque a língua não se adaptou, ela parou de ser usada. Por que o português tem reforma ortográfica de tanto em tanto tempo? Porque as pessoas modificam, a cultura modifica, o sotaque modifica, então, vão criando coisas novas e na dança foi isso. O zouk ele criou de onde? Da lambada. Chegou um ponto que ninguém queria mais lambada e iniciou o zouk. Então, mudou.

26. Como você reage quando uma dama te convida para dançar?

Eu, particularmente, por ser professor, eu gosto muito. E isso acontece muito. Eu vou num baile de dança e não sento, eu danço uma música atrás da outra da hora que eu chego até a hora que eu vou embora. Eu brinco com os outros quando falam: qual mesa que você vai ficar? Nenhuma. Eu não fico em mesa nem levo coisas. Eu levo uma carteira, ponho na bolsa de alguém que estiver comigo e pronto. Eu nem sei qual é a mesa. Tanto que quando eu não quero dançar eu entro dentro do banheiro, fecho a porta, respiro, lavo o rosto, troco de roupa e volto. E eu me sinto muito feliz e ensino todas minhas damas a chamarem. Eu falo: gente, se na vida vocês tomam decisões tão fortes, vocês não podem levantar de uma mesa e chamar um homem para dançar? Porque aí ela chega em mim e fala: ai, ninguém me chama para dançar! Eu falei: e daí? Se você ficar na mesa lá, toda triste, querendo que alguém te chama, ninguém vai chamar. Eles vão olhar e falar: olha lá que mulher ruim, que mulher chata, triste, cara feia. Ninguém vai chamar. Eu acho normal e aceitável uma dama chamar um homem para dançar.

27. Você acha que a dança de salão de Uberlândia está preparada para ceder espaço para outros modelos de casal que não o heterossexual?

Não está preparada. Não está preparada, porque as outras academias de Uberlândia são muito preconceituosas com a própria dança, entendeu? Eles não dizem nada. Eu convivi com todas as academias já, pelo menos, com 90% das principais. Dizem que são quinze. Se bobiar eu conheço as quinze. Se não conheço a academia em si, conheço o dono da academia e eles me conhecem. Então, assim, são pessoas de cabeça muito fechada. Eles nunca que aceitariam dois homens dançando. Eu tenho uma amiga minha que quer vim fazer aula, pagar aula para fazer de cavalheiro, porque ela quer aprender. Eu falei: ok, você pode vir. Mas tem outro ponto. Talvez a questão não seja só os professores, os alunos. Para você deixar isso acontecer você tem que... Você pode estar bem, mas existem todos os alunos que estão na sala, que vão ter que conviver com aquilo e, com certeza, não vão gostar. Entendeu? Tanto que essa aluna minha, quando ela falou que queria dançar de cavalheiro, eu falei: olha, você até poderia, não vou liberar, porque você vai ter que dançar com as alunas e elas não vão gostar, porque quando elas dançam com a professora elas já não gostam. Agora, se você quiser fazer uma aula particular, sem problemas nenhum, eu te ensino de cavalheiro. Né? Então, assim, não foi por eu não querer, eu falei para ela muito bem: daria para você tranquilamente, mas, porque você vai ter que dançar com essas alunas, não vai dar.

27.1. Você acha que a recepção do grupo é mais difícil?

Do grupo. Talvez o professor...

27.2. Então o preconceito é mais social do que da dança de salão em si?

A dança também, porque a dança foi feita para ter um homem e uma mulher, né? É o que eu te falo: o próprio contexto da dança é preconceituoso.

27.3. Você acha que a formação do casal de sexos opostos pode ser rompida?

Eu acho que pode ser rompido. Existem coreografias de tango magníficas, que são dois homens dançando. E eu, pelo menos, já ia montar uma dessas um dia atrás. Não deu para montar por causa de falta de tempo. Mas todo mundo assiste, aplaude, são plateias gigantes para assistir, mas eles sabem que são duas pessoas que estão dançando e nem homossexuais são, são irmãos. Eles sabem que isso aqui é simplesmente uma coisa ali que está acontecendo. Agora eu acho que se um dia eles forem para um baile e acharem dois homens dançando, eles

vão achar estranho. Tanto que hoje aqui em Uberlândia a gente vê duas mulheres dançando, geralmente, porque sobra muita mulher dançando. Aí tem duas dançando eles olham e falam: aí, que ridículo! Para que elas estão fazendo isso. Já vem o showzinho delas. Mas isso porque elas também não são lésbicas, elas estão dançando realmente para aparecer, essas coisas. A gente olha, mas a gente nunca teve que conviver com esse quadro. Mas eu acho que a dança não permite justamente por que? Porque existem movimentos que a mulher tem que ser muito delicada e aí vai aquele homem que ele pode nascer... existem homens delicadíssimos, mas ele é homem, ele é homem no sentido, assim, fisicamente, né? Ele pode ter um movimento delicado. Eu consigo fazer muitos movimentos que as meninas falam: o seu está melhor que o meu. É porque eu treinei. Mas eu não vou sair dançando por aí, porque eu acho que não convém. Eu tenho barba, né? Não vai ficar bom. Agora, nada me impediria se viesse um transexual, que é uma mulher, tem um cabelão, tem peito, bunda, tirou tudo, tem curva. Aí sim, ele fazendo não tem problema nenhum para mim. Talvez eles aceitem. Eu acho que a questão física no homem fazendo movimento de mulher vai ficar... Não é que não é aceito, é porque fica feio. Fica feio! Esteticamente é feio, é feio. O movimento não sairia tão bonito como mulher fazendo, entendeu? Eu acho que por isso que não é tão aceito. Agora se o homem estivesse vestido de mulher, com cabelo, peito, curvas, o movimento sairia bonito. Ninguém ia saber que ele era... mesmo sabendo ia ficar bonito.

APÊNDICE O – Entrevista 12¹⁵

Nome fictício: Paulo

Idade: 38

Nacionalidade: brasileiro

Naturalidade: Uberlândia

Sexo: masculino

Identidade de gênero: homem

Classe social segundo renda familiar: C

Identificação étnico-racial: negro

Escolaridade: Ensino Superior em Educação Física

Profissão: professor de dança de salão e educador físico

1. O que é a dança?

Assim, a dança é uma atividade que transmite para as pessoas que a realizam... Pode ser feita como uma atividade física, como uma atividade de lazer, uma atividade de recuperação. E a dança em si, que é você aprender os vários estilos de dança que existem, forró, bolero, samba, soltinho. Isto eu estou falando dentro da dança que eu trabalho, que é a dança de salão.

2. O que é a dança de salão?

A dança de salão, de uma maneira específica, é o ato da pessoa movimentar-se a dois, de casais, por isso que ela é chamada de dança de salão. É aquela atividade que você faz com um parceiro e são dançadas nos diversos salões que existem, salões de gafieira, de forró, de bolero. Então, gira em torno desse mundo.

3. Desde quando pratica essa modalidade de dança?

Eu já tenho a dança de salão têm 11 anos.

4. Por que escolheu a dança de salão?

Assim, eu trabalhava com axé. Aí uma academia me convidou para participar do grupo deles. Então, eu comecei a trabalhar com dança de salão lá, como bolsista, aluno bolsista, e integrante do grupo da academia. Aí, com os aprendizados que eu tive lá, cursos, as atividades que eu fazia lá dentro, eu comecei a desenvolver o trabalho da dança de salão em uma entidade que eu dava aula. Então, eu trabalhava lá com educação física, eu fazia uma parte de trabalho de artesanato e inseri a dança de salão. Mas eu era professor. Comecei a trabalhar axé. Então, desse trabalho dentro da academia eu busquei a formação para ser professor de dança de salão.

5. O que é ser mulher?

Ser mulher para a sociedade, para encurtar, porque é muito amplo o que é ser mulher, então, assim, mulher é ser aquela pessoa, como que eu vou dizer assim para você, aquela pessoa que cuida das coisas, que cuida da família, que tem que ter responsabilidade com o trabalho, que tem que ter responsabilidade com as coisas que cerca ela. Então, mulher hoje em dia, se a gente for resumir numa palavra, hoje em dia, no tempo de hoje, mulher é compromisso.

6. Quais as funções/os papéis das mulheres na sociedade?

Uai, hoje em dia ela está inserida em tudo. Se você for parar para analisar, ela está inserida em todas as áreas de trabalho. Só que ela cumpre jornada dupla de estar envolvida com a profissão e também cuidar das responsabilidades de casa.

7. Como deve ser a mulher ideal?

Nossa! Essa pergunta é complicada! Mulher ideal se resume numa coisa: a mulher ideal é a mulher companheira, a mulher que cuida da família, hoje em dia é a que tem a profissão, que corre atrás de uma profissão, então, é inserida dentro desse espaço. Então, assim, o que seria a mulher ideal está dentro desses papéis, desenvolve esses papéis, essas funções. Profissão,

¹⁵ Entrevista realizada no dia 03 de abril de 2013 com duração de 22 minutos e 43 segundos.

dona de lar, companheira e que ajuda na formação, em si, dos filhos, parentes, porque tudo está envolvido assim.

8. As mulheres podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente? Depende do que seriam esses papéis. Hoje em dia não tem como fugir dessa realidade. Hoje em dia não tem como fugir dessa realidade, porque hoje em dia está muito aberto, os campos estão muito amplos, então, não tem como a mulher não estar inserida dentro de uma profissão, porque, por exemplo, antigamente a mulher ela não... a prioridade dela não era escola, era aprender a bordar, aprender a cuidar de casa, ser uma boa esposa. Hoje em dia já não existe isso mais. Então, qual é a função da mulher? É preocupar com o estudo, com a profissão. É ter independência. Hoje em dia as mulheres são criadas muito para serem independentes. Elas não são criadas para ser dependentes. Elas são criadas para serem independentes, então, elas têm que buscar uma formação, têm que buscar um trabalho, um estudo, uma faculdade para estar inserida, igual a gente falou, dentro dos processos de trabalho, ou, seja um trabalho braçal, seja um trabalho de arte. Então, de qualquer forma ela está inserida de alguma forma no mercado de trabalho. Hoje em dia se você for perguntar a mulher, a última coisa que ela responde para você é: eu queria ser dona de casa.

9. O que significa ser dama?

Aí, na dança de salão, já é mais complicado. Na dança de salão a mulher ela é passiva. Na dança de salão a mulher não tem vontade. É o único lugar que você vai chegar e mulher não tem vontade.

10. Quais as funções/os papéis da dama na dança de salão?

Mas qual que é o papel dele dentro da dança de salão? Ser graciosa, envolver, ter postura, envolvimento. Mas o que depende dela são esses fatores, porque aí a questão da condução já é do cavalheiro.

11. Quem pode ser dama?

Qualquer mulher que está disposta a aprender a dança de salão, porque a dança de salão o que ela ensina para a mulher? Igual eu te falei, é ter postura, elegância. Você entendeu? A dança de salão ajuda muito nessa questão para as mulheres. A questão de fazer uma caminhada, de fazer um movimento de braço, um movimento de cabeça, a questão de olhar, entendeu? Ter postura de corpo, ter o corpo elegante. Então, a dança de salão traz isso para a mulher, traz essa elegância. Você vê uma mulher dançando bolero, você vê uma mulher dançando tango, você já vê que é uma mulher que chama atenção por causa da elegância.

12. Quem não pode ser dama?

Quem não quiser se comprometer com a dança de salão, porque se você não tiver comprometimento com a dança de salão, com o que você tem que ser dentro dela como dama, não adianta você fazer.

12.1. Um homem pode ser dama?

No papel de aprendiz pode.

13. Como deve ser a dama ideal?

Aquela que segue os padrões da dança de salão: elegância no vestir, elegância no andar, aceita a condução, tem envolvimento, tem expressão corporal. Então, essas qualidades são necessárias dentro da dança de salão.

14. A dama pode intervir no processo de condução? Como? Em qual (is) situação (ões)? Não.

15. O que é ser homem?

Ser homem, na minha opinião, é a pessoa que tem responsabilidade com as atividades que ele vai exercer no seu cotidiano: trabalho, estudo, criação de família, educação de família e companheirismo.

16. Quais as funções/os papéis dos homens na sociedade?

Educar, trabalhar, seguir os padrões sociais, que hoje em dia são muito cobrados, e estar envolvido em coisas que vão melhorar e ajudar outras pessoas, sejam fatores sociais ou dentro da comunidade onde estão inseridos.

17. Como deve ser o homem ideal?

Como diz o ditado: é muito difícil se achar um homem ideal. Mas o homem ideal ele tem que ser educado, trabalhador, ser honesto, interagir com as pessoas que ele está relacionado. Entendeu? Então, assim, se fosse para ter um homem ideal, seria assim. Mas, igual eu falo, como diz Durkheim: a gente tem que estar dentro da sociedade para compreendê-la. Então, às vezes, o que seria um homem ideal para você, não é para outra dama, não é para outra, não é para outra. Então, você tem que ser inserido. Às vezes, o bairro que ele mora, a sociedade que ele frequenta, às vezes, para uma sociedade o cara que mora lá no Morumbi, às vezes, não é ideal para o que mora no Lídice. Então, depende do meio que ele está inserido.

18. Os homens podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Pode! Pode! Hoje em dia você vê homem cabelereiro, homem que mexe com unha, homem que trabalha em lavanderia, tem homem que trabalha em serviços gerais. Antigamente isso eram coisas que raramente você veria.

19. O que significa ser cavalheiro?

É aquele cara educado, cortês, sensível, bom condutor. Você entendeu? Elegância em si.

20. Quais as funções/os papéis do cavalheiro na dança de salão?

O principal deles é condução. É ele dançar, mas conduzindo a dama aonde ele quer que ela chegue, porque os passos são ensinados separadamente, mas se não houver a condução do cavalheiro, a dama não tem entendimento do que é.

21. Quem pode ser cavalheiro?

Qualquer cavalheiro que disponha a participar da dança de salão.

22. Quem não pode ser cavalheiro?

Aquela pessoa que não tem comprometimento, que não é educado, que não tem delicadeza, que não tem a sensibilidade, porque hoje em dia para você trabalhar com dança você tem que ser uma pessoa sensível.

22.1. As mulheres podem assumir a função de cavalheiro?

Podem.

23. Como deve ser o cavalheiro ideal?

O cavalheiro ideal é igual eu falei para você lá em cima. É o cavalheiro que ele tem uma boa condução, que ele seja sensível, educado, comunicativo, sociável, porque não tem como você ser um cavalheiro se você não for sociável com as pessoas ao seu redor, porque um dos princípios da dança é sociabilizar o grupo que está ali participando daquela aula. Então, você tem que estar inserido dentro desse contexto.

24. O cavalheiro pode se deixar guiar pela dama? Em qual (is) situação (ões)?

Não. Só se for em questão de aprendizado, por exemplo, que uma professora está dando aula para um cavalheiro ou tem uma dama que está fazendo de cavalheiro. Em aula, pode até ser. Mas dentro da dança, assim na hora que você está dançando, está fazendo uma apresentação aí já não cabe.

25. Você acha que a relação entre mulheres e homens mudou ao longo da história da humanidade? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Muito. Totalmente. Elas terem inserido dentro do mercado de trabalho saiu daquela mudança. Igual eu falei para você, antigamente as mulheres eram criadas para ser boas esposas, dona de casa, saber bordar, saber cozinhar, lavar. Hoje em dia não. Hoje em dia elas já crescem querendo aprender profissões voltadas para o mercado de trabalho.

26. Você acha que a relação entre dama e cavalheiro mudou ao longo da história da dança de salão? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Assim, a mudança significativa que teve dentro da dança de salão é que hoje em dia as mulheres têm opinião, por exemplo, se ela vai fazer um movimento, um passo. Hoje em dia elas têm mais liberdade para falar, entendeu? Por exemplo, têm estilos de dança que a dama, quando ela não está sendo conduzida pelo cavalheiro, ela tem a liberdade de criar, de fazer seus movimentos, de fazer o seu trabalho. Então, antigamente não. Antigamente era uma coisa mais restrita. Antigamente era uma coisa mais restrita. Então, hoje em dia isso é mais natural, é mais aberto.

27. Como você reage quando uma dama te convida para dançar?

Eu, pessoalmente, eu... Só que é uma coisa que é complicada dentro, principalmente aqui em Uberlândia, mas não só aqui em Uberlândia, é em muitos lugares. Igual, por exemplo, quando você ensina alguém a dançar, é o que eu sempre falo com meus alunos aqui, você cria a pessoa para dar prazer, a outras pessoas, de dançar, você não faz a dança para ser para você. Então, para mim, eu enquanto pessoa, assim, quando a dama me chama para dançar, isso é totalmente normal, porque hoje em dia, igual eu falei, elas têm essa liberdade. Então, se eu estou num lugar que é para dança de salão, se eu me propus a ir naquele lugar, eu estou ali para dançar com quem me convidar. Então, igual eu falei, a questão do cavalheiro ser elegante, ser educado, entendeu? Só se eu estiver, por exemplo, se eu estiver com a minha esposa ou se eu estiver ido para lazer, é uma coisa. Mas se eu estiver ido com a intensão de dançar, de levar a dança, aí eu encaro isso como uma coisa normal e eu tenho que atender. É por isso que a gente fala: cavalheiros.

27.1. O que você acha de uma dama poder convidar um cavalheiro para dançar?

É super tranquilo. Só que tem aquele preconceito. A pessoa já vai e, às vezes, não chama com medo de tomar um corte, entendeu? Então, isso acontece muito aqui nas noites aqui de Uberlândia. Às vezes a dama vai chamar um cavalheiro, ela vê que tem um cavalheiro dançando bem, aí ela vai lá chamar ele para dançar e ele pega e fala: não. Entendeu? Isso acontece demais aqui, principalmente no caso quando a pessoa é um monitor de academia, é um professor de academia, em geral, se é uma dama que não dança, que não está no mesmo nível que ele para dançar, aí, geralmente, ele dá uma desculpa.

28. Você acha que a dança de salão de Uberlândia está preparada para ceder espaço para outros modelos de casal que não o heterossexual?

É possível. Não vou falar assim... Dentro das academias estão, mas quem está de fora das academias eu acho que não. Igual, por exemplo, a dança de salão em si mesmo já sofre um preconceito pelo fato de dançar mais próximo, de ter envolvimento, de ter sensualidade, de ter... Às vezes, igual, por exemplo, uma dama vem fazer aula, o namorado dela não dança, ele vim cá e ver ela fazer aula, ele faz ela parar ou ela termina o namoro, porque acha que o cavalheiro dançando com ela está dando muita atenção. Então, a dança em si para pessoas normais já tem um preconceito. Então, para pessoas diferentes sofre um preconceito maior ainda. Não pelas pessoas que fazem aula, porque isso é conversado dentro da dança de salão. Igual, por exemplo, eu faço de dama quando tem muito cavalheiro. Às vezes tem esses meninos que chegaram aqui. Às vezes eu faço de dama para eles. Às vezes eles fazem de dama para mim. Porque é mais fácil eu sentir a condução sendo dama do que sofrer a condução, então, eu mostrando para o cavalheiro, o cavalheiro tem o entendimento mais fácil. Então, dentro das academias eles estão preparados. Igual, por exemplo, há dois anos e no ano passado eu fui a uma apresentação de samba rock. Têm dois cavalheiros. Não sei se você chegou a entrevistar essa academia, que trabalha com samba rock. Lá, um casal de dois homens fez a apresentação um dançando com o outro.

APÊNDICE P – Entrevista 13¹⁶

Nome fictício: Lucas

Idade: 31

Nacionalidade: brasileiro

Naturalidade: Monte Carmelo

Sexo: masculino

Identidade de gênero: homem

Classe social segundo renda familiar: C

Identificação étnico-racial: não declarada

Escolaridade: Cursando Ensino Superior em Direito

Profissão: empresário e assistente administrativo

1. O que é a dança?

Para mim, a dança é uma forma de realização, porque a dança eu vejo como a atividade mais completa que o ser humano pode ter, porque ela une diferentes gêneros, diferentes classes sociais. Nós temos, aqui, pessoas que, às vezes, só têm o ensino fundamental, o ensino médio, um curso superior, pessoas bem sucedidas profissionalmente, solteiras, casados, pais, irmãos, filhos. É muito democrático.

2. O que é a dança de salão?

Para mim, ela é mais especial, porque é uma das poucas danças em que se dança a dois, não é? Geralmente, outras atividades dançantes você trabalha muito com o si, né? Por exemplo, no balé, no sapateado, no alongamento é você sozinho. Na dança de salão você trabalha com o outro, então, a parte social é muito importante.

3. Desde quando pratica essa modalidade de dança?

Desde 2001.

4. Por que escolheu a dança de salão?

A dança de salão veio a me completar. Então, é difícil falar por que motivo eu escolhi a dança de salão, ela apareceu em minha vida e ela trouxe o preenchimento de um vazio que eu não sabia que existia em mim.

5. O que é ser mulher?

Olha, eu acho que a mulher ela é o alicerce do homem, porque o homem sem a mulher ele sempre vai ser incompleto.

6. Quais as funções/os papéis das mulheres na sociedade?

Hoje essas funções são múltiplas, né? Até pelo momento em que a gente vive. A mulher já conquistou bastante coisa na sociedade equiparando-se, às vezes até ultrapassando, os homens, em algumas áreas.

7. Como deve ser a mulher ideal?

Eu penso não somente a mulher ideal, mas também o ser humano ideal, aquele que sempre tem os seus objetivos e tenta conquistá-los sempre, até o resto do seu esforço.

8. As mulheres podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Ah, eu acho que a sociedade já demonstra isso, né? Que, às vezes, a mulher tem papéis que eram antes relacionados somente aos homens, né? E vice-versa.

9. O que significa ser dama?

Ser dama, na dança de salão, é tentar decodificar o sentimento que o cavalheiro tem para aquele momento, porque na dança quem conduz é o cavalheiro, então, quem sente, quem planeja as ações é o cavalheiro. Então, a dama ela tem uma parte muito importante que é trazer esse sentimento e executar, às vezes, um sentimento que não é dela. Mas colocar um pouco de si também.

¹⁶ Entrevista realizada no dia 06 de abril de 2013 com duração de 13 minutos e 52 segundos.

10. Quais as funções/os papéis da dama na dança de salão?
A dama faz a dança acontecer, ela que é o brilho da dança, né?

11. Quem pode ser dama?
Qualquer mulher.

12. Quem não pode ser dama?
Eu acho que o papel da dama para a mulher é acessível à todas elas. Depende, realmente, muito do querer, como qualquer atividade que a gente faz.

12.1. Você acha que um homem pode ser dama?
Bom, a dança de salão ela é fechada. É o homem e a mulher. Então, assim, são papéis bem definidos, né?

13. Como deve ser a dama ideal?
A dama ideal, na dança, é aquela que consegue dançar com qualquer cavalheiro e expressar seu sentimento independente de quem esteja dançando.

14. A dama pode intervir no processo de condução? Como? Em qual (is) situação (ões)?
Não digo exatamente no processo de condução, porque a condução é realmente do cavalheiro. Mas, hoje em dia, tem o que a gente chama de indução. O cavalheiro dá a deixa para a dama e ela tem possibilidades dentro do movimento. Em vários ritmos existem movimentos que exigem a mesma quantidade de tempo para ser executado e a dama pode escolher, dentro desse mesmo espaço de tempo, fazer determinado charme, charme x, y, a, b, c.

15. O que é ser homem?
O homem, hoje em dia, tem que ser cada vez mais compreensivo, porque a própria sociedade fez o homem como ser individual, não somente em relação a outros homens, mas em relação às mulheres. Então, hoje o papel do homem, hoje em dia, é o papel mais de construção coletiva.

16. Quais as funções/os papéis dos homens na sociedade?
A tendência que nós vemos é que os papéis, às vezes, até se invertam dentro de casa, cuidando de filho, tendo um emprego que ganha mais ou menos. Então, essas funções são relativas a cada pessoas, elas podem variar.

17. Como deve ser o homem ideal?
Na sociedade o homem tem que ser cada vez mais participativo em se tratando de família e em se tratando do convívio com as mulheres.

18. Os homens podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?
Com certeza. Em se tratando de trabalho, estudo ou atividades dentro do lar isso é mais do que certo.

19. O que significa ser cavalheiro?
Ser cavalheiro, na dança de salão, é uma grande responsabilidade, porque a gente tem aquela ideia que, desde criança, quem dança é a mulher. Então, não que o homem não possa dançar, todos podem independente de sexo. A grande questão é que nós somos condicionados à isso e aí quando a gente começa a ver que não existe isso, a dança é igual para todos, o homem acaba tendo que recuperar esse tempo perdido. Ele tem um papel muito importante, porque é ele que interpreta, é ele que conduz a dama, ele leva a dama pelos caminhos, ele escuta a música e pensa o que fazer. Então, é muito importante o papel do cavalheiro na dança.

20. Quais as funções/os papéis do cavalheiro na dança de salão?
Dentre os importantes está o respeito com sua dama, né? Respeitar o nível que ela está, respeitar as condições, também, e respeitar o local. O papel do cavalheiro é muito completo. Nesse sentido, a responsabilidade é muito grande.

21. Quem pode ser cavalheiro?
Todos podem ser cavalheiros.

22. Quem não pode ser cavalheiro?
Aquele que não está disposto a escutar, a sentir, a compreender e a aceitar o outro.

22.1. Quando você me fala que todos podem ser cavalheiros, “todos” se refere a todos os homens?

É porque as perguntas são: quem pode ser cavalheiro? E quem pode ser dama? Então, isso depende de cada um. Todos. Quem quiser. Como tudo na vida, é a gente querer e assumir aquele papel ou não. Se você não quer, você nunca vai conseguir.

23. Como deve ser o cavalheiro ideal?

Aquele que respeite a sua dama.

24. O cavalheiro pode se deixar guiar pela dama? Em qual (is) situação (ões)?

Deixar-se guiar é uma questão complicada, porque quando a gente fala de condução, a condução, é claro, que é o cavalheiro. Alguém tem que assumir esse papel e acabou se assumindo que o homem é que tem esse papel de conduzir a dama, então, deixar-se, às vezes, pode fazer o cavalheiro se complicar. Acho que o mais interessante até agora é a cumplicidade, o cavalheiro dar o caminho e a dama fazer aquela dança brilhar com esse caminho que o cavalheiro deu para ela. Ele não pode é limitar a dama.

25. Você acha que a relação entre mulheres e homens mudou ao longo da história da humanidade? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Com certeza. O simples fato de estarmos aqui na academia e vermos mulheres, que são formadas, que tem empregos, que ganham mais que os homens. E, homens respeitam essas mudanças. Lógico que nem todos. Mas, assim, a sociedade tem que aceitar isso, porque isso veio para ficar.

26. Você acha que a relação entre dama e cavalheiro mudou ao longo da história da dança de salão? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Mudou, porque essa questão do aspecto sociológico da mudança do papel da mulher acabou influenciando em todas as áreas, assim como na dança. Então, é... Antigamente existia somente a condução. Hoje existe também a indução, que é o que eu falei, o cavalheiro dá oportunidade da dama ser livre dentro daquilo que ele propõe.

27. Como você reage quando uma dama te convida para dançar?

Para nós é natural, porque a gente incentiva esse tipo de situação. Tanto homem tanto dama podem convidar. A gente incentiva e muito. A gente brinca que a gente obriga que isso aconteça, porque é aquela questão: se você sai para dançar, você sai para dançar. Então, assim, por que não chamar o outro?

28. Você acha que a dança de salão de Uberlândia está preparada para ceder espaço para outros modelos de casal que não o heterossexual?

Eu não falo, especificamente, da cidade de Uberlândia, mas é... Eu viajo muito pelo Brasil todo. Capitais: Brasília, São Paulo, BH. Eu não vou responder Uberlândia. Eu vou responder qualquer cidade brasileira, qualquer grande capital do país. Eles não estão preparados para isso.

28.1. Você acha que o casal hetero na dança de salão é uma questão tradicional e por isso que é mantido?

Bom, assim como algumas convenções sociais, por exemplo, o casamento desde o início foi homem e mulher. Dentro de casa, uma família no início foi um homem e uma mulher. A dança hoje é um homem e uma mulher. Então, acaba que a dança é o espelho da sociedade. Essas mudanças, que por ventura possam vir, dependem de cada segmento, também, não depende de quem já está acomodado com o que se considera normal ou não. A arte acaba sendo o espelho daquele momento social em que a gente vive, né? Então, pode ver, qualquer atividade artística, se você for estudar o tempo em que ocorreu, aquela atividade foi influenciada pelo momento social.

APÊNDICE Q – Entrevista 14¹⁷

Nome fictício: Diná

Idade: 46

Nacionalidade: brasileira

Naturalidade: Uberlândia

Sexo: feminino

Identidade de gênero: mulher

Classe social segundo renda familiar: A

Identificação étnico-racial: branca

Escolaridade: Ensino Superior em Odontologia

Profissão: professora de dança de salão e odontóloga

1. O que é a dança?

A expressão do ser.

2. O que é a dança de salão?

A dança de salão é tudo que se dança a dois.

3. Desde quando pratica essa modalidade de dança?

Têm 16 anos.

4. Por que escolheu a dança de salão?

A dança de salão ela aproxima as pessoas. As outras danças nem tanto, né? Mais por isso.

5. O que é ser mulher?

A mulher hoje ela tem um papel, para mim, igual ao homem em todos os sentidos.

6. Você acha que existem funções/papéis sociais específicos para as mulheres?

Eu acho que não. Eu acho que a mulher hoje ela está equiparada.

7. Como deve ser a mulher ideal?

Eu acho que não tem mulher ideal como não tem homem ideal. Têm pessoas com defeitos e qualidades.

8. As mulheres podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Eu acho que sim. Não têm regras não.

9. O que significa ser dama?

Ser dama é você ser conduzida, não sem perder a sua individualidade, mas seguindo alguém.

10. Quais as funções/os papéis da dama na dança de salão?

A dama ela é conduzida, ela interage com o seu par... A dama ela é a dança. Para mim ela é a dança! Se você for ver um casal dançando, você vai ver, principalmente, a dama.

11. Quem pode ser dama?

Qualquer pessoa.

12. Quem não pode ser dama?

Na minha opinião, os homens.

13. Como deve ser a dama ideal?

A dama ideal é aquela que não é ansiosa, aquela que não vai na frente, aquela que não reclama do cavalheiro, é aquela que sempre está pronta para seguir.

14. A dama pode intervir no processo de condução? Como? Em qual (is) situação (ões)?

No processo de condução não, mas ela pode influenciar o cavalheiro. Por exemplo, o cavalheiro pede um movimento e ela quer fazer um enfeite, um floreio que a gente chama. O cavalheiro não dá tempo para ela. Ela pode segurar o corpo e fazer com que ele dê esse tempo para ela. Dessa forma, ele já vai estar esperando, ela já vai estar influenciando no processo todo da dança.

15. O que é ser homem?

¹⁷ Entrevista realizada no dia 03 de maio de 2013 com duração de 07 minutos e 16 segundos.

Eu acho que o homem ainda é considerado o dominante na sociedade. Em algumas, na maioria das pessoas.

16. Quais as funções/os papéis dos homens na sociedade?

Eu acho que não. Eu acho que hoje em dia misturou muito, né?

17. Como deve ser o homem ideal?

Que respeita a dama, né? Que respeita a mulher.

18. Os homens podem assumir funções/papéis que não sejam os esperados socialmente?

Eu acho que sim, né?

19. O que significa ser cavalheiro?

O cavalheiro é ser gentil, é saber conduzir, é saber respeitar a dama, é saber valorizar a dama.

20. Quais as funções/os papéis do cavalheiro na dança de salão?

Os papéis são: conduzir bem; respeitar também o nível de cada dama, não fazer movimentos que ela não conheça; ser gentil; ser amável.

21. Quem pode ser cavalheiro?

Qualquer cavalheiro que se dedique a estudar o que é ser um cavalheiro.

22. Quem não pode ser cavalheiro?

Eu acho que as damas não podem ser.

23. Como deve ser o cavalheiro ideal?

Que conduz bem e que respeita a sua dama.

24. O cavalheiro pode se deixar guiar pela dama? Em qual (is) situação (ões)?

Não. Para mim, não.

25. Você acha que a relação entre mulheres e homens mudou ao longo da história da humanidade? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Sim. É... A relação financeira dos dois, né? Antigamente o homem arcava com todas as despesas, né? Hoje não é assim mais.

26. Você acha que a relação entre dama e cavalheiro mudou ao longo da história da dança de salão? Se mudou, fale sobre essas mudanças.

Para quem trabalha a dança de salão da forma tradicional, ela se mantém. Mas, hoje em dia, existem pessoas que às vezes... Existem profissionais e profissionais, né? Têm pessoas que, às vezes, não se deixam... não seguem a tradição da dança de salão e aí, talvez sim, pode ter mudado.

27. Você convidaria um cavalheiro para dançar?

Se eu o conhecer, sim.

27.1. O que você acha de uma dama poder convidar um cavalheiro para dançar?

Eu acho que, quando ela conhece ele, é natural. Hoje em dia é normal.

28. Você acha que a dança de salão de Uberlândia está preparada para ceder espaço para outros modelos de casal que não o heterossexual?

Eu acho que não.

28.1. E a participação de homossexuais na dança de salão?

Eu acho que o homossexual que participa da dança de salão, mas que na dança ele é homem, é normal.

28.2. Você acha que a formação do casal de sexos opostos para a dança de salão é uma questão estética tradicional que não pode ser rompida?

Para mim ela não pode ser rompida. Faz parte tanto estética como função, como próprio corpo de cada um. A mulher não foi feita para guiar. O homem sim. A própria consistência do corpo, a musculatura não funciona para isso.